

Fundador:
Edson Régis
• 27-Maio-1949

Correio das Artes

Suplemento
quinzenal
de A UNIÃO

NOVA FASE

João Pessoa. 29 de março de 1981

Nº 143



Elvira Régis 80

DR. FRANKENSTEIN ERA PIRADO

Não podemos criar monstros anômalos para alimentar nossa vaidade e o ego de nossos amigos mais queridos, aqueles da mesma tribo, ao exercer o poder. Nessas questões culturais em nome do prazer alguns dos melhores rapazes, das melhores famílias, das melhores sociedades se julgam o árbitro sensível que legará ao futuro o perfil dramático de uma época, apenas com as impressões que recolhe quando olha no espelho ao escovar os dentes ou durante a cerveja que toma com um dos seus amigos no bar habitual.

O ritmo não deve ser bem esse quando a música é executada com a orquestra paga pela maioria. A maioria deve escolher a sua canção porque se a transa for na base

da imposição, da satisfação de grupeicos equivocados, a lição precisará de um espelho para ser compreendida.

Esclareço logo: essas anotações são mais uma gota de fel ou mel que se juntará ao lago turbulento no qual sobram os saldos do festival da arte de Areia promovido pela Secretaria de Educação e Cultura e bem administrado por Raimundo Nonato, da Diretoria Geral de Cultura.

O meu alvo: antologia poética *Carro de Boi*. A cintilante edição teve a pretensão de reunir o melhor sabor da poesia paraibana. Sinto o cheiro da pressa na sua coordenação. Algumas interrogações bailam buliçosas na minha cabeça desde que o livro me foi entregue pelo animador cultural Juca Pontes.

A antologia traça um diagnóstico irreal de poesia paraibana e mistura alho com bugalhos ao incluir um *martelo agalopado* do compositor nacionalmente conhecido, Zé Ramalho. Inclui trabalhos que não refletem a atualidade dos poetas, como no caso de Sérgio de Castro Pinto, e nega a presença da mulher na criação poética paraibana

• WALTER GALVÃO

como se apenas ao homem fosse dado o privilégio de discordar das vontades de Platão.

Chato renitente? Posso ser. Mas, de Anayde Beiriz - que está até na moda - a essa época em que as meninas pregam seus versos pelas paredes das universidades, o charmoso mundo feminino produziu muito mais coisas do que imitações chinfrins do corte *Pierre Cardin* para algum "tailleur".

Uma amiga minha, poetisa, me acusou, só porque sou homem, de promover a discriminação contra as artistas paraibanas que existem, falam, andam e rabiscam seus versos nas noites de alegria ou angústia.

A crítica foi pequeninha mas os problemas é que folhear a antologia ricamente encadernada e não encontrar uma voz feminina aguçou meu espírito brigão. Me sinto, toda vez que procuro um poema de alguma menina no livro e não encontro, como se afagasse os cabelos de alguma criação do pirado dr. Frankenstein que colonizou as minhas noites de terror pessoense. Não devia ser assim.

Neste Número

A conotação irônica de que se reveste a lírica de Wilson Araújo de Souza não vem a reboque do poema-piada cultuado em 22 e que se propunha, sobretudo, a por em xeque a corrente parnasiana e suas fórmulas hieráticas. Em suma, o *humour* de Wilson Araújo de Souza atua mais a nível de uma ironia corrosiva e contundente e, por isso mesmo, comprometida com a época presente. O mesmo podemos dizer com relação ao discurso poético de Ulysses Tavares, também presente nesta edição de *O Correio das Artes*.

De Justino A. Lima, poeta piauiense e que, no momento, faz o curso de biblioteconomia da UFPb, publicamos dois poemas cuja linguagem lírica busca atingir uma realidade coletiva, comum a todos.

Neroaldo Pontes de Azevedo, professor da UFPb ora fazendo doutorado na USP, discorre sobre a Tese de Mestrado do Prof. Fabiano Nogueira, enfatizando sobretudo o aspecto do aludido professor ter escolhido um romance de O. G. Rego de Carvalho como tema de sua dissertação.

Já Hildeberto Barbosa Filho se detém no romance *Senhora*, de José de Alencar, enquanto que Antônio Hohelfdt incursiona à obra de Maria José Limeira. Autora paraibana que, de um modo ou de outro, vêm sendo objeto de estudos da crítica brasileira.

E além de um depoimento da poeta Maria José Giglio ao escritor José Afrânio Moreira Duarte, veiculamos contos de João Carlos Franca e Carlos Tavares. Josemir Camilo, por sua vez, escreve sobre Popper.

No mais, publicamos as seções *Novos e Registro* bem como um artigo de Walter Galvão sobre a antologia *Carro de Boi*, lançada recentemente pela Secretaria da Educação e Cultura através do DGC.

• O EDITOR

Correio das Artes

(Suplemento de A UNIÃO)

EDITOR
Sérgio de Castro Pinto

SUPERVISOR
Agnaldo Almeida

CONSELHO CONSULTIVO

Gonzaga Rodrigues
Antônio Barreto Neto
Arlindo Almeida
Walter Galvão
Wilson Brunel Meller
Sérgio de Castro Pinto

Os conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas são da inteira responsabilidade de seus autores.

Os originais de matérias não publicadas, mesmo quando solicitadas pela Editoria, não serão devolvidos.

Toda correspondência referente à editoria (cartas, colaborações, revistas e livros para registros) deve ser enviada à Rua Desembargador José Peregrino, 321, João Pessoa/Paraíba.

A correspondência referente a vendas, assinaturas e publicidade deve ser enviada para A UNIÃO Companhia Editora, Distrito Industrial, km 3 da BR-101, João Pessoa/Paraíba.

Assinatura anual
Paraíba
Cr\$ 350,00
Outros Estados
Cr\$ 400,00

CONCURSO DE ENSAIO JUAREZ DA GAMA BATISTA

O *Correio das Artes*, juntamente com a Faculdade de Letras de Guarabira, estão cogitando de lançar o Concurso de Ensaio Juarez da Gama Batista, numa justa homenagem àquele intelectual paraibano recentemente falecido. O diretor da Faculdade de Letras de Guarabira, Professor Saulo Benevides, mostrou-se receptivo à idéia. Brevemente, estaremos veiculando maiores detalhes sobre o concurso e, quem sabe, publicando o seu regulamento. De princípio, podemos adiantar que o Concurso de Ensaio Juarez da Gama Batista será de âmbito estadual.

Correio das Artes



A capa deste número de *O Correio das Artes* é de Flávio Tavares, artista paraibano cujo trabalho já é plenamente reconhecido pela crítica brasileira. No mês de setembro, Flávio viajará à Alemanha, onde estará expondo os seus mais recentes trabalhos.

A PROPÓSITO DE UMA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SOBRE O.G. REGO DE CARVALHO

• NEROALDO PONTES DE AZEVEDO



Lima Barreto: ressuscitado

O professor Fabiano Nogueira, da Universidade Federal do Piauí, apresentou recentemente, perante a Universidade Federal da Paraíba, sua dissertação de mestrado, a respeito de *Rio Subterrâneo*, de O.G. Rego de Carvalho.

As reflexões que se seguem são inspiradas diretamente no conjunto do trabalho do prof. Fabiano, no mundo complexo que gira em torno da obra de O.G. Rego de Carvalho, em algumas preocupações nossas há um certo tempo e em algumas leituras mais recentes.

O primeiro ponto a lembrar é a propriedade da escolha realizada por Fabiano, ao tomar como objeto de sua dissertação de mestrado a obra de um escritor de sua terra, o piauiense O.G. Rego de Carvalho. A bem da verdade, deve-se dizer que O.G. não é dos escritores da "provincia" que se possa chamar de injustiçado. Publicado por uma editora do sul do país, o que pode em princípio assegurar maior divulgação da obra, tendo *Rio Subterrâneo* atingido a terceira edição, trata-se já de um início de reconhecimento do seu mérito. Mas é preciso que se diga que a qualidade da obra de O.G. mereceria mais atenção, especialmente por parte da crítica. É nesse sentido que assinalamos a iniciativa correta de Fabiano em estudar a obra do escritor piauiense.

Mas, se a obra de O.G. tem valor (todos os que se debruçaram sobre sua obra, mesmo superficialmente, o reconhecem), o que faz com que não seja conhecida, divulgada, estudada, como merece?

A situação não é particular a um só escritor. Há em verdade, uma situação geral, comum, grave, que deve ser sempre pensada por aqueles que se ocupam com a literatura.

Refiro-me àquilo que se poderia chamar de uma "política do livro" (ver R. Escarpit, *Sociologia da literatura*, Lisboa, Ed. Arcádia, 1969). É bem claro que não se trata simples-

mente de um apelo a uma propaganda comercial em torno deste ou daquele autor, a deste ou daquele livro. Trata-se, em última análise, de pensar qual o lugar do livro nesta sociedade dependente em que vivemos. Nada serve à causa pensar o livro como sendo apenas uma questão de autor e obra, como se eles existissem independentes de tudo e de todos. A existência de um leitor, sujeito também ele, às imposições de um sistema político, social, econômico, traz problemas à compreensão global da literatura. O livro, como, de resto, a arte de modo geral, está dentro de uma estrutura coletiva, o que traz problemas para quem quiser entendê-lo. É preciso ter bem presente que "no sistema capitalista, as obras de arte, como todos os bens, são mercadorias, razão pela qual o valor de troca prevalece sobre o valor de uso". (Nestor G. Canclini, *A socialização da arte*, São Paulo, Cultrix, 1980, p. 24). Ora, o fato de esse problema não ter sido levado suficientemente a sério faz com que as histórias da literatura que conhecemos, de modo geral, à semelhança da história que se fala dos considerados grandes homens e grandes feitos, só dêem conta dos grandes livros, dos grandes autores, ou mais precisamente, daqueles que a máquina ideológico-publicitária resolveu considerar como grande autor ou grande livro. Tal é também a atitude de grande parte dos críticos. É verdade que há autores ou obras que escaparam a esse determinismo, ou que são recuperados, ressuscitados, posteriormente, como é o caso de um Sósândrade, ou mesmo de uma recente valorização de Lima Barreto.

Percebe-se aqui que a sociologia do livro é capítulo importante da sociologia da literatura. "Não é indiferente à compreensão das obras do fato de o livro ser um produto manufaturado, distribuído comercialmente e, portanto, sujeito à lei da oferta e da procura". (R. Escarpit, o.c. p.11).

Em termos claros, o grave de tudo isso é que a máquina publicitária assume o lugar do crítico, o papel de julgamento do leitor. Porque o leitor recebe uma carga de informações juntamente com o livro. Informações dirigidas. Ou não recebe o livro, que teria direito de conhecer. Tudo isso sem aludirmos à condição econômica do leitor brasileiro, que não pode comprar livro, ou ao papel incômodo e castrador da censura.

Um tal estado de coisas tem repercussões muito profundas na obra de arte enquanto tal, comprometendo a sua própria estrutura. É a máquina atuando no processo mesmo de produção.

Por sua vez, o gosto o julgamento estético, tudo está em dependência dessa máquina ideológico-publicitária, uma vez que "a distinção entre as obras de arte e os demais objetos, e a especificação da atitude estética adequada para captar o "artístico" são o resultado de convenções relativamente arbitrárias, cuja única "legitimidade" é dada pelas necessidades do sistema de produção e pela reprodução das atitudes consagradas como estéticas pela educação". (N.G. Canclini, o.c. p.12). É o alto preço que paga o artista de um país dependente - dependente da máquina interna e da imposição dos modelos culturais externos. No Brasil, no caso de uma literatura produzida fora do eixo de desenvolvimento do país, ou que tenha o seu ponto de partida na realidade regional considerada periférica, o problema se agrava, pois é evidente que o tratamento discriminatório atinge - e como não atingiria? - a própria arte. É bem o caso do Nordeste que, discriminado economicamente, vê-se também discriminado do ponto de vista de sua produção cultural, submetido à imposição de um gosto reflexo, que poderia ser resumido na fórmula: "bom, porque de fora", ou, quando muito, "bom, porque aprovado lá fora".

É preciso, pois, levar em consideração o processo de produção da literatura, sem desprezar o processo de sua percepção, "Se o gosto pela arte, e por certo tipo de arte, é produzido socialmente, a estética deve partir da análise crítica das condições sociais em que se produz o artístico". (N.G. Canclini, o.c. p. 12).

Cabe aqui, então, chamar a atenção para a segunda propriedade positiva do trabalho de Fabiano: a escolha de uma perspectiva teórica que analise a arte como um processo "social e comunicacional", em que a obra aparece "não mais como o fruto excepcional de um gênio, mas como produto das condições materiais e culturais de cada sociedade". (N.G. Canclini, o.c., p.1). É assim que a noção de homologia entre as estruturas da sociedade e do romance, veiculada por L. Goldmann, em *A sociologia do romance*, é profundamente fértil para se entender o espaço romanesco. Daí o acerto em submeter *Rio Subterrâneo* a uma análise genético-estrutural, conforme ainda a perspectiva de L. Goldmann.

Ao lado de todo elogio à excelência da linguagem de O.G., não se pode esquecer que *Rio Subterrâneo* faz a denúncia do meio amesquinhado que marginaliza o homem, levando-o a uma tensão com o mundo e, mais duramente, a uma tensão com o seu próprio eu. É nessa direção que se dá a conclusão do trabalho de Fabiano, *O mundo degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em Rio Subterrâneo*, quando afirma que "a narrativa não coloca apenas um drama pessoal, mas também o de todo um grupo, o dos doentes mentais, cujo grito de sofrimento, marcado pela ausência de comunicação, se encontra sintetizado na epígrafe - "Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito" - que repercute junto ao leitor como um desesperado apelo à compreensão humana."

Tendo-se presente o papel da máquina ideológico-publicitária, na sua atuação sobre o processo de produção, distribuição e percepção da literatura e da arte em geral, fácil é perceber o difícil caminho de uma arte que aponte os dramas de um povo, que torne mais clara a contradição burguesa.

Não será esse o "pecado" dos grandes "injustiçados"?

MARIA JOSÉ GIGLIO E ELEMENTARES



• DEPOIMENTO A JOSÉ AFRÂNIO MOREIRA DUARTE

Maria José Giglio nasceu em São Paulo. Poeta. Gosta de arqueologia e viajou pela Bolívia e Peru, fazendo pesquisas. Publicou "Versos de um Polichinelo", "Luz ao Longe", "Poemas ao Amado", "Labirinto", "Sonetos do Oitavo Dia", "Poema Total", "Cinco Elegias e Uma Sonata", "Salmos Abstratos", "3 Motivos + UM" e, recentemente, "Elementares". Participou de diversas antologias. "Labirinto" foi traduzido para o italiano e valeu-lhe a Palma de Ouro da Academia Internacional de Ciências e Letras de Nápoles. Durante algum tempo, além de dedicar-se à literatura, Maria José Giglio dirigiu galerias de arte na capital paulista. Pertence a diversas entidades culturais. Viajou, também, pelos Estados Unidos, Europa e Argentina.

Por que será, José Afrânio, que as pessoas cismam de entender o poeta ao pé da letra? Por que será que não aceitam que a poesia pode ser toda feita de alusões, sugestão, ambiguidade, significados diversos, questionamento sem fim? O poema não é uma narrativa que fixa um fato. O poema é um caleidoscópio verbal que a sensibilidade do leitor movimenta. Uma mínima diferença de inteligência, cultura, capacidade emotiva de quem lê e o poema dirá outra coisa, e outra coisa, indefinidamente.

Você me pede um depoimento sobre o meu último livro editado, o "ELEMENTARES". E de repente me dou conta de que, por mais que pense e queira esclarecê-lo, ele, como todo fato consumado, já está fora de meu alcance. No inexorável dinamismo e desgaste temporal, esse livro, meu livro, já não me pertence, isto é deixou de ser o meu momento vivido em ação e palavra, e se transformou num objeto paginado, resíduo factício, passado e memória, e como tal impossível de ser abarcado por mim mesma em plenitude e profundidade.

Estranha, muita estranha, esta disparidade entre o tempo-autor e o tempo-leitor! Aliás, o fenômeno tempo é uma das minhas preocupações maiores e, portanto, uma das linhas mestras, uma das chaves que abrem todo meu trabalho literário. No livro "ELEMENTARES", tentei enfatizar ao máximo este aspecto e recorri ao uso do tempo real da história humana e à duração intemporal dos contos de fadas.

Antes de prosseguirmos, José Afrânio, julgo necessário um esclarecimento. Como consequência de contínua observação, análise e pesquisa, aderi àquela desalentadora conclusão de que a humanidade sofre de debilidade mental congênita, por insuficiência estrutural do cérebro. Somente inúmeras eventualidades mutacionais que possivelmente acontecerão no transcorrer dos milênios farão da criatura humana um ser apto à verdadeira compreensão da vida e do universo. Assim, situada neste contexto de débil mental igual aos outros, talvez apenas mais teimosa, ou menos distraída, procuro arduamente aprender, e vou grafando em versos, único material que em minha completa burrice ante tudo o

mais restou como ferramenta e expediente, vou grafando, como disse, meu esforço individual rumo ao destino da espécie, provável, incognoscível e longínquo.

Também necessárias, parece-me, duas palavras sobre o que é, para mim, poesia. Dizendo melhor, apenas uma palavra: tudo. Poesia para mim é absolutamente tudo. Neste minuto mesmo, por exemplo, mastigo uma maçã. Cortei-a e, estando um pouco passada de madura, as sementes apareceram como brancos embriões. Fiquei a olhar o útero fértil da maçã, em completa absorção. Não escreverei um poema sobre este incidente, não me sinto compelida: a fazê-lo, porém meus neurônios, o inconsciente coletivo, e aqui os símbolos gráficos, registram-no como pura poesia.

Então se explica naturalmente outra proposta de "ELEMENTARES": a abrangência poética. Poetizar tudo, mesmo um impoetizável símbolo referencial como o "O" de oxigênio. É evidente que, se se pretende poetizar um competente químico, é preciso encontrar uma linguagem adequada. No "ELEMENTARES" optei por um ritmo seco, quase matemático. Isto confirma, sem dúvida, o que já venho tentando demonstrar em livros anteriores, ou seja, que trato em nível de igualdade a ciências e a arte.

Que mais dizer-lhe, meu amigo? Folheio o livro e tudo me parece tão óbvio! Contudo, não sei o que é pior: a angústia existencial que me lava a escrever esses poemas, ou o desgosto de vê-los depois indiferentemente sem respostas. Entre estas duas tensões, um atrito constrangedor. As pessoas me encaram com uma máscara de benevolente paciência que se não chega a ofender, avoluma, entretanto, enormemente a solidão que circunstâncias outras me impõem. A ordem agora, você sabe, é poesia-deboche e político-participante. Mas, pergunto, haverá mudança social sem maturidade psicológica? Penso na urgência de mudar o homem antes de mudar o mundo. E não se conseguirá melhorar o homem senão iluminando suas coordenadas básicas, essenciais, inatas. Também isto propõe "ELEMENTARES": uma amplitude racional.

Pois é, José Afrânio, não posso mesmo, como você, diz, deixar de

aludir à questão hermetismo. Este é um rótulo com o qual alguns já me classificaram. Acontece que não é minha intenção ser hermética. Quando escrevo um poema não pinto nele o decidido propósito de torná-lo difícil ou arcano. Minha poesia é tão espontânea quanto a mais emotiva declaração de um lírico. Leio, estudo, contemplo, medito, observo muito. Fico, às vezes, um semestre, anos, até, sem compor um só verso, porém quando os escrevo eles surgem naturais e livres. Trabalho minuciosamente a forma, a sonoridade, mas o tema, o conteúdo, enfim, a matéria essencial nasce para mim, como para qualquer outro poeta, em fruição e liberdade. Se resultado hermética, este é um problema que me transcende. Não pratico o hermetismo como filosofia. Durante um certo período de minha vida, para ser mais precisa, na década de sessenta, estudei profundamente as chamadas ciências esotéricas. Visava a entender os fenômenos denominados hoje, não muito acertadamente, como paranormais. Fui até onde foi possível, mas não o fiz com espírito sectário, nem resultado depois em verdade encontrada, mensagem a ser transmitida, finalidade ou fé. A íntima relação entre o visível e o invisível, entre todas as porções animadas e inanimadas do universo, é um inegável lastro anímico que forra o inconsciente de todos nós, descendentes que somos do mundo mágico ancestral. Talvez, já que estou sempre a vasculhar as camadas onde o hermetismo pondera, ele se configura adequado ao tema versado. Emerge irresistível e dominante, embora não por mim conscientemente deliberado.

Devo expressar ainda, José Afrânio, e lhe agradeço muitíssimo essa oportunidade de elucidação do meu trabalho, que "ELEMENTARES" é um livro-limite. Levei-o, e fui às últimas consequências, num processo indagador que me obsedava. Não sei o que encontrei, nem se encontrei, porém tenho a impressão de que essa crispação mental, essa exasperação contra a própria poesia - instrumento frágil e falho - serenou em mim. É preciso encarar o "ELEMENTARES" como um projeto anti-poético. Também a poesia, se não se toma cuidado, resulta alienante; válvula de escape metodológica; vício de passividade ou justificação. Então, rompi-a. Aquele gesto de afastar as cortinas do tabernáculo e verificar que lá dentro jaz apenas um símbolo que a nossa aquiescência e necessidade criam e sustentam. É isso, uma espécie de poescídio. Cometi-o. Aquilo que se ama com violência termina sempre por nos matar, disse Maupassant. Pois é, a não ser que a gente antes desmistifique esse amor. Hoje a poesia, igual a outros tantos valores, está para mim desvinculada.

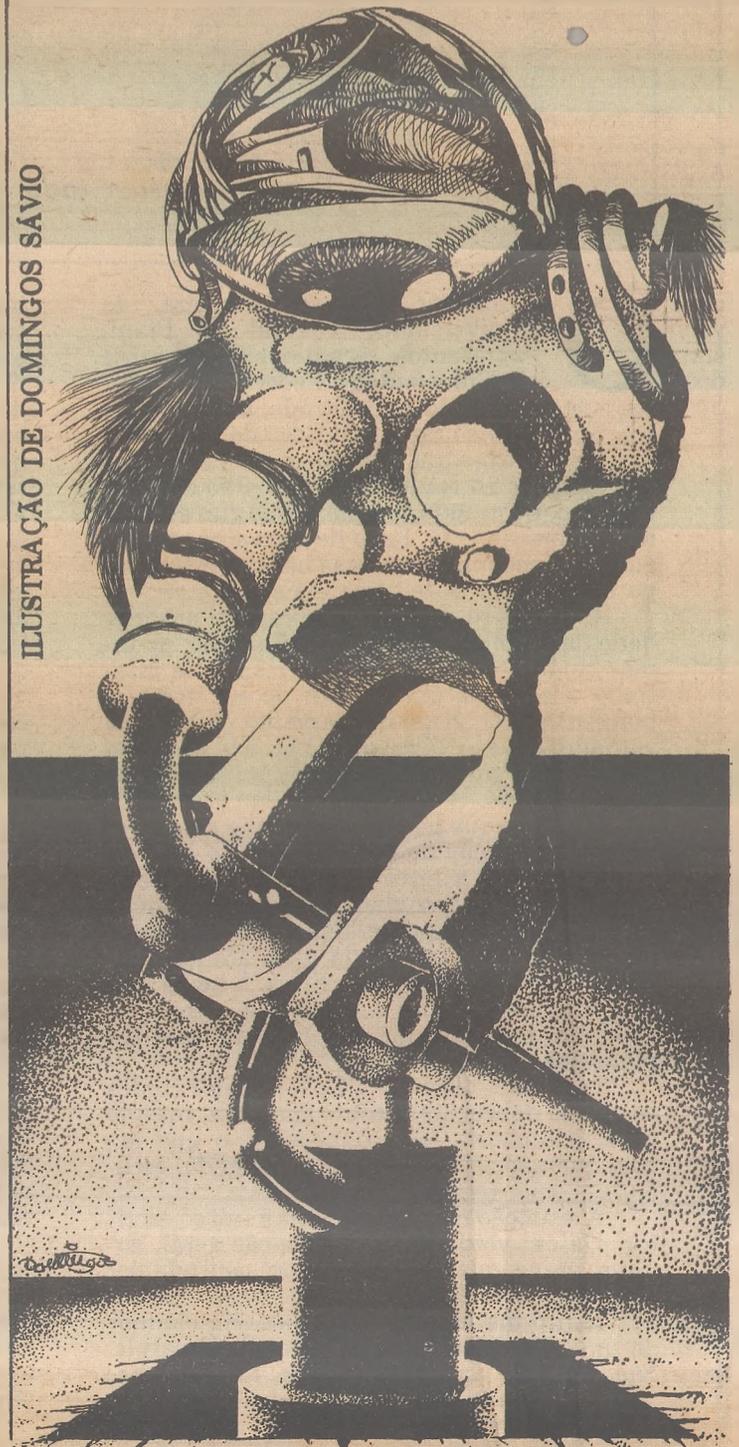
O PRESENTE MOMENTO

• LUIZ FERNANDES DA SILVA

Há
um mistério adormecendo
nas gerações;
memórias submersas em prantos,
fantasias aflorando as minhas
recônditas lembranças;
os olhos mastigando
as páginas dos jornais nos
crimes misteriosos, e
uma emoção transfigurada
oculta na sua pele.

Há
um grito do silêncio
esmagado, fermentado
nos porões obscuros
do meu Uni (verso).

ILUSTRAÇÃO DE DOMINGOS SÁVIO



1. No quadrante do espírito romântico, ocupado pelo espaço literário, precisamente pela urdidura ficcional, assoma, em destaque maior, a presença de JOSÉ DE ALENCAR. Romancista romântico, sem dúvida, não somente em virtude do enquadramento periódico, contudo e principalmente pelo ideal estético refletido em toda a sua obra literária, tanto a nível conteudístico como formal.

Criador de muitos romances, José de Alencar enveredou-se pelo rumo da pluralidade temática, materializada num quarteto classificatório de perfeita utilidade didática: a) romance indianista - b) o romance histórico - c) o romance sertanejo e d) romance urbano.

Com a narrativa indianista, o escritor cearense enceta a construção (dotada de certa originalidade) do painel poético da civilização indígena. Aqui se enfatiza bem o elemento romântico do sentimento nativista: ao índio é dado um tratamento ingenuamente fantasioso, porém vigorosamente lírico. O índio passa a simbolizar incontinentemente o ideal do herói romântico; é erigido à natureza mitológica! Vejam-se *Iracema* e *O Guarani*.

No tocante à narrativa histórica, José de Alencar dá asas aos desejos de evasão e busca reviver, nos parâmetros da ficção, épocas e fatos históricos do Brasil. Nesse campo, aparece *AS MINAS DE PRATA*, livro de profunda inspiração e raro vigor narrativo, segundo o mestre Cándido (1). Também deve-se destacar *A Guerra dos Mascates*, excelente como visão da política imperial e minucioso no aspecto documental.

No romance sertanejo, ou seja, na narrativa regionalista, JOSÉ DE ALENCAR se volta para a problemática do homem rural, para a poesia da paisagem, para os aspectos localistas de determinadas regiões numa perspectiva idílica, superficial, mas nem por isso despida de valor. Lembremos que ALENCAR era bom romântico! Nessa faixa, há dois bons romances: *O Gaúcho* e *O Sertanejo*.

Finalmente, a narrativa urbana. Parece-nos ser aqui o terreno de maior significância na ficção alencarina, que pelo teor quantitativo da produção literária, traduzido em diversas obras, quer sobretudo pela dose de qualidade, em que pesem notadamente todos os caracteres negativos da estética romântica. Nesse tipo de ficção, o autor de *Iracema* nos fornece um quadro multifacetário de nossa sociedade da segunda metade do século XIX, sobremaneira no tocante aos costumes e à moral burguesa, então vigentes. Por outro lado, através da narrativa urbana, o romancista empreende o desenvolvimento da análise psicológica das personagens, dos seus melindres, atitudes, pensamentos, constituindo um mergulho no interior da pessoa humana, aureolado por aflúvios desencantados de uma crítica muitas vezes sarcástica. Por isso mesmo, nos seus romances urbanos, fundamentalmente em *Luclola*, *Diva* e *Senhora*, embora comprometidos, no seu todo, com uma proposta de ressonâncias românticas, podemos verificar alguns aspectos próprios da estética realista, em termos de forma e conteúdo.

Nesse sentido, tentaremos demonstrar que o romance *Senhora* (o

SENHORA E SEUS POSSÍVEIS ASPECTOS REALISTAS

• HILDEBERTO
BARBOSA
FILHO



José de Alencar

último publicado em vida do autor, em 1975) se insere adequadamente dentro do nosso raciocínio.

2. Ora, se partirmos da noção de que o romance realista enseja essencialmente uma apreensão crítica, vertida na fidelidade do real, da sociedade em que vive o autor, ou mesmo de um segmento, de uma camada que comanda, compõe e forja uma ideologia dominante, podemos afirmar que *Senhora*, sendo romântico em sua unidade macroestrutu-

ral, envolve aspectos realistas do ponto de vista de sua microestrutura. E esses aspectos, por sua vez, vão se repetindo a cada passo no decorrer da narrativa, negando, assim, seu cunho de exceção. Na verdade, não se deve tratar o assunto nessa ótica. O que ocorre, sem dúvida, é que o romancista vai renitentemente se comprometendo com o real sem embarco da totalitária formação romântica que o orienta.

Vejamos, pois em que consistem os aspectos realistas do romance *Senhora*!

3. Os aspectos realistas de *Senhora*, a nosso ver encontram-se justamente naquela perspectiva crítica, a nível conteudístico observados de um ponto de vista microestrutural. Em primeiro lugar, passemos esses aspectos em termos de conteúdo.

O primeiro deles surge no nível das personagens, ou melhor, a partir duma visão da personagem. Trata-se de certas reflexões de *Lemos*, tutor de *Aurélia*, construídas mediante um enfoque filisófico de caráter pragmaticamente utilitarista, economicista, por assim dizer:

"- E o que é a vida, no fim de contas, senão uma contínua transação do homem com o mundo? Exclamou Lemos" (2).

E mais adiante, surpreso pela negação de Seixas a respeito da proposta de casamento por cem contos de réis, monologa:

"- "Não se recusam cem contos de réis", pensava ele, sem uma razão sólida, uma razão prática. O Seixas não a tem; pois não considero como tal essas palavras ocas de tráfico e mercado, que não passam de um disparate. Queria que me dissessem os senhores moralistas o que é esta vida senão uma quitanda? Desde que nasce um pobre diabo até que o leva a breca, não faz outra coisa senão comprar e vender? Para nascer é preciso dinheiro, e para morrer ainda mais dinheiro. Os ricos alugam os seus capitais, os pobres alugam-se a si, enquanto não se vendem de uma vez, salvo o direito de estelionato" (pág. 55).

Reflexões impróprias para um personagem romântico, sem dúvida. Só faltou *Lemos* dizer que os pobres vendiam sua força de trabalho!

Outro aspecto crítico interessante enfatizado por *Alencar* em *Senhora*, reside na constante visão reprovadora da sociedade de então. Posição moralista, decerto, mas reveladora de certo inconformismo ante o "status quo". Tecendo considerações sobre o caráter de *Seixas*, aliás dissertando tão ao gosto de *Balzac*, anota o autor:

"Era incapaz de apropriar-se do alheio, ou de praticar um abuso de confiança: mas professava a moral fácil e cômoda, tão cultivada atualmente em nossa sociedade" (pág. 6).

A propósito, a quebra da ação, do episódio, para se projetarem a descrição, a dissertação, a análise psicológica ou mesmo social, reforça a nota realista do romance. Vejamos outra passagem, ainda na linha do cotejo psicológico e social, *Seixas* (seu caráter) versus sociedade:

"Havia nessa contradição da consciência de *Seixas* com a sua vontade uma anomalia psicológica, da qual não são raros os exemplos na sociedade atual. O falseamento de certos princípios da moral, dissimulado pela educação e conviniências sociais, vai criando esses aleijões de homem de bem" (pág. 104).

E mais na frente:

"Para o leão fluminense, mentir a uma senhora, insinuar-lhe uma esperança de casamento, trair um amigo, seduzir-lhe a mulher, eram passos de um jogo social, permitin-

dos pelo código da vida elegante. A moral inventada para uso dos colégios, nada tinha que ver com as distrações da gente do tom" (pág. 104).

E os exemplos semelhantes, de condenação de uma pseudomoral, dos subterfúgios do convencionalismo corrente, despontam a cada página.

Um terceiro elemento crítico, de conotação realista, repusa na demonstração da inautenticidade dos hábitos e costumes do segmento burguês daquela época. *Alencar* mostra, por exemplo, que nos traços mais singulares, nossa sociedade é mero receptáculo dos berloques e frivolidades estrangeiras. É como diria alguém: no Brasil, se importa desde ideologia até sabonetes! e o autor censura a alienação, o ranço deletério do europeísmo:

"Não faltam amigos e conhecidos, que sugerissem a *Aurélia* a lembrança de fazer o casamento à moda européia, com o romantismo da viagem logo depois da cerimônia, a lua-de-mel campestre, e o baile de estrondo na volta à Corte" (pág. 75).

Frutas da estação: abacaxis, figos e laranjas seletas, rivalizando com as maçãs, peras e uvas de importação, ornavam principalmente a refeição que os costumes estrangeiros substituíram à nossa brasileira merenda da tarde, usada pelos bons avós" (pág. 138).

Afora esses elementos, o juízo crítico de *Alencar* perpassa sobre o partiarcalismo familiar, visto M. Cavalcanti Proença, no episódio em que o fazendeiro impede o filho natural de casar-se com moça pobre (3). De outra sorte, a tacada sarcástica ao enrustido funcionalismo público e à herança ignóbil da aposentadoria, o que se pode verificar na página 63 da edição citada:

"Não lhe restava senão resignar-se à vegetação de emprego público com a ridícula esperança de alforria lá para os cinquenta anos, sob a forma da mesquinha aposentadoria".

O sarcasmo de *José de Alencar* não poupa mesmo a classe dos escritores da época, uma vez que, apresentando *Seixas* como tal, comenta, conforme lembra *Cavalcanti Proença*: "não diremos festejado, como agora é moda porque nesta nossa terra os cortejos e aplausos rastejam a mediocridade feliz" (4).

Do ponto de vista da forma e, especialmente, da linguagem, também notamos algumas características que podem fundamentar nossa argumentação. Não obstante, não podemos deixar de adiantar que a integralidade da linguagem coaduna-se perfeitamente (comprometidamente, melhor dizendo) com os objetivos do esteticismo romântico. Basta se observar o predomínio ostensivo das descrições rasgadamente metafóricas revestidas de comparações alongadas, onde saltam aos olhos termos de carga semântica saturada de romantismo, tais como: flor, vaso de alabastro, prisma do diamante, esplendores, molde gracioso, talhe airoso etc. etc., Na verdade, esse é o sedimento lapidar da linguagem.

Contudo, em *Senhora*, a despeito do acima aludido, vem mais contido o floreio fraseológico, desaparecendo muitos dos caçoetes românticos, para usarmos uma expressão de *Cavalcanti Proença*. Segundo referido crítico racionalizando psicológi-

camente o caráter de *Seixas*, *Alencar* não foge à justificativa do seu pendor para caça-dotes (5). Noutro sentido, surge a presença de vacábulos até mesmo de significado naturalista, como é o caso de bípede, para designar homem, expressão balzaquiana, como *fisiologia social*, *fisiologista*, *instintos malignos*, *sujeita*, para nomear a empregada, etc. A propósito, embora ao nível sintagmático as expressões transcritas se revistam de certo conteúdo realista, a nível paradigmático a coisa muda de figura. Visivelmente, ao tratar a pedinte *Bernardina* de *sujeita*, à página 32, *Alencar* não esconde seu reacionarismo de aristocrata, sua ideologia profundamente discriminatória. Aliás, esse assunto é bem tratado por *Afonso Romano de Santana*, em seu já clássico "Análise Estrutural de Romances Brasileiros".

4. Em síntese, são esses os elementos realistas detectados a partir duma breve releitura do romance *Senhora*. Analisados em conjunto, podemos dar razão a *Antônio Cândido*, quando afirma que "o refinamento de *Alencar* pressagia Machado de Assis". (5).

Certamente, em *José de Alencar*, à parte aquele regionalismo indianista e seu idílico ruralismo, para não fugir à órbita do romance urbanístico, desponta a originalidade dos recursos formais de caráter estilístico, compreendido, sobretudo, no mecanismo de organização de uma linguagem substancialmente brasileira, com seus toques peculiares e seus caracteres diferenciadores do português luso. Tanto na seara do vocabulário, como nos processos de arquitetura sintática e ingerências gramaticais, *Alencar* cunhou sua marca e assegurou sua presença. E com isso somente lucrou nosso universo ficcional.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. *Cândido*, Antônio - *Formação da Literatura Brasileira* 2º Vol. 5ª ed. São Paulo - Editora da USP & Itatiaias Ltda, 1975, pág. 222.

2. *Alencar*, José de - *Senhora* - Edições de Ouro, pág. 53. A propósito, todas as transcrições do livro *Senhora* serão feitas dessa edição. Portanto, somente as páginas serão anotadas no texto do artigo, uma vez que a referência bibliográfica é a mesma.

3. *Proença*, M. Cavalcanti - *Estudos Literários* - 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora/INL, 1974, pág. 102.

4. *Idem*, pág. 103.

5. *Cândido*, Antônio - *Op. cit.* pág. 232.

DOIS POEMAS DE JUSTINO A. LIMA

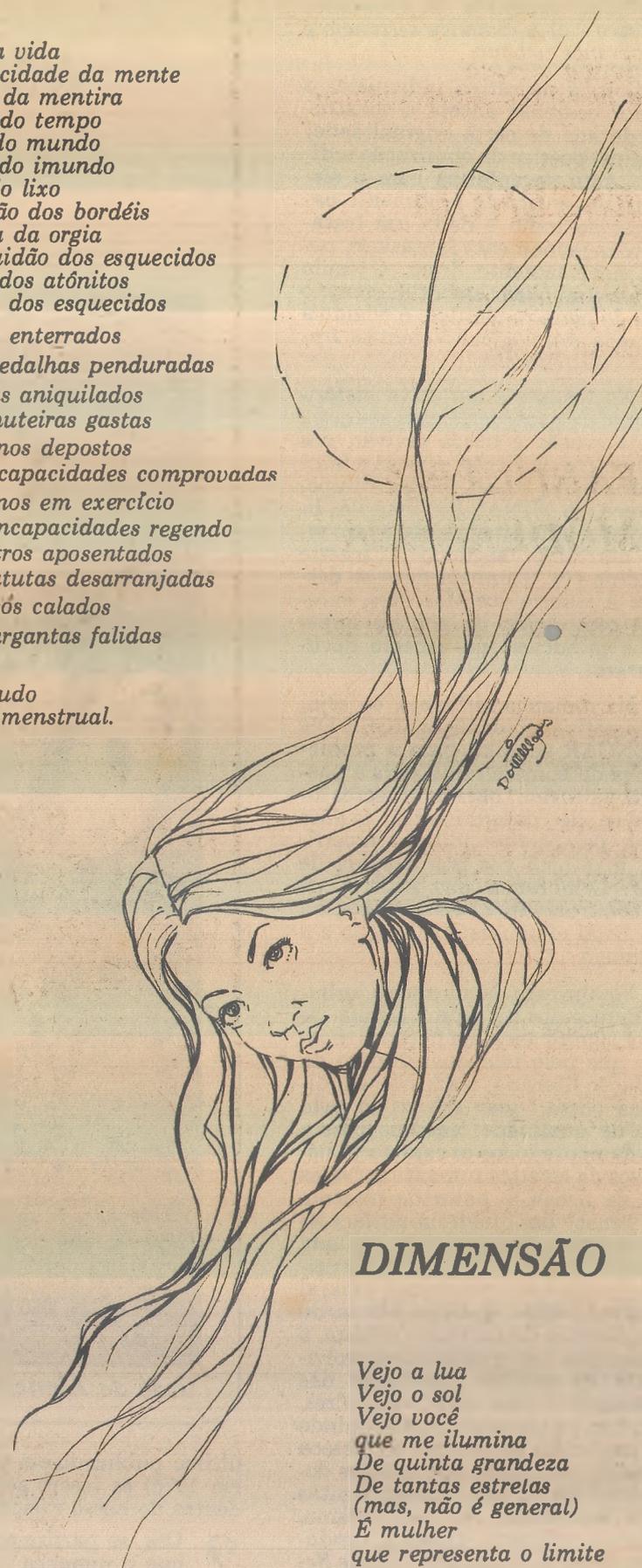
ILUSTRAÇÃO DE DOMINGOS SÁVIO

CICLO

A fase da vida
A incapacidade da mente
O germe da mentira
A ilusão do tempo
A visão do mundo
A noção do imundo
A boca do lixo
A perdição dos bordéis
A luxúria da orgia
A sofreguidão dos esquecidos
A legião dos atônitos
A galeria dos esquecidos

Os heróis enterrados
e suas medalhas penduradas
Os atletas aniquilados
e suas chuteiras gastas
Os governos depostos
e suas incapacidades comprovadas
Os governos em exercício
e suas incapacidades regendo
Os maestros aposentados
e suas batutas desarranjadas
Os músicos calados
e suas gargantas falidas

Tudo é...
Tudo é tudo
No ciclo menstrual.



DIMENSÃO

Vejo a lua
Vejo o sol
Vejo você
que me ilumina
De quinta grandeza
De tantas estrelas
(mas, não é general)
É mulher
que representa o limite
Que me contém
assim como o espaço
que contém a lua
que contém o sol.

POEMAS DE ULYSSES TAVARES

● ILUSTRAÇÃO DE DOMINGOS SÁVIO

DANCING DAYS

*dança o povo
a frenética sobrevivência.*

ESSÊNCIA

*Que minta até o poema
mas que não fale
como lesma.*

FABULÁRIA MODERNOSA

PARA RINALDO XAVIER

*o lobo mau
com pele de concreto
e patas de trânsito,
deu uma televisão
à vovozinha
subornou o caçador e
enrabou o chapeuzinho
na floresta da alienação.*

LEMBRETE

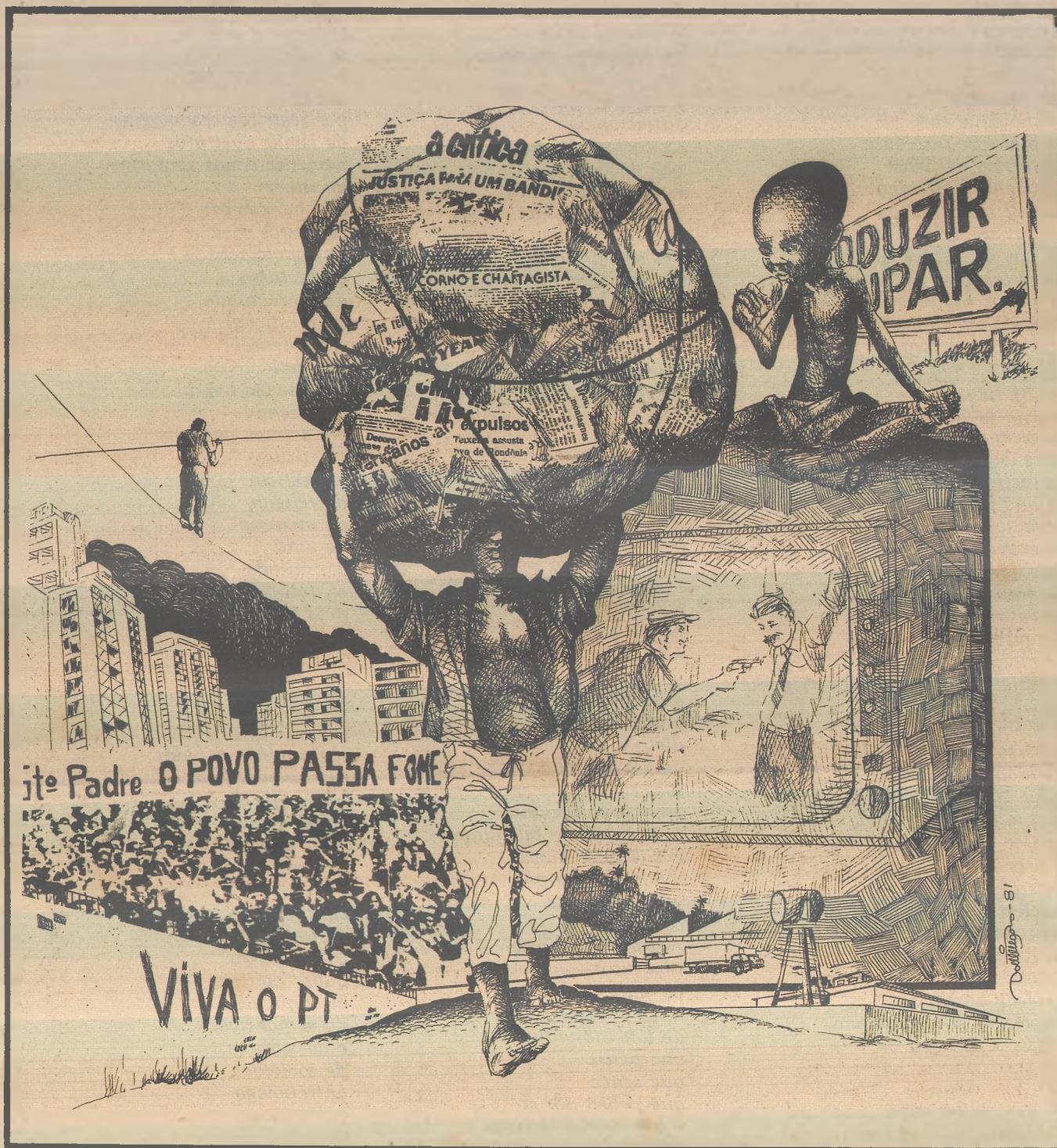
*Faça e aconteça
solitário como lobo.
Herói mesmo
não aparece
na rede globo.*

INDICADOR

*Tudo que for jogo
não é fogo.
Tudo que for esquema
não é poema.
Tudo que for contida
não é vida.*

DECRETO

*Troco a presidência da república
por um cafuné bem feito.*



MELODRAMA POÉTICO

*querida,
aceite estes versos
como se fossem meus beijos,
este poema como se fosse
meu corpo prenhido de desejos,
esta rima como se fosse
meu braço a te querer;*

*e goze como se você fosse
minha máquina de escrever.*

SEMEADURA

PARA TERESA VIGNOLL

*colher em você
o carinho plantado há muito,
tecer em você
o refúgio traçado há muito,
construir em você
a esperança erguida há muito,
fazer em você
o caminho por minhas mãos
agora aberto.*

GILBERTO FREYRE

VIDA FORMA COR E OBRA

a carminha
a ricardo
a israel
a balins
aos meninos
ao moleque saci
ao moleque insolente
de sorriso de dente
abdias do nascimento
na paz de apipucos
na paz de árvores apipuquenses
na paz de verdes rústicos
de restos bons de matas
de restos saudáveis de natureza
naquela arquitetura doméstica
docemente colonial
bebendo conhaque
de pitanga
com pitadas de canela
naquela sobrevivência
em subúrbio
do recife
do que foi
terra
de engenho
nos dias coloniais
na grande solidão
da casa grande
dos oitenta
na mais lúcida inteligência
completada pelo mais abrangente
saber
com saudade do brasil
gilberto freyre
cidadão do mundo
sir
mister
master
of arts
artista
das letras
doutor das ciências
doctor honoris causa
peias causas
e coisas brasileiras
de origem não caucásica

2

de origem africana
dionisiaca
de origem nos usos
e costumes do luso
do luso nos trópicos
do luso e até
do hispanotropical
no espaço
como no tempo
fazendo o tempo
socialmente tribo
da cultura nacionalmente
brasileira
democraticamente brasileira
interregionalmente brasileira
brasileiramente lúdico
na inteligência
completada por abrangente
fazer
de brasileiro
supradotado
brasileiro de superior

competência
e notável valor
de brasileiro pioneiro
dos métodos
e perspectivas
situacionais
de sociedades nacionais
nas noções
e no entendimento
da complexa civilização
eurotropical
em sua filosofia
anarquicamente construtiva
da democracia racial
filosofia do que seja
ou venha sendo
orientação de vida
escrevendo e vivendo.

3

uma arte misturada
1 uma ciência
vivendo essa filosofia
2 amandó o que vem vivendo
nessa filosofia social
ideal de aventura
e rotina de vida
forma e cor
na retina
do inquieto
e intranquilo
arquiteto
d'isto e daquilo
de alhos e bugalhos
(oh) de casa
grande e senzala
de sobrados e mucambos
em tempos vivos
e noutros tempos
adjetivamente
concretos
substantivamente
abstratos
no estilo
e nos estalos
de um indivíduo
que pensa
que sente
que pensa por si
e por outros homens
pela sua gente
pelos antepassados
pelos vindouros
sem uniformizar
cultura e vida
com sacrifício
de ecologias
e de diferenças
saudáveis
e reveladoras

4

dos nossos mais
relevantes
aspectos sociais
de nação
de nação voltada
para o futuro, sem desprezar
o sentido de tempo
de tempo tribo

onde passado
presente e futuro
se interpenetram
e não podem ser
negados
por restritas cronologias
de ismos abstratos
nem por ismos sectários
de saber
que quer negar
conceitos sócio-
antropológicos
de metarraça
de morenidade
de mestiçagem
sentimental
na qual
a presença negra
vem sendo
em termos poéticos
espirituais
e estéticos
de religião
de mistério
de vida
assimilada
ou tolerada
pelo bom e sábio
catolicismo

5

liricamente popular
liricamente bem situado
no tempo
tribio
bem situado
nos trópicos
e tópicos
típicos
de um indivíduo
talvez poeta
quase político
ou mais que
na semântica
e na sintaxe
de sociólogo
antropólogo
cultorólogo
filólogo
tropicólogo
regionalista
tradicionalista
e a seu modo
modernista
além do apenas moderno
eterno
zigzague
condecorado
decorativo
edulcorado retrato
na parede
da fundação
de pesquisas
sociais
a seu modo

6

esta ode-enredo
tomou conhecimento da vida



e da obra de gilberto freyre
por josé olympio ao brasil
por sousa pinto de lisboa
por espassa caepe de espanha
por rizzoli da itália
por knopf de nova iorque
pelo francês gallimard
pela BBC de londres
pelo JC do recife
pelo DP dos DA
pela F-SP
por muitas e tantas folhas
e tantas revistas e bancas
e livrarias e academias
grêmios clubes escolas universidades
do brasil dos brasis de brasil
pela universidade católica de lóuvain
pela universidade de munster
pela universidade de sussex
por santa bárbara princeton e columbi
pela universidade de coimbra

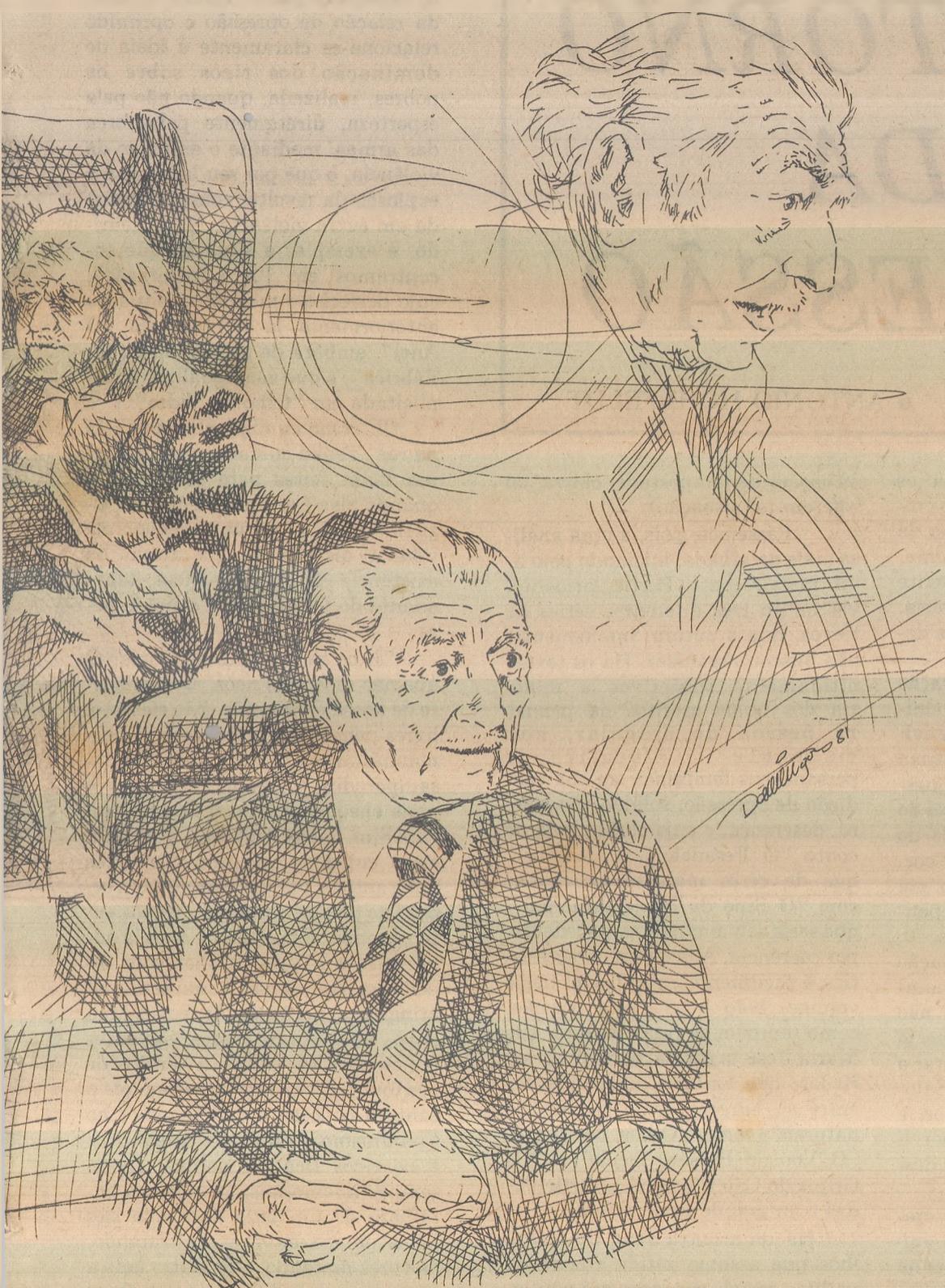


ILUSTRAÇÃO DE DOMINGOS SÁVIO

pela universidade de rosário
 pela london school of economics
 pela sorbonne
 pela univesity of illinois press
 pela librairie des medicis
 pelo yearbook of education
 pelo concerning latin american culture
 por lord asa briggs
 pelo quase lord merquior
 pelo anglosaxoníssimo historiador
 sociólogo arnold toynbee
 pelo negríssimo africaníssimo
 leopold senghor
 pelo afrobaiano gil
 pelo baianíssimo cateano
 pelo barroquíssimo glauber

7

pelo boquiaberto édson néry da fonseca
 por meca e pula e lula e lolita

e rita lee e pedrAmérico
 por são jorge amado dos ilhéus
 por roger bastide
 e georges gurvitch
 léon bourdon
 henri gouhier
 jean duvignaud
 clara maux
 nicolas sombart
 e mário-pinto de andrade
 em carisy-la salle
 por um raymond aaron
 raymond faoro
 por um jean d'ormesson
 por william sargent
 por aloísio albert
 e michel schoyano
 e eugene genevise
 e julian marias
 por lewis hanke
 e helmuth shelsky

pelo dr. zerbini
 por amin steple
 por chico oliveira
 por darcy ribeiro
 por dante moreira leite
 dantes por jomard muniz de britto
 por geneton moraes neto
 por carlos guilherme motta
 por manôel mota
 e mauro idem
 por tristão de athayde
 e félix de idem
 por fábio neves
 por um manôel da nóbrega
 por paulo brás
 por sônias bragas
 e veras fischers
 pela baronesa von hantelmenn

8

por jurandy moura
 por luiza minha musa lusa e moura
 por uma madalena
 por manúéis e manuais
 da fundação joaquim nabuco
 de pesquisas sociais
 pelo vivencial de olinda
 pelo bar da central
 pelos batutas de são josé
 por coelhos e coques
 e becós e ecos de assombrações
 do recife e de olinda
 pelos tapetes e alcatifas e cortinas
 das nações unidas
 por f. genes dedetizações
 pela farmácia ruy barbosa
 pela hospedaria tobias barreto
 pela penitenciária barreto campelo
 pela casa (de detenção), da cultura
 pela farinha de trigo integral
 pela farinha de trigo recife
 pela farinha de trigo especial suprema
 pela manteiga turvo
 pelo licor de pitanga
 pelos quitutes e quindins e pudins
 pela casa do criador
 pela rua do hospício
 pelas ruas de lazer
 pelos dias fúteis e alves dias
 pelas festivas noites
 no atlântico
 dos excêntricos
 frenéticos
 esquizofrênicos
 neuróticos
 paranóicos
 hipocôndriacos maníacos
 depressivos
 agressivos
 repressivos
 pecados capitais
 e interiores
 por nelson rodrigues

NOTA

texto escrito (montado) pro concurso de poesia GILBERTO FREYRE VIDA E OBRA, inscrito sob o pseudônimo LUSA MORENA, instituído pela FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO o concurso comemora (ria?) os 80 anos do escritor pernambucano, inscrições encerradas em julho, agosto setembro outubro novembro dezembro todo mês a FUNDAÇÃO adiando a divulgação do resultado prá primeira quinzena do próximo mês, aqui comendo biscoito com prazer de coito não voi dizer que tem mutreta mamando nas tétas da FUNDAÇÃO.
 WAS

As grandes distâncias e a falta de uma comunicação efetiva apesar dos DDDs que por aí abundam, com freguesia certa, impedem que escritores, por exemplo, radicados fora do eixo Rio-São Paulo, tenham melhores oportunidades de divulgação, seja através da publicação pelas grandes casas editoras, seja pela falta concreta de diálogo que se instaura entre os vários criadores do país, sobretudo aqueles que moram nos polos mais distantes. Uma maneira eficaz e concreta de se vencer esta incomunicação, contudo, tem sido a correspondência, para alegria da EBCT, que continua aumentando suas taxas num ritmo bem maior do que o índice oficial de inflação, mas que, de qualquer forma, quando a correspondência não se perde, permite-nos encontros com distantes amigos, aos quais, em muitas ocasiões, sequer conhecemos pessoalmente. É o caso de um pacote que, há pouco tempo, recebi de Luiz Fernandes da Silva, que se coloca como um divulgador de escritores paraibanos. No pacote, um dos dois volumes revelava-me a escritora Maria José Limeira, com seu mais recente trabalho, a coletânea de trinta e sete textos - entre contos e crônicas - "Às Portas da Cidade ameaçada" (1). Uma boa catalogação, permitiu-me, ao mesmo tempo, localizar outra obra, anterior, desta autora, "Olho no Vidro" (2), ambos os trabalhos publicados em edição de autor, o que inclusive explica nosso desconhecimento em torno desta escritora.

Portanto, é a partir destes dois livros, o último dos quais contendo duas novelas, que vamos raciocinar, para discutir um pouco a obra desta escritora nordestina.

O que mais me chama a atenção na obra de Maria José é sua unidade temática, uma perspectiva comum de olhar o mundo, encontrável na maioria absoluta de seus textos, e que, a se julgar por alguns excertos de crítica apresentados nas "orelhas" de seu trabalho mais recente, generaliza-se nos volumes também publicados há maior tempo.

Por outro lado, chama-me também atenção, a fascinação bem maior que a escritora me causou com as duas narrativas de "Olho no Vidro", enquanto que há uma certa diluição - até pela inexistência de uma melhor organização do volume - de intensidade narrativa, em "Às Portas da Cidade ameaçada". Enquanto no livro anterior a tensão é uma constante, trabalhando-se num nível de alta efabulação, o volume de contos reúne pelo menos três séries diferentes de trabalhos, além de uns três textos ("Gritar no Vazio", "A Flor Assassina") e o conto que dá título à obra que se colocam basicamente como crônicas, isto é, reflexões em torno de fatos e acontecimentos. Não é que me importe uma rígida classificação literária relativa aos gêneros, mas quando esta diferenciação implica na própria qualificação do texto, é evidente que ela se torna importan-

FÁBULAS EM TORNO DA OPRESSÃO

• ANTONIO HOHLFELDT

te, e isso ocorre nesta coletânea: os textos a que nos referimos como crônicas, à exceção do último, que dá sentido e unidade ao volume, colocam-se como extremamente prosaicos, sem maior força literária, muito desiguais em relação aos demais.

Por outro lado, na comparação que obrigatoriamente se colocou minha leitura dos dois trabalhos, é evidente um certo descuido na última edição. Não vou me referir às questões de revisão, mas sim ao nível do próprio texto, em que colhidos do tipo "os olhos dela" (p. 93) ou "corpo dela" (p. 147), resultando em evidentes cacofonias, ou as repetições inexpressivas do "mas" (ps. 70, 71 e 77) ou mesmo uma pontuação sofrível, em alguns textos, tornam-nos quase cansativos, quando não irritantes, sobretudo depois que já se teve a oportunidade de admirar a autora numa narrativa como "Salomão, meu Cão", do livro anterior, e que considero o que de melhor li desta autora, a quem acabo de descobrir.

Nota-se, apesar destas discrepâncias, como disse logo de início, uma unidade, uma coerência na obra, e isso pode ser observado concretamente na medida em que a leitura se desenvolva. Aliás, existe uma unidade geral, entre os dois volumes, que eu caracterizaria como sendo uma perspectiva existencialista, por vezes carregada de um negativismo, de um nihilismo, de um sentimento de a-historicidade, uma crença de que a vida é constituída de dor, de solidão e de desencontros. Existem palavras-chave que conduzem cada narrativa. No caso de "Olho no Vidro", é a idéia do "vidro" ou "vidraça", como ocorre mais comumente no texto de "Salomão, meu Cão", enquanto que nos contos de "Às Portas da Cidade ameaçada" é basicamente a situação de "chuva", que se repete ao longo de um número significativo dos trinta e sete contos que aí encontramos (dez contos ocorrem em

situações de tempestade, chuva, ou referem tal situação).

Passemos, pois, a uma análise mais detalhada, iniciando pelo livro mais recente. Particularmente, vislumbro três diferentes séries de textos, que a autora, infelizmente, não buscou organizar. Há os textos nitidamente subjetivos a maioria dos quais escritos na primeira pessoa do singular, normalmente focalizando personagens femininos em sua condição de opressão, solidão, desespero, descrença, e cujo climax está no conto "O Pesadelo dos Homens", que de certa maneira articula-se com "O Sino da Igreja principal", que seria seu momento antecedente, por coerência. Aliás, esta característica é facilmente encontrável neste volume. Não é só nesta ocasião, como também ao final do livro, que Maria José organiza narrativas seriadas, que embora independentes entre si, surgem como sequências naturais (como "Olhos de Fogo", "O Voo do Passáro ferido" e "Os Gritos do Cão danado"), articuladas com grande naturalidade.

Há uma outra série de trabalhos que assume nítida conotação político-social, por vezes até panfletária, num tom de parábola ou fábula, à maneira kafkeana (e remeto ao escritor europeu, por encontrar, em "Olho no Vidro", justamente uma epígrafe sua). Objetivamente, aliás, creio que a primeira narrativa de "Olho no Vidro", pode ser aproximada de uma conhecida passagem de Kafka, na medida em que o texto de Maria José valoriza a tentativa de fazer algo, e o texto kafkeano - aquele em que o moribundo descobre, inutilizado, que durante toda a vida, a porta que ele sonhara alcançar estivera unicamente esperando por ele, e que este era o único sentido que aquela porta tivera até então contesta tal possibilidade.

Mas, retomando a questão levantada ao início do parágrafo anterior: esta segunda série de contos tem, como perspectiva geral, a opo-

sição entre indivíduo e massa, ou mais explicitamente, entre anonimato, covardia, derrotismo e dominação da massa, e a afirmação individualizada, a coragem de romper as amarras e o acomodamento que certas pessoas são capazes de alcançar, constituindo-se em elementos de referência para o futuro. A idéia da relação de opressão e oprimido relaciona-se claramente à idéia de dominação dos ricos sobre os pobres, realizada, quando não pela esperteza, diretamente pela força das armas, mediante o emprego da violência, o que por seu lado, gera a explosão da revolta, consubstanciada em outra violência. Neste sentido, é exemplar a situação que encontramos em "A Conspiração", cujo desfecho é magnífico, situação anteriormente já referida em "O Anel", embora de passagem, ou "A Fábrica", e que vem igualmente explicitada em "Olho no Vidro":

"É como eu digo: olhe a polícia na rua. Tenha cuidado com ela, que usa botas feitas para cavalo, mas quando pisa é sempre na cara de alguém" (p. 112), a que se segue uma irônica dissertação em torno da existência de pobres e ricos, tanto quanto do Comunismo, concluindo-se:

"E os ricos, meus senhores? O que não dizer dos ricos, esse baluarte de nossa civilização. São eles que, livres-pensadores, despertam pela manhã cheios de ternura pelos desamparados e assinam cheques e mais cheques em favor dos pobres. (...) Sim, meus senhores, a polícia: eis a entidade que saiu dos livros mais antigos para salvaguardar a ordem no país e no mundo. Nossos antepassados de milhões de anos já administravam suas polícias com sabedoria. Sim, senão, como teríamos atingido a perfeição de hoje? Meu povo, não temais vossos vigilantes policiais. Eles estão a serviço de nós todos. Eles é que impedem que aconteça conosco o que acontece no Comunismo: os pobres ficarem ricos e os ricos ficarem pobres. Desde tempos imemoriais, os policiais batalham de um lado para que isso não aconteça, às vezes maltratando, às vezes matando, e do outro lado a igreja cumpre o difícil papel de fazer com que todos acreditem na vida eterna cujo paraíso está guardado para os mais sofredores aqui no mundo." (ps. 116-7).

Tirada a observação final relativa à igreja, razoável à época em que este texto foi escrito, mas significativamente já modificada hoje em dia, o texto, entre o irônico e o panfletário, é de uma efetividade imediata, na medida em que serve de ponto de relação a um terceiro ítem, um terceiro tema permanente na obra de Maria José, que é o tema da violência em geral, existente na cidade, ou dela oriunda, e que faz com que a personagem de "A Solidão dos Parques" conclua sua jornada amparando-se "em paredes sujas de sangue" (p. 53). Esta idéia, aliás, tem conotações as mais variadas. Ela leva a personagem de O

Pesadelo dos homens” ao suicídio, ela se concretiza na agressão que menino sofre em seu primeiro dia de aula (em “Primeiro dia de Aula”), ou faz sentir a personagem vivendo um tempo sem amanhã, como em “Era sempre assim”; esta violência não precisa necessariamente ser desfechada de modo consciente. Ela acompanha, de maneira natural, a classe privilegiada, como se pode depreender da finalização de “Defronte do Lago azul”, ou provoca um sentimento de indisposição em relação ao mundo, ou uma agressividade constante entre as pessoas, como se observa em “A Solidão dos Parques”, ou a oposição explorada em “Prisão sem grades”, entre vida e morte, sonho e realidade, bem como a solidão dos contos “A Terra dos desgraçados” ou “Um Resto de Corpo humano”, na medida em que se conota um mundo irconciliável, como “Olhos de Fogo” desenvolve, opondo o presente e o passado, o rural e o urbano, até o desencandear de uma violência absolutamente gratuita e aparentemente sem sentido, como a observada em “Encontro no Asfalto”.

De todos os contos, porém, provavelmente “Betinha”, ao nível de ficção, ou “Os Porcos”, sejam as narrativas que melhor concretizem estas idéias, não de modo imediato, mas através da construção ficcional de maior alcance. Neste conjunto, destacam-se também narrativas de conotação fantástica, e aparentemente deslocadas do conjunto de textos, como “A Noite na Casa mal-assombrada” ou “O Anel”, mas que se colocam ao nível das consequências mais pesadas que se abatem justamente sobre os mais indefesos, que são os velhos e as crianças.

Temos, pois, a série de temas perfeitamente imbricados: da solidão e do desespero, passa-se à revolta e à luta contra a opressão, sendo que ambas as ações desenvolvem-se a partir e sobre a paisagem urbana caracterizada fundamentalmente pela massificação e a violência da opressão.

Se a chuva, constante do primeiro livro, serve para lavar, limpar, desafogar, a imagem do vidro, que aparece constantemente no segundo livro, tanto na narrativa que lhe dá título, quanto na variante da vidraça, de “Salomão, meu Cão”, funciona como reflexo, mas também como prisão a ser rompida, desfeita, vencida. Assim, em “Olho no vidro” desenvolve-se longamente o mesmo tema que constitui o segmento de uma das séries de contos de “As Portas da cidade ameaçada”, que é a solidão e a violência que pesa sobre a mulher. Ana Rosa, segundo se depreende do texto, é uma prostituta jovem, às vésperas do suicídio, que relembra sua vida, e especialmente a relação com o pai, marcada também pela violência, embora em alguns momentos não isenta de ternura e até de amor.



Maria José Limeira

Neste texto, ganha ênfase a relação entre o homem e a mulher, que também se faz em desnível, isto é, colocando-se em termos de dominação e que se reflete num certo asco ao sexo (ps. 89, 98 e 103, por exemplo), e um certo fatalismo que implica na dor como essência da condição humana, na medida em que se reconhece ser impossível fugir ao sofrimento, por ser ele incomunicável, transferindo-se depois para o fatalismo histórico das observações em torno das relações entre pobres e ricos (ps. 115-6).

Já “Salomão, meu Cão”, enfoca, ao contrário, a relação entre mãe e filho, numa situação em que, segundo se depreende, um menino de onze anos (também narrador), e extremamente gordo (noventa e três quilos), vive aprisionado à espera da mãe, de quem se sente vítima, considerando-a como uma prostituta, e aspirando, por isso mesmo, o retorno do pai, marinheiro desconhecido que em dado momento ele reconhece nem mesmo existir, e portanto, estar absolutamente impossibilitado de regressar. É a partir desta constatação que a novela tem o apressamento de seu desfecho, trocando a lenta narrativa de até então

por um crescendo dramático que culmina no assassinato da mãe, após uma relação sexual, com o filho, pelo garoto que até então estivera como seu prisioneiro.

A fascinação que me exerce esta narrativa - e que, bem se vê pelos dois contos do livro posterior - não é totalmente anômala à escritora, que volta e meia parece incursionar pelo campo do fantástico (ou do surreal, como alguém prefere), é que, a partir da epígrafe tirada dos “Diários” de Kafka, pode-se depreender ser o principal tema desta novela, a tentativa, a coragem de romper os círculos aprisionadores que nos dominam, que constitui a verdadeira sabedoria. Não é, por certo, casualidade o fato de tanto a personagem do menino quanto a do cão se chamarem Salomão. Salomão, que ficou conhecido no livro bíblico, exatamente por sua sabedoria. Ora, a sabedoria humana advém e consiste fundamentalmente em romper, em enfrentar as situações adversas. Este enfrentamento implica no crescimento, no amadurecimento, advindo de situações de tensão, situações limite semelhantes àquela vivida por Ana Rosa, na novela deste mesmo volume, em que, antes de se

suicidar, ela se indaga: “A gente sente tanta coisa antes de morrer, por que?” (p. 126), enquanto que no caso de Salomão, que num primeiro momento apenas se identifica com o cão, animal de estimação, tanto quanto ele sente em relação à mãe, bibelô, objeto que se guarda fora do alcance com que se brinca, sentimento que o invade por trás da vidraça que o mantém separado do mundo, o desafio se dá mais amplo.

Neste isolamento, contudo, Salomão amadurece, e pela primeira vez se indaga: “Se tentasse ao menos uma vez, ele que não tentara. O dia vinha, o dia se deitava, o dia raiava, o dia se enroscava na preguiça, o dia se sacudia de sol, ficava feio, o dia amanhecia e entardecia, anoitecendo depois. O dia endoidecia. E ele que não tentara” (p. 41). O conhecimento do impossível regresso do pai sempre esperado, leva a personagem à decisão: “Era somente o começo de tudo nunca haver tentado” (p. 48). E Salomão, tomada a decisão, faz exatamente como deveria ter feito a personagem kafkeana. Após matar a mãe (no que não precisamos tomar a narrativa ao pé da letra, e sim, simbolicamente), experimenta romper a prisão, e a tentativa se concretiza: “Eu sou tão feio e tão gordo e preciso me ausentar. E empurrando a porta, ela se abriu. Abriu-se a porta a um simples tocar de mão, que não havia fechaduras e chaves não. E ele, que nunca havia tentado, recordou a mãe, seu sorriso, seu desdem, sua beleza morta. Nem fechaduras, nem chaves, ele sorriu, e a casa inteira invadiu sua sala: escura, vazia, sem sentido” (p. 72). “O rádio anunciava tempo bom”, agora, como ao início da narrativa, em que “o tempo estava feliz”, e Salomão sequer conscientizara-se de sua prisão, o que ocorrerá, porém, na sucessão dos acontecimentos.

Esta tentativa bem realizada, que faz com que não possamos considerar a obra de Maria José Limeira como um enfoque negativo, afirma-se na crença da própria obra literária, na medida em que esta se coloca como contradição - desejada, assumida e buscada - às afirmações que, tanto num como noutro volume, encontramos em torno da impossibilidade da comunicação, sobretudo mediante as palavras, na denúncia constante da opressão que também através da linguagem se realiza. Porque ao escrever, Maria José Limeira concretiza o mesmo gesto bem sucedido de rompimento que seu personagem alcança realizar, e como, em geral, a obra de arte se propõe a alcançar.

(1) LIMEIRA, Maria José - “As Portas da Cidade ameaçada” João Pessoa. 1980.

(2) LIMEIRA, Maria José - “Olho no Vidro”, João Pessoa. Sem data.



CINZAS, FLORES E CONFETES

● CARLOS TAVARES

Joaninha sorriu para o menino que brincava com um caminhão de madeira e enrolou a arma numa toalha de rosto. Com lágrimas, raiva e saudade enxugou as mãos nervosas no pano de prato encardido e esburacado. Olhou as horas, espiou a rua e tentou fixar a visão num determinado local da praça.

Os dois estavam sentados no murinho da fonte luminosa. Passou um homem vestido de mulher e apertou uma bisnaga d'água no casal. Os dois riram e tentaram arrancar a peruca do travesti. A alegria do carnaval compactuava com o amor de Quinca e Alzira. Primeiro que passavam juntos.

A duzentos metros da praça Joaninha observava o casal, o carnaval, a tristeza refletida no ar pelo sol que renunciava desgraça. Desespero misturado com euforia. Agonia comida pela mão da folia dos quatro dias de festa momesca. Difícil de crer. Quinca sempre fora caseiro. Dois filhos, mulher e felicidade de causar inveja à vizinhança. Não ligava pra comentários alheios. Todos falavam, uns acudiam em defesa de Quinca... Até o dia da carta anônima.

O autor da missiva fora detalhoso. Contara tudo minuciosamente.

Hora, local, cor de roupa de Alzira, de Quinca, jeito carinhoso do casal, promessas, tudo. Parecia até que era um dos dois que escrevia aquilo. Foi quando Joaninha sentiu um frio no peito, dor na cabeça, tontura e arrepio de coisa ruim. Passou dois dias sem comer, sem falar, sem dormir. Cuidava da casa, somente isso.

Joaninha passou a mão na cabeça do menino e saiu à rua. As músicas carnavalescas cantadas pelos blocos que percorriam em carros, a pé, caminhões, jipes e outros veículos, várias ruas da cidade, amordaçavam os gritos de Joaninha. Ela aumentou os passos, chegou a correr e parou na frente do casal.

"Ai se eu tivesse, quem me fizesse, carinhos..." E súbito o som seco e ensurdecedor... Outro estampido, outro, mais outro, as pernas de Quinca se esticando em plena terça-feira de carnaval, não de frevo, mas de dor. Em poucos minutos estava duro, sangue banhando a praça, frevo calado pela dor de Alzira. Um furo na barriga, outro no peito, outro e mais outro. Tudo acabado.

Seu Anibal, dono do Bar da Costela, levantou-se da mesa para ver o carro alegórico que anunciava a morte

de Quinca da Cebola. Mais de dez alto-falantes, a voz do locutor entrecortada, a marcha vagarosa do carro que fazia publicidade para a aguardente mais famosa da região, Serra Branca, anúncio da família que cumpria a vontade do morto.

"O Sr. Joaquim Felinto das Neves, conhecido por Quinca da Cebola, em vida tinha um grande desejo: Que sua morte fosse divulgada por este auto, para que todos os concidadãos de Aparecida ficassem informados da partida de um dos maiores consumidores do produto Serra Branca, o qual lhe dera grandes momentos de alegria em vida. Sendo assim a família do Sr. Quinca da Cebola convida a todos os interessados, parentes e amigos a comparecerem ao cortejo fúnebre que sai da Capela de Santa Terezinha às 4h, em direção ao Cemitério de São Judas Tadeu..."

Na praça um caminhão fez uma curva perigosa e os tripulantes jogavam água, lama, pó, gritavam, berravam, dançavam, urravam... Terça-feira de carnaval na cidade de Aparecida, último beijo de Alzira, lágrimas molhando flores e roupas, sapatos novos, terno último modelo e o jeito de Quinca da Cebola.

MARGINAL

• CONTO DE JOÃO CARLOS FRANCA

Extraído de uma música de Zé Pequeno e Genival Veloso

ILUSTRAÇÃO DE DOMINGOS SÁVIO



quer criança. Como para Zé Negrinho. Ele jamais havia tido o prazer de escolher no par ou impar os jogadores das peladas. Era um privilégio do dono da bola. A lei da favela, a força do menos pobre. E ainda mais, nunca vira mesmo uma bola novinha em folha. Até que um dia desceu à cidade com a avó e teve a felicidade, ou a infelicidade, de passar pela vitrine de uma loja de artigos esportivos. Sem ligar para os gritos de “anda menino danado” da velha, Zé permaneceu algum tempo admirando a bola na vitrine, brilhando, como seus olhos de menino pobre e ansioso... e quando correu para alcançar a avó, levava uma certeza absoluta de que aquela bola seria sua, custasse o que custasse...

Não houve jeito que desse jeito. Chica não tinha economias e nem poderia abrir mão de um níquel sequer para atender aos apelos de Zé Negrinho. Uma bola... aonde já se viu moleque mais pretencioso! Dinheiro que mal dá para comer! Mas no íntimo a velha Chica entendia o desejo, o sonho do menino. Ela recordava, lá longe, como também sonhara um dia com um emprego de garçoneiro. Para Chica ser garçoneiro sempre fora uma verdadeira obsessão. Criada ao Deus dará, filha de um carroceiro e sem mãe, que abandonara a casa logo cedo, ela, pelos quinze anos, já andava correndo casas de lanche e bares à procura de emprego. Bonita, cabelos negros, andar bem safado, pernas grossas, provocante, era olhada com cobiça por proprietários e gerentes, mas emprego honesto nada. Foi quando conheceu um espanhol estabelecido no centro da cidade e que lhe deu um lugar de balconista em sua lanchonete. No começo tudo muito bem. Até que um dia, seis meses depois de admitida, Santana resolveu conter as despesas e Chica soube que seria dispensada. Pediu, chorou, implorou, até que o velho botou às garras de fora: O caso de Chica somente seria resolvido na cama suja, no quarto sujo, nos fundos do estabelecimento. E Chica passou de garçoneiro a cozinheira e amante do espanhol. Sofreu os diabos... serviu de tudo para Santana, e somente quando ele arranjou uma menina menos maltratada e mais jovem para o salão foi que ela tomou vergonha na cara e voltou à favela, com a filha nas costas. Pouco depois morria o pai e ela teve de lavar roupa para manter a filha. Fora um sonho, como o sonho menos exigente do neto, mas sujeito às mesmas provações da realidade.

Mas Zé queria a bola. E naquele dia colorido que antecedeu a véspera do Natal, resolveu transformar sua esperança em realidade. Resolveu cumprir o que já havia contado a oitenta por cento dos moleques da favela: receberia uma bola, novinha, como presente de Papai Noel.

Armou-se de coragem e entrou decidido na loja. Peito estufado, senhor de todas as razões. Não via ninguém nem escutava nada. Chegou junto à patreleira que emoldurava a bola e fitou-a fascinado. Tomou-a nos braços, agarrando-a como quem não queria soltá-la nunca mais. Como quem tem direitos de posse, absolutos, incontestáveis, como se ela sempre houvesse sido sua e estivesse na loja desafortadamente, em lugar proibido. Pretinho, sujo, rasgado, cara amarrada, tentou sair da loja com a bola dos seus sonhos. “Pega ladrão... marginal...” Uma correria enorme, segurança interna, polícia chegando, insultos, protestos... “Pega ladrão... um marginal...” e pela grade do intureiro que se afastava, Zé Negrinho, olhos rasos d’água, via a sua bola voltar ao lugar de destaque na vitrine...

Deu no jornal da tarde: “Zé Negrinho, jovem e perigoso assaltante há muito procurado pela polícia, foi abatido a tiros em duelo com soldados que invadiram seu barraco. Ao lado de seu cadáver foi encontrado um revólver 38, uma caixa de balas, vazia, o retrato de uma mulher bem velha e uma bola de futebol, novinha em folha, embrulhada para presente”.

Nascera José Mariano, fora batizado José Mariano, mas a favela o consagrara como Zé Negrinho. Chegara aos dez anos quase tão miúdo como viera ao mundo. Ninguém mais moleque, ninguém mais vadio, ninguém com dentes tão alvos e sádios. Bom prá levar recados, língua solta, sempre com um “filho da puta”, pulando boca afora. Dez anos e já derrubava meninas por trás dos barracos, já fumava pirlas, participava de peladas na beira da lagoa.

Era criado pela avó, lavadeira antiga e estimada que descia todas as manhãs para lavar roupa de uma freguesia certa e mal pagadeira. Mas tinha de viver, a velha Chica de Lima, e o jeito era suportar a meia calotagem para não morrer e nem deixar o neto morrer de fome. Sempre vivera sozinha, desde que a filha dera para o mundo e lhe deixara Zé Negrinho como lembrança do seu erro. Sem marido, Chica criara a filha com esforço e carinho, colocara a menina para estudar em colégio pago, e no fim ela apareceu de bucho, dizendo que iria casar com um rapaz que nunca apareceu para tapar o buraco feito. E foi fi-

cando em casa, dando a um e a outro, até que um dia foi embora de vez. Deixando o filho com a mãe.

Mas Zé era um negrinho bom. Vivendo solto naquele mundo sem opções, o menino permanecia intacto até aquela idade. Se não gostava de ir à missa também não dizia nada contra os santos. Adorava a velha e nas noites solitárias ficava enlevado em seu colo, ouvindo-a cantar as modinhas de seu tempo. Já entendia a desgraça em que viviam, sentia na pele e no estômago as misérias daquele ambiente de pobreza extrema, e matutava, em seu pensamento quase instintivo, como a avó encontrava ânimo e coragem para cantar. Nunca ganhara um presente, Zé Negrinho, e esta era sua única frustração. Não era propriamente uma mágoa, uma dor, era a ausência afetiva do presente. E quando outros meninos menos pobres exibiam alguma coisa recebida dos pais ou dos padrinhos, ele sentia uma ponta de inveja que lhe feria mais a alma que o coração, ou vice-versa.

No tempo dos Pelés e dos Garrinchas a bola passou a ser a atração maior para qual-

REGISTRO

AS RELAÇÕES BRASILEIRAS DE ALMEIDA GARRETT

de Carlos D'Alge. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/INL/MEC.

CARLOS NEVES D'ALGE veio ainda criança de Portugal, onde nasceu em 1930, radicou-se no Ceará, e optou pela cidadania brasileira.

Dono de alentado curriculum acadêmico e administrativo, o Prof. D'Alge ostenta, entre seus títulos, o de Professor-Visitante na Universidade de Colônia, Alemanha Federal, bem como o de conferencista em Universidades portuguesas e espanholas.

Realizou cursos de extensão universitária nos Estados Unidos, México e Portugal.

Membro da Sociedade de Língua Portuguesa de Lisboa, é detentor das Medalhas Clóvis Bevilacqua (do Ministério da Educação, 1959) e Euclides da Cunha ("Casa Euclidiana", São José do Rio Pardo, SP; 1970).

Colaborador das revistas HUMBOLDT, de Munique, Alemanha, e OCIDENTE, Lisboa, Carlos D'Alge colabora e tem publicado trabalhos em jornais e revistas do país. Agora a colaboração esparsa, em periódicos especializados, o Prof. D'Alge publicou: *A Solidão Maior*, poesia. (Fortaleza, revista Clá, 10(19):71-80, 1960) e *Terra do Mar Grande*; alguns aspectos culturais portugueses. (Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1968). No prelo da mesma Imprensa Universitária do Ceará, encontra-se *O Exílio Imaginário*; estudos de literatura e de língua portuguesa. E, prometido para breve, está a *Sintaxe do Compromisso*, poesia. Dos muitos encargos administrativos que ocupam, destacamos: Chefe de Gabinete em dois reitorados na Universidade Federal do Ceará; Pró-Reitor de Extensão Cultural e Superintendente da Televisão Educativa do Estado do Ceará.

Este *As Relações Brasileiras de Almeida Garrett*, inicialmente escrito como tese, defendida em 1978, conferiu ao Prof. Carlos D'Alge o título de Livre Docente em Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Ceará, de cuja disciplina o ilustre professor é titular há muitos anos.

Talvez o escritor português que mais exerceu influência em escritores brasileiros - perdendo apenas para Eça de Queirós -, João Batista da Silva Leitão de Almeida Garret há muito estava a exigir um estudo que o colocasse na devida conta, sob o aspecto das suas relações com o Brasil. Outros estudos existem sobre o iniciador do Romantismo em Portugal, alguns até mais alentados do que o presente, mas nenhum que aborde explicitamente este ponto, de capital importância para o estudioso brasileiro e português, do verdadeiro feitiço que o Brasil sempre dignificou para Almeida Garret, e da influência da sua obra literária em escritores brasileiros.

O crítico e poeta Pedro Lyra, na apresentação do livro, escreve: "Criado por uma arma brasileira, a ouvir histórias que uma ainda impercebida vocação literária haveria de reter e transfigurar, convivendo com estudantes brasileiros, num ambiente sacudido pela idéia de revolução; e, mais tarde, ligado aos intelectuais brasileiros que haveriam de inaugurar o nosso romantismo, Almeida Garrett cresceu com o trabalho do Prof. D'Alge não vai por estas trilhas que poderíamos rotular de "emotivas". Não seria só pelo fato de ter tido uma ama brasileira, a pernambucana Rosa de Lima, que

Garrett teria se interessado pelo Brasil, nem o Autor do livro atribui a este fato valor maior que o devido. O livro propõe-se a estudar as obras de Garrett que tenham alguma coisa a ver com o Brasil: que foram "inspiradas pelo Brasil"; escritas "por causa do Brasil", obras cuja ação se passa no Brasil, e assim por diante. Não encontramos nada de gratuito nos nove capítulos que compõem a obra.

Além dos capítulos que formam o corpo do trabalho, o Autor inclui um Apêndice contendo o que chama de "os textos brasileiros de Garrett", além da Bibliografia que, enquanto conhecemos, é a mais completa e atualizada sobre o assunto. O Autor fundamenta seu trabalho essencialmente nos textos que formam o Apêndice. A idéia de incluí-los ao final da obra foi das mais oportunas, pois nem sempre os estudiosos da Literatura Portuguesa têm, aqui no Brasil, facilidade de encontrá-los todos reunidos. Mas o que se pode extrair de importante, na obra do mestre D'Alge, não será, porventura, a relação de obras, artigos ou fragmentos reproduzidos por Garrett sobre o Brasil, pois com disciplina, tempo, paciência e um pouco de sorte(?), qualquer pessoa poderia perseguir o caminho já trilhado pelo Autor. O que se poderá obter, com a leitura deste livro, é justamente aquilo que os textos não trazem explicitamente: o comentário, a análise, a interpretação, e isto o Autor o faz com a segurança e a maestria de quem está habituado às lides da pesquisa e do fazer literários.

Enfim, o que se poderá aprender com o estudo desta obra é exatamente aquilo que o Autor previu na Introdução, e que aqui reproduzi-

mos: "...as relações brasileiras de Almeida Garrett não se limitaram à sua vida familiar, política e social. Elas transcendem o meramente afetivo e constituem, a par da simpatia pela literatura brasileira, uma irrecusável defesa da liberdade, ou melhor, do novo espírito que presidiu os movimentos políticos em torno da independência dos países americanos, e que, corajosamente, pôs a nu os males do colonialismo". (Introdução, p. 12). Não será necessário usar lente de aumento e esquadrinhar o livro linha por linha para tentar descobrir falhas, deslizes, lapsos. Falhas existem, pois esta é uma das marcas das obras dos homens. Poder-se-á mesmo discordar de certas colocações do Autor, disseminadas ao longo do trabalho, o que é também comum em criações desta natureza. De nossa parte, não nos foi dado perceber impropriedades nem mesmo inadequações dignas de registro. O conjunto está equilibrado, e o Autor não escamoteia seus pontos de vista por mais arrevesados que sejam os desafios dos textos, tudo vazado num estilo enxuto, parcimonioso e limpo, transformando a leitura num affaire agradável, além de útil. Apenas tomamos a liberdade de ficar cobrando ao próprio Prof. D'Alge aquele estudo que sugere na Introdução (p. 12), como também na Conclusão (p. 63) do livro, a respeito das "influências exercidas por Garrett sobre os românticos brasileiros". A prova de domínio do assunto que o Autor demonstrou possuir com o presente livro nos encoraja a ficar aguardando (e a cobrar) o que poderia ser o segundo volume de *As Relações Brasileiras de Almeida Garrett*.

E que seja para breve. (Wilson Brunel Meller)

LANÇAMENTOS DA EDITORA JOSÉ OLYMPIO

Subterrâneos do Futebol, de João Saldanha - Este é um livro para ser lido num só tempo, sem intervalos, de um só fôlego, graças à linguagem fluente de um Autor plenamente identificado com o que ocorre dentro e fora das quatro linhas do gramado. Relatando a sua experiência como técnico do Botafogo do Rio de Janeiro, João Saldanha reúne, nesse livro, as aventuras e desventuras do técnico que ele o foi e também as dos jogadores, além de se referir à influência sempre perniciososa dos cartolas no futebol brasileiro. João Saldanha, em *Subterrâneos do Futebol*, confere um destaque especial a Garrincha, tão hábil nos dribles dentro do campo quanto fora dele, principalmente quando se propunha a se adentrar nos meandros das noites européias e sul-americanas.

O Romance do Açúcar (José Lins do Régio-Vida e Obra), de Edilberto Coutinho - Fundindo vida e obra do Autor de *Fogo Morto*, Edilberto Coutinho, também paraibano, procede a um levantamento coerente e coeso da vida de um homem cujo instintivismo fez-se também

refletir na sua obra. A primeira parte desse livro trata da existência de José Lins do Régio enquanto homem e romancista, ao passo que a segunda, terceira e quarta partes tratam, respectivamente, dos discursos de José Lins do Régio e Austregésilo de Atahyde na Academia Brasileira de Letras; das tendências do romance brasileiro - conferência de José Lins pronunciada no Colégio Livre de Estudos Superiores, de Buenos Aires - e, finalmente, de uma espécie de *Fortuna crítica* do Autor paraibano.

Mangue, de Osório Peixoto Silva - Esse romance de Osório Peixoto Silva nos dá conta de um Autor Plenamente identificado com os habitantes das ilhas e praias da foz do Rio Paraíba do Sul. Inclusive, Osório Peixoto Silva é bem um desses habitantes, do contrário não saberia se expressar com tanta propriedade sobre os hábitos, os costumes e, finalmente, sobre o restrito mas riquíssimo universo dos habitantes da Ilha do Pessanha.

Excelente o capítulo onde o Autor acopla à essa Ilha a chegada do homem à Lua através do vídeo de uma televisão diante da qual todos

assumem uma postura circunspecta e contrita.

Bibliografia Comentada de Carlos Drummond de Andrade (1918-1930), de Fernando Py - A exaustiva pesquisa bibliográfica de Carlos Drummond de Andrade empreendida por Fernando Py, veio de homenagear os 50 anos de poesia desse poeta-maior da lírica brasileira.

Fernando Py, também poeta e crítico literário, iniciou a sua pesquisa bibliográfica em 1965 e, após todos esses anos, eis conseguiu abranger a obra éditada do Autor de *A Rosa do Povo* do período de 1918 a 1930. E além do índice cronológico, esse livro apresenta uma listagem de pseudônimos, um capítulo sobre Edição e, por último, dos índices remissivos.

Bibliografia Comentada por Carlos Drummond de Andrade é, sem dúvida, uma obra de fôlego e que certamente exigiu muito desprendimento de Fernando Py.

LANÇAMENTOS DA EDITORA

NOVA FRONTEIRA



João Saldanha

Armançe, de Stendhal - A exemplo de algumas obras que, de imediato, não são referendadas pela crítica, *Armançe* - à época em que foi lançada - não logrou sensibilizar a crítica e tampouco os leitores. Aos poucos, porém, essa obra de Stendhal foi se firmando e terminou por ser reconhecida, como os outros livros deste Autor. Nela, Stendhal atem-se ao particular para ir ao geral terminando por, na confluência de ambos, traçar um grande painel de uma classe social imersa na alienação de uma época.

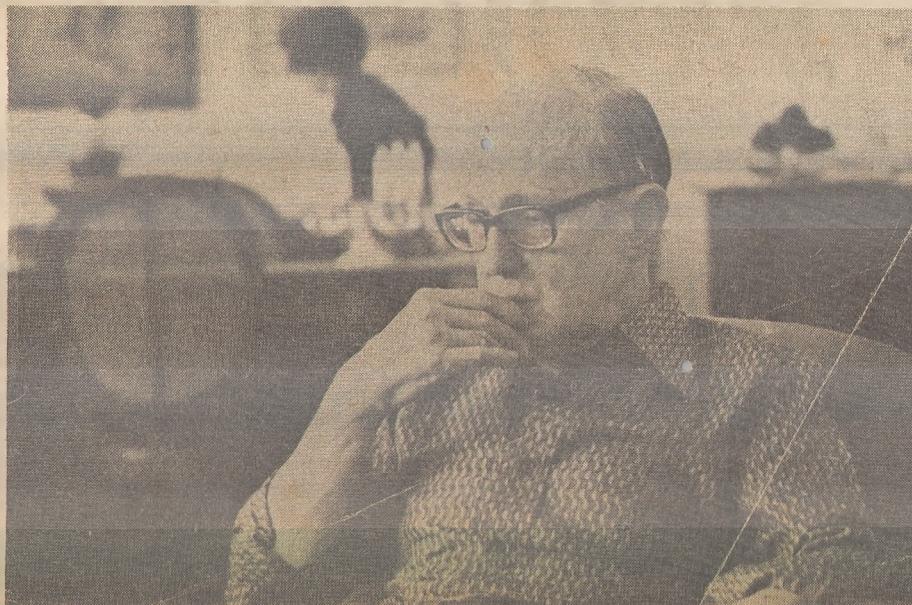
Quem Está na Frente?, de William F. Buckley Jr - Reportando-se ao ano de 1956, época em que a guerra fria estava no auge, William F. Buckley Jr. consegue lidar, a um só tempo, com a realidade e a ficção de modo a que ambas configurem um enredo intrigante e bem elaborado de espionagem.

A Vida Íntima das Mulheres (O Relatório Chapman), de Irving Wallace - Este é mais um livro de Irving Wallace, Autor de Best-sellers que, de um modo ou de outro, consegue sensibilizar o seu público leitor. Neste livro, o Prof. Chapman, sexólogo famoso, se propõe a realizar uma pesquisa que trate sobre o comportamento sexual das mulheres, o que implica, obviamente, todos os traumas, angústias e depressões que integram o universo sexual feminino e, por correspondência, também o do homem.

Ciclo Revolucionário Brasileiro, de Odylio Denys - Protagonista e testemunha dos principais movimentos revolucionários que eclodiram no país, o Marechal Odylio Denys tenta oferecer aos leitores, nesse livro, uma análise interpretativa dos principais acontecimentos da história contemporânea brasileira.

LANÇAMENTOS DA VOZES

Obediência e Liberdade na Igreja, de E. Schillebeeckx, C. Boff e C. Duquoc - Neste livro, os Autores tentam recompor o sentido cristão da obediência numa Igreja que obedece ao Evangelho e, ao mesmo tempo, serve ao povo "até a morte"



Carlos Drummond de Andrade

com chaves bíblicas, cristológicas e eclesias renovadas na mais autêntica tradição.

As Pedras Clamarão (Os Pobres Questionam o Sistema e a Igreja) de Francisco G. Dezem e Rafaela P. Duarte - Este livro questiona a Igreja que se alia aos ricos, investe contra a burguesia acomodada que arrotta religiosidade e, com grande compreensão, adverte o pobre que reproduz o esquema de dominação no interior de sua cidade.

A Farsa do Petróleo (Por Que Querem Destruir a Petrobrás), de Ricardo Bueno - Através de uma linguagem simples, jornalística, o

Autor nos dá conta de uma realidade por vezes desconhecida do grande público, ou seja, a realidade concernente ao petróleo brasileiro e da conduta de "brasileiros" que, incrivelmente, facilitam a ação das multinacionais através de contratos de risco e de outros recursos com que tentam disfarçar a entrega das nossas riquezas.

OUTROS LANÇAMENTOS

Da José Olympio, em convênio com a Secretaria de Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, o

Correio das Artes registra *Emílio de Menezes - Obra Reunida*, organizado por Cassiana Lacerda Carollo com apresentação de Ivan Cavalcanti Proença e introdução de Josué Montello.

Este livro traz até nós um poeta que atuava em várias frentes, ou seja, ao mesmo tempo em que articulava a sua poesia a nível da ironia e do debique, emprestava também ao seu discurso poético um tom grave e às vezes elegíaco.

Excelente, sem dúvida, este lançamento.

Paralelos Poéticos, Vários Autores (Editora do Escritor) - Esta Antologia recém-lançada pela Editora do Escritor reúne poetas os mais díspares entre si, o que significa dizer que, a um só tempo, o leitor poderá entrar em contato com as várias tendências da lírica brasileira. Destaque especial para o Olney Borges Pinto e, mais particularmente, para o seu excelente *O Suicida*.

Baruque, de Osias Gomes, é o mais novo lançamento da Editora Universitária da UFPb, cujo responsável pela sua direção é o jornalista José Souto.

Em *Baruque*, o escritor Osias Gomes busca resgatar do tempo pretérito fatos e acontecimentos dos quais ele participou de modo a revesti-los de presentidade. Em suma, *Baruque* traz à tona fatos da província através de uma linguagem substantiva e infensa a qualquer postura adjetivosa.

Novos

Flávio Machado é carioca. Tem publicado seus poemas em órgãos da imprensa alternativa no Rio de Janeiro e também no DESTAQUE, suplemento cultural do JORNAL DE MINAS, de Belo Horizonte.

Fuga Nº 100

abriu a porta do carro
atravessou o sinal luminoso
parou diante de uma vitrine
ficou se investigando
penetrou no aço do espelho
como imagem vazia
saiu passadas curtas
sem se importar
com a pressa.
Nuvens se aglomeravam no Corcovado
raios tímidos
refletiam no vidro dos automóveis
estacionados
velhos pés de oiti
andou alguns quarteirões
entrou numa estação
do metrô
e se perdeu
pra sempre.

Discurso poético Nº 1

O poeta faz
conjunturas
sobre o destino do país
de luto
veste a poesia
o poeta
caminha às 8h da manhã
pelo chão do país
seu canto
não comove
não vende
o poeta não tem onde cair morto.
Passeio pela Pres. Vargas
Tropeço e caio
no asfalto
mas levanto rápido
sacudo a poeira
pra não perder
o ônibus.

Copacabana Nº 2

namorados
instantes kodac
turistas ingleses
cães alemães
tão despreocupados
que nem sentem
a marisia.

Transportes urbanos

O ônibus caminha
o carro caminha
o homem caminha
o ônibus urbanizando
o carro
rodoviando
o homem
sobrevivendo
a vida espera na calçada
pra atravessar a rua.

Balões

O balão zarpou
Viva São João!
Viva São João!
o balão
balãozando
balãozando
balão são João
balão fogueira
balão fogo
balão cinza
balão balão.

A UBIQUIDADE DE NEUMANNE

Em artigo veiculado no jornal O Norte, José Neumann Pinto veio de tecer algumas críticas (?) à organização do VI Festival de Arte de Areia e, ao mesmo tempo, eger como única personalidade confiável do contexto cultural paraibano presente ao aludido evento, o cineasta Vladimir Carvalho.

De princípio, não sabemos ao certo qual a conotação que José Neumann Pinto emprestou à palavra confiável, ou seja, não sabemos se ele fez uso dessa palavra como uma espécie de atributo ao homem Vladimir Carvalho, ao cineasta Vladimir Carvalho, ou se às duas coisas ao mesmo tempo. O certo, contudo, é que, por exclusão, nós outros - que também participamos do VI Festival de Arte de Areia - não pertencemos à fauna dos confiáveis, segundo o critério (?) adotado por José Neumann Pinto.

Mas não nos cabe, neste momento, discutir o mérito da obra de todos os paraibanos que se fizeram presentes ao VI Festival de Arte de Areia e, muito menos, a confiabilidade ideológica de cada um deles. Cabe-nos - e aqui falo por mim - negar o dom de ubiquidade de quem sequer se fez presente ao Festival - a não ser que exista ubiquidade a reboque de terceiros - e, principalmente, repudiar o fato de José Neumann Pinto ter posto em dúvida a confiabilidade ideológica de quem, em nenhum momento, fez a vez de intermediário da SECOM na imprensa paraibana e tampouco na do sul do país. Ainda: De quem, em nenhum momento, cantou lóas e sequer reverenciou as autoridades constituídas do nosso Estado.

Por outro lado, se o termo confiável foi empregado a nível dos autores paraibanos presentes ao Festival, infelizmente - e outra vez falo por mim - tal colocação de José Neu-

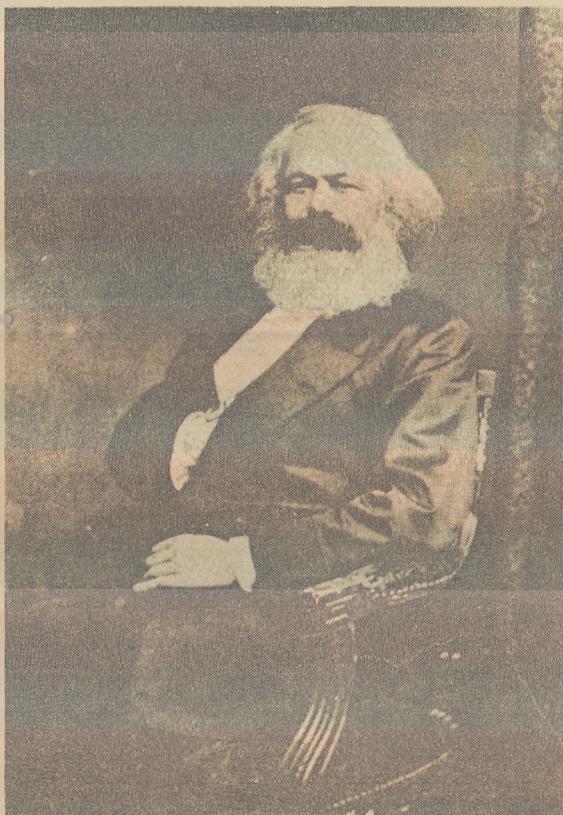
manne Pinto não obterá nenhuma resposta como contrapartida. E não obterá nenhuma resposta porque simplesmente desconheço a obra "neumanniana".

Quanto à alusão de que Paulo Melo teria sido considerado persona non grata pelos organizadores do Festival, quero crer que nem mesmo Paulo Melo viria de endossar essa postura visceralmente intrigante de José Neumann Pinto, pois o ex-diretor do Departamento Geral de Cultura bem sabe que, entre os coordenadores do Festival, alguns são seus amigos de longa data. (Sérgio de Castro Pinto)



O PAUPERISMO DO POPPERISMO

• JOSEMIR CAMILO



Karl Popper virou moda da direita, ao sair da Física, tornando-se filósofo da Ciência e enveredando pelo campo das Ciências Sociais. Seus dois trunfos políticos são os ensaios. A Sociedade Aberta e Seus Inimigos e A Miséria do Historicismo. Pode-se anexar a estes dois a Lógica das Ciências Sociais. Popper passa a dar lição de como fazer Sociologia, Antropologia e História.

Quem é Popper filosoficamente? Adepto do racionalismo crítico como se professa, é chamado por seus críticos de neo-positivista, ao que repele, tentando provar que nunca esteve ligado ao Círculo de Viena. Como se só isto fosse necessário ou suficiente para determiná-lo. O Autor invoca opiniões de outros para demonstrar que justamente por sua causa é que o neo-positivismo faliu, devido a suas críticas.

Limitarei aqui a analisar a Miséria do Historicismo, que como o nome já pressupõe é uma crítica a Marx, parodiando a Miséria da Filosofia. Trata-se de um ensaio esboçado cerca de 1920, retomado em 1935 com leituras em círculos de amigos e publicado na Inglaterra em 1944/45. A primeira edição no Brasil é de 1980, cujos prefácios são de 1957 e 59.

Popper já é bastante traduzido no Brasil. Começou com a Lógica da Pesquisa, veio a Sociedade Aberta e Seus Inimigos; depois surge sua Autobiografia Intelectual, para, mais recentemente surgir A Lógica das Ciências Sociais. Sua última obra, portanto, é esta miséria ao historicismo (sic! como conceito).

Se se perguntar quem edita Popper pode-se chegar a uma pista porque se o edita. A responsável é a Universidade de São Paulo, junto com a Cultrix e a Tempo Brasileiro dos controvertidos Eduardo Portella e Vamireh Chacon. Pratos à mesa.

Para se descobrir os ataques cerrados de Popper à História, ao historicismo e ao Materialismo Histórico é fundamental ler sua autobiografia. De início, no ensaio D'A Miséria, ele coloca a antinomia que lhe preocupou desde os 15 anos: essencialismo versus nominalismo. E foi daí que sentou praça contra o essencialismo, optando obviamente pelo nominalismo. Descobriu posteriormente (à arcaica) que certas concepções da História estavam eivadas de essencialismo. Então transferiu suas primeiras rejeições ao essencialismo de Spinoza para a História. Trata-se do problema dos universais e a diferença entre estas duas categorias é apresentada um pouco informalmente por Popper. Os essencialistas se perguntam "O Que é?" enquanto os nominalistas se perguntam "Como?"

Pretendemos seguir o raciocínio do Autor, sempre que possível, dentro da exposição que se encontra no ensaio. Para isto começamos a questionar desde o prefácio, onde ele expõe o que entende por Historicismo.

O que é o historicismo? Ele responde na dedicatória àqueles que tombaram vítimas da crença facista e comunista em Inexoráveis Leis do Destino Humano. Ai está. Historicista é aquele que acredita que a História possui leis inexoráveis, e que assim seria possível prever o futuro da humanidade. Popper tentará provar através da "lógica" que isto é impossível.

Estrutura sua refutação, no prefácio, em várias etapas tomando como ponto de partida, algo que pode exatamente dizer qual é o respaldo filosófico: "o curso da história humana é fortemente influenciado pelo crescer do conhecimento humano" (grifos meus J. C.). Portanto, a Razão, o Saber como elemento, senão determinante, mas fortemente influenciador do curso da História. Para não perder a freguesia dos marxistas, ele recorre a estes alegando que tal premissa "tem de ser admitida até mesmo por aqueles para quem as idéias... não passam de meros subprodutos de desenvolvimentos materiais (o Autor põe em negrito este termo) desta ou daquela espécie".

Analisando ainda esta sua 1ª etapa de refutação, chega-se à conclusão de que seu enunciado ou é totalmente desnecessário ou tentou abrir demais o leque para atingir gregos e troianos e, daí, o vazio do enunciado: O que significa "fortemente influenciado"? Termos, cujo valor conceitual é vulgar e elástico, não se prestando para usos científicos.

Passando à segunda etapa. Popper arma um jogo de palavras em que troca História por conhecimento: "Não é possível prever... a expansão futura de nosso conhecimento científico". Seria importante que ele separasse as duas coisas, embora sustentasse a impossibilidade de ambas. Mas, o que ele faz compreender é que, se admite esta premissa como verdadeira a sua terceira, por consequência, como ele quer, também seria verdadeira: "Não é possível, consequentemente, prever o futuro curso da história humana". Um silogismo vulgar, pois não. Além de reforçar a preeminência do Saber, da Razão sobre as condições materiais em que a história humana se realiza.

Na 4ª etapa seu pensamento, já arrumado, pelas sugestões anteriores, alega que não devemos admitir uma História Teorética (como existe a Física Teorética, assim ele se expressa). Continua: "Não pode haver uma teoria científica do desenvolvimento histórico a servir de base para a predição histórica". E aqui vai residir a neurose obsessiva de Popper: impedir a todo custo que a História tenha um status igual ao de sua Física. Durante todo seu discurso ensaístico, o modelo metodológico da Física virá à tona constantemente. Manuseia-o como um fetiche.

Culminando a exposição destas etapas, alega que sua refutação apenas se limita a impossibilidade de prever o desenvolvimento histórico na medida em que possam estes ver-se influenciados pela expansão do conhecimento humano. Nega, aqui, implicitamente, a fundamentação do Materialismo Histórico, de que é possível se fazer a História. Nega que a consciência crítica possa levar as classes sociais a fazer história. Para isto, durante o ensaio, se utiliza do universo vocabular da ciência positivista para rechaçar a prática histórica. Confunde (intencionalmente?) "fazer história" com "previsão exata do futuro".

Passando à Introdução, Popper se distingue como dualista ao tratar do método para as Ciências Sociais: "...procede classificar essas escolas em *naturalísticas* e *anti-naturalísticas*" (em negritos, pelo Autor). As naturalísticas seriam as "positivas", aquelas que aplicariam o método da Física e as *antinaturalísticas* ou "negativas" as que se opusessem a isto. Como se vê, Popper nem se lembra (?) da dialética.

Nesta Introdução, ele diz de forma mais clara o que entende por historicismo, embora espere que ninguém caia no essencialismo de perguntar exatamente o que significa esta palavra.

É bom que se entenda a quem Popper chama de historicista. Junta num mesmo rótulo tanto os providencialistas, como deterministas e materialistas históricos. Em parte, verdadeiramente os dois primeiros assim se apresentam, admitindo um progresso histórico. Quanto aos marxistas, seria interessante verificar que corrente está eivada de historicismo, como por exemplo estão os stalinistas e os marxistas do começo do século. É bem mais importante ainda esclarecer que o marxismo não se pretende previsor do futuro (exato) ao colocar o socialismo como caminho (inevitável?) para se sair do caos da exploração capitalista. Dito isto, retorno ao ensaio.

Em seu primeiro capítulo Popper aborda os argumentos usados pelos historicistas, segundo ele. Expõe-nos e os refuta um a um. Ao refutar, apresenta uma constru-

ção aparentemente lógica de defesa ao historicismo, como se denota ao analisar o verbete Generalização. Sustenta os pontos de vista do historicista e diz que tal concepção (evitar a generalização) só satisfaz aqueles que querem interferir na história, os ativistas. E toma como exemplo padrão de ativismo a Marx, na sua XI Tese sobre Feuerbach. Além de ativista (no sentido pejorativo que impõe Popper), historicista ("famoso"). Sem querer Popper tira Marx do meio dos intelectuais de gabinete (como o próprio Popper serve de exemplo) e o transforma num ativista revolucionário.

Às vezes e, para um historiador, Popper dá a entender que conhece muito pouco de Teoria da História. Mostra como elemento do historicismo coisas bastantes vulgares mesmo para os que não o são e nem sequer sejam historiadores, como é o caso da generalização. Seguem-se outros conceitos como o de experimentação, da novidade (a não-repetição dos fatos), complexidade do fato social-histórico, inexactidão das predições, objetividade, valoração, holismo (a sociedade não é só a soma de seus grupos ou membros, é algo mais), compreensão intuitiva, métodos quantitativos e a discussão sobre a essência das coisas/descrição das coisas (essencialismo/nominalismo).

A refutação do historicismo às idéias de que as Ciências Sociais devam utilizar o método naturalístico da Física, Popper apela para degradar este posicionamento, chamando os historicistas de voluntaristas (preferência pessoal), relativistas e ativistas. Ao que se percebe, em linhas gerais, é que este ensaio, ou os seus motivos, estão superados há décadas, haja visto as novas correntes historiográficas e as novas formas políticas baseadas na interpretação do materialismo histórico. Quanto aos historicistas providencialistas e deterministas, estes já se encontram calados há tempo, só promovidos por instituições retrógradas a serviço do imobilismo social e da repressão ideológica. Superação esta, devido a última revisão do ensaio ter sido feita em 1956, quando a desestalinização ideológica não havia ainda surgido (o primeiro sinal é de Sartre, 1957).

Por outro lado a concepção de História de Popper é paupérrima. Embora ele não a defina, deixa transparecer nas suas refutações e, mais ainda, que, do historicismo ele só se preocupa em refutar a predição futura (exata (ele sempre bate nesta tecla positivista e naturalística). Mais das vezes deixa escapar sua concepção de História como descrição, como dá para entender a página 18, quando se refere a história do sistema solar.

Parece que Popper criou um monstro para com ele lutar. Juntou várias concepções historiográficas (algumas pouco claras e outras nem isso!). O historicismo de Dilthey, o weberiano (a compreensão), o agostiniano, o dialético e outros que se possam depois perceber, com interpretações vulgares, que nunca tiveram chancela "científica" da História, tudo isto é o historicismo atacado por Popper.

Para reforçar a interpretação vulgar que Popper tem de História, é bom que se veja como ele compreende a tarefa da ciência social: "é a de descrever clara e adequadamente aquelas entidades, ou seja, distinguir o essencial do acidental e isso pede conhecimento das essências". A Apesar do texto ambíguo (não se percebe claramente se o Autor está emitindo seu pensamento ou expondo o dos cientistas sociais) observa-se a limitação de Popper, ao não conhecer outras interpretações das Ciências Sociais. Novamente Popper se recusa a discutir a essência das Ciências Sociais (já que ele é anti-essencialista) preferindo encarar o "como" as Ciências Sociais trabalham sobre a realidade social.

O essencialismo das Ciências Sociais para Popper estaria no realce qualitativo que se dá aos eventos, na "ênfase posta na compreensão intuitiva (em oposição ao simples descrever)". Aqui, o autor esquece o historicismo positivista que é eminentemente nominalista, haja visto que adotara o método naturalista (das ciências positivas) para a História. Para o positivista a ênfase no evento e sua descrição é que são nominalista. Portanto, escapa a Popper uma crítica ao historicismo positivista.

Quanto ao valor qualitativo dos eventos, esta atitude parece demonstrar apego muito mais ao nominalismo do que ao essencialismo, ao menos dentro dos padrões que Popper coloca. O questionamento sobre a essência das coisas é visto por ele como uma colocação metafísica e consequentemente a-historicista (aqui há uma contradição profunda, porque Popper juntou diversas concepções historiográficas, onde em algumas predominam o essencialismo, mas em geral e tradicionalmente perdura o nominalismo, sem esquecer a dialética). Os positivistas, por exemplo, não procuram descobrir a essência das coisas, como historiadores principalmente. Outras concepções historiográficas buscam a essência e a aliam aos eventos. Só aqueles que se pretendem "filósofos" e não historiadores críticos se apegam decididamente ao essencialismo.

Popper lança mão, paradoxalmente, ou para mostrar a contradição dos historicistas, do essencialismo para contrariar a outra concepção básica da História que é a mudança. Utilizando-se do suposto essencialismo historicista (ou historiográfico? Popper às vezes não diz claramente sobre quem aponta a crítica deixando margem suficiente de deslizes) diz ele: "Todavia, cabe dizer que, na medida da existência de um governo (em negrito, pelo Autor), este é *essencialmente* (idem) o mesmo, ainda que possa ter experimentado considerável transformação. Sua função (sic!) na sociedade moderna, é *essencialmente* análoga à função que, há quatrocentos anos, desempenhava".

HOJE.

jornal de domingo

Hélio Fernandes

A Revolução pela palavra

E mais:

Gilberto Gil: Os sonhos da nossa geração Pág. 2

Sociedade, de Ivonaldo Correia. Pág. 3

Os Círculos Operários e a Teologia do passado. Pág. 4

Tristes e Alegres Incestos. Pág. 5

Tudo sobre a entrega do Oscar 81. Pág. 7

Tragédia da galeria. Uma noite de cão. Pág. 8

...

CARLOS CHAGAS - De vez em quando, os principais auxiliares políticos do presidente Figueiredo encontram tempo para, reservadamente, dedicarem-se à prospecção do futuro. Esta semana, num dos mais importantes gabinetes oficiais, ouviu-se raciocínio delicado a respeito das eleições parlamentares de 1982 e interligado à sucessão presidencial de 1984. Ainda que não vá reconhecer nunca, de público, o governo está convencido que não fará maioria absoluta no novo Congresso. Apenas por milagre o PDS manterá 211 ou mais deputados federais, ainda que, no Senado, disponha de condições para contar com mais de 34 senadores. (página dois)

...

SEBASTIÃO LUCENA - Qual seria o tema ideal para uma crônica, num domingo como este? Inflação? É tema vencido, greve de estudantes, professores e trabalhadores? Ora, isto não é mais novidade. Não é coisa nova, também, a abordagem da crise, da fome, da miséria, dos minguados salários e da eterna discriminação do Governo Federal para com o Nordeste. (página dois)

...

JOÃO OLYNTHO - Peleguino não é bobo. Bem sabe ele que, em tempos de abertura, para conservar-se à testa de um sindicato importante como o seu não basta inaugurar uma sede nova. Ainda mais que a categoria profissional que ele se propõe comandar é formada por professores, gente que costuma dar trabalho à besa. Sobretudo aqueles barbudiños de esquerda, que em meio a confusas teses de liberdades democráticas, constituinte e outros babados, defendem a autonomia dos sindicatos em face do Estado. (página dois)

...

MARCONE CABRAL - As especulações sobre a reforma eleitoral e outras expectativas em torno dos preparativos do governo para as eleições do próximo ano estão levando a classe política, de modo geral, a acreditar que 1982 poderá vir a ser um marco da abertura mais significativo do que se poderia imaginar. Alguns políticos, é verdade, chegam a temer que o governo possa dar início a uma contagem regressiva, no rumo do fechamento, caso o PDS perca sua maioria, sobretudo entre os governadores, cujo pleito vai marcar o retorno ao princípio constitucional da escolha pelo povo, mediante o exercício do sufrágio universal, direto e secreto. (página três)

...

CORREIO DAS ARTES - Neste número, Neroaldo Pontes de Azevedo, professor da UFPB, discute sobre a tese de mestrado do professor Fabiano Nogueira, enfatizando sobretudo o aspecto do aludido professor ter escolhido um romance de O.G. Rego de Carvalho como tema de sua dissertação. Leia também poemas de Justino A. Lima, contos de João Carlos Franca e Carlos Tavares, artigo de Walter Galvão sobre a antologia *Carro de Boi*, etc.

Servidores acreditam no aumento



Senadores discutem situação da região

Brasília - Antecipando-se ao presidente da República que chegará ao Nordeste quinta-feira para anunciar, no dia seguinte, na reunião da Sudene, um pacote de medidas para a região, uma comissão interpartidária de senadores nordestinos estará em Recife logo na quarta-feira para debater com empresários e líderes locais as medidas que estão sendo anunciadas.

A comissão de senadores é formada pelos srs. Almir Pinto (CE), Helvidio Nunes (PI) e Martins Filho (RN) pelo PDS; Marcos Freire (PE) e Mauro Benvides (CE) pelo PMDB; e Alberto Silva (PI) pelo PP. Eles participarão também da reunião da Sudene, no dia 05, onde pretendem apresentar outras sugestões além do pacote preparado

no Ministério do Planejamento, com o acompanhamento do PDS.

O senador Passos Porto, 1º vice-presidente do Senado, disse que o partido do Governo acompanhou a preparação das medidas que serão anunciadas pelo presidente João Figueiredo, na próxima sexta-feira, com a participação direta do senador José Lins, ex-superintendente da Sudene, que levou ao Ministério sugestões da bancada do partido no Senado.

Reconheceu que as medidas terão caráter eminentemente político, porque terão ampla repercussão nos diferentes setores da sociedade nordestina, sobretudo aquelas que anunciarão a anistia fiscal para os pequenos devedores e uma moratória para os grandes.

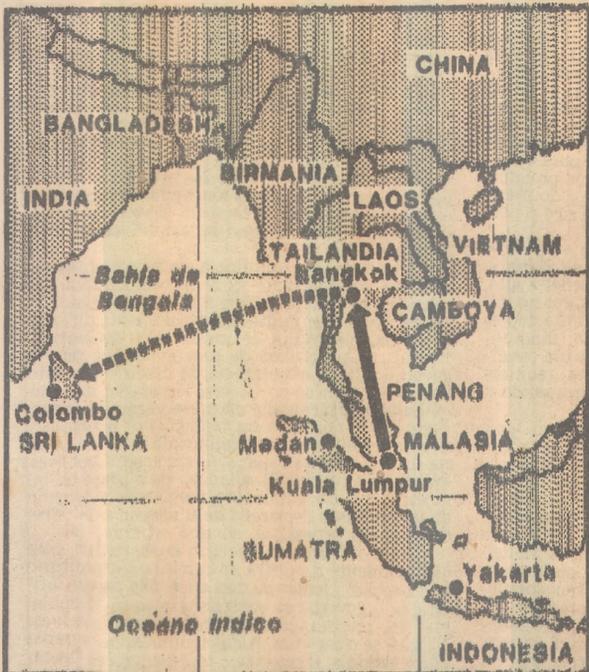
Secretaria recebeu sementes de milho

Sessenta das 200 toneladas de sementes de milho adquiridas pelo Estado já estão à disposição dos agricultores paraibanos, segundo informou, ontem, o coordenador de produção da Secretaria de Agricultura, Francisco Elias Ramos, que anunciou, ainda, a chegada, hoje, de um carregamento de 150 toneladas de sementes de feijão, procedente de Itacaré.

O coordenador de produção

lembrou também que o estoque que a Cidagro possui de algodão herbáceo começou a ser distribuído para a zona da Caatinga - Guarabira, Ingá, Caiçara e Curimataú - à semana passada, em quantidade correspondente a 200 toneladas.

Mais de 160 toneladas de sementes de algodão herbáceo foram distribuídas para revenda, em efeito multiplicador, junto aos produtores sem nenhum ônus ao agricultor.



Seis homens armados sequestraram ontem um avião da empresa indonésia Garuda, num vôo entre Jacarta e Medan, na Ilha de Sumatra, e forçaram o comandante a seguir para Bangkok, na Tailândia, onde exigiram do governo indonésio a libertação de 20 presos políticos. Eles ameaçaram explodir o avião, se suas exigências não fossem atendidas e pediram um piloto para, depois da libertação dos presos, seguirem à cidade de Colombo, na ilha Sri Lanka.

O funcionalismo estadual só baixará a cabeça quando o governador Tarcísio Burity disser que não tem condições de conceder o aumento salarial. A afirmação é do presidente da Associação dos Servidores Públicos do Estado da Paraíba, Aloísio Feitosa de Menezes. "Enquanto isto - prosseguiu - o funcionalismo acredita na sensibilidade do governo e espera que ele reúna esforços para resolver o problema".

"Não acredito que o Estado esteja impossibilitado de conceder o reajuste nesta fase do ano, conforme declarou o secretário das Finanças. Preferimos acreditar que a boa vontade indicará o caminho, comentou o presidente da Aspep, lembrando que "as verbas federais recebidas não se prendem mais a vínculos sistemáticos. Elas atuam onde surgem dificuldades".

Para o presidente da Aspep, "dizer que o Estado não tem di-

neiro é coisa antiga". Segundo ele, o secretário Marcus Ubiratan fez este mesmo tipo de afirmação em agosto do ano passado, às vésperas do aumento do funcionalismo estadual. A propósito, Aloísio Feitosa disse que o servidor não está disposto a recuar diante das declarações de deficiências financeiras. Ele comentou que está informado sobre o aumento das cotas do ICM, e lembrou que "a Secretaria das Finanças não quem anunciou, em janeiro, que a arrecadação de 1980 superou a previsão orçamentária em cerca de 113 por cento."

Aloísio Feitosa acha que a imagem administrativa do governo é a melhor possível e por isto o Estado transporá todas as barreiras para atender ao servidor. O presidente da Aspep conclamou os políticos e a imprensa para "somar esforços em favor de uma classe eternamente sacrificada."

Marcus diz que presidente da Aspep não entende de finanças

Com toda atenção que tenho ao presidente da Associação dos Servidores Públicos do Estado da Paraíba, só me resta reconhecer que de finanças públicas ele nada entende. Esta foi a resposta do secretário Marcus Ubiratan, das Finanças, ao presidente da Aspep, Aloísio Feitosa, que declarou não acreditar na impossibilidade do governo conceder o aumento do funcionalismo estadual.

O secretário Marcus Ubiratan disse que coloca a Secretaria das Finanças à disposição não apenas do presidente da entidade, mas também de quem desejar uma demonstração da real situação financeira do Estado. "Aliás - disse o secretário - isto nem seria necessário, já que

mensalmente é publicado um balancete revelando esta situação".

O que declarei, e continuo declarando, é que o Estado não tem condições de conceder este aumento com vigência a partir do mês de março, na base de 100 a 120 por cento, como me foi indagado. O secretário explicou, por outro lado, que o crescimento do ICM em 1980 nada diz respeito ao atual exercício.

Segundo explicou Marcus Ubiratan, a folha do pessoal de março foi de quatrocentos e oitenta e dois milhões de cruzeiros. Ele informou, por fim, que trabalhará para que o Estado conceda um aumento que seja o maior dentro de suas possibilidades.

Supletivo tem 10 mil candidatos

Cerca de dez mil candidatos concorrerão aos exames supletivos deste ano em todo o Estado, dos quais quatro mil e quinhentos são de João Pessoa. Somente na Capital houve prorrogação das inscrições, devido à afluência de candidatos no último dia, quando cerca de 1.500 pessoas se apresentaram tardiamente. A prorrogação foi até o meio dia de sexta-feira e serviu apenas para os que já tinham recebido a guia de pagamento no dia anterior.

Segundo o presidente da Comissão Executiva Central dos Exames Supletivos, João Gomes da Costa, o candidato inscrito deverá se dirigir a Secretaria do Estabelecimento de Ensino onde se inscreveu para receber o cartão de inscrição. Os exames serão realizados nos seguintes locais: Liceu Paraibano em João Pessoa; Colégio Estadual de Guarabira; Colégio Estadual da Prata em Campina Grande; Colégio Estadual Pedro Aleixo de Patos; Colégio Estadual de Cajazeiras e Colégio Estadual de Itaporanga.

A nível de 1º Grau são as seguintes as disciplinas dos Exames Supletivos deste ano: Língua Portuguesa, História, Geografia, Organização Social e Política do Brasil, Educação Moral e Cívica, Matemática e Ciências Físicas e Biológicas. Já a nível de 2º Grau as matérias são: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira (Inglês ou Francês), História; Geografia; Organização Social e Política do Brasil; Educação Moral e Cívica, Matemática e Ciências Físicas e Biológicas.

As provas dos Exames Supletivos serão realizadas nos dias 21, 22, 23 e 24 de julho no Estabelecimento de Ensino indicado no Cartão de Inscrição às 8 horas e também às 14 horas.

Prédio desmorona e mata nove pessoas na Flórida

Cocos Beach, Flórida - Um prédio em construção de cinco andares desmoronou anteontem, quando havia 80 pessoas trabalhando no local. As autoridades informaram que pelo menos nove pessoas morreram, 14 foram feridas e cinco se encontram soterradas pelos escombros. Um operário continuou por várias horas a gritar por socorro, sob os escombros, até os grupos de salvamento chegarem ao local onde se encontrava.

Centenas de pessoas, algumas arrancando pedaços de concreto com as mãos nuas, tentaram chegar ao operário soterrado. A busca continuou horas depois do desmoronamento das obras do prédio Harbour Cay Condominium, à beira da rodovia litorânea de Atlanta, poucos quilômetros a sudoeste do Centro Espacial de Cabo Kennedy.

O Centro Espacial e a Força Aérea forneceram guindastes e caminhões para o trabalho e muitos de seus funcionários vieram de Cabo Kennedy para trabalhar, como voluntários, na remoção dos escombros. Robert Gray, chefe do programa do avião espacial Space Shuttle no Centro, foi visto trabalhando no monte de escombros.

Viola vai assumir hoje o governo da Argentina

O tenente-general Roberto E. Viola assumirá hoje a presidência da Argentina depois dos cinco anos de governo do general Jorge Videla, que tomou o governo no golpe de estado de 24 de março de 1976. Viola é considerado homem de fina sensibilidade política e boa comunicação com os civis.

Ele tomou parte na preparação do golpe de estado e comenta-se que os planos iniciais estabeleciam que Viola seria designado presidente do regime militar que se iniciava, mas a oposição de outros generais da "linha dura" fizeram com que o cargo fosse ocupado por Videla.

O presidente Ronald Reagan enviou anteontem um telegrama ao general Jorge

Viola para agradecer os esforços que fez durante os cinco anos em que ocupou a presidência da Argentina "para preservar e fortalecer" as relações com os Estados Unidos. Reagan também "espera que os esforços continuados de nossos dois governos conduzam a uma maior cooperação para a conquista de nossos objetivos comuns".

Viola assume no momento em que a ex-presidente Maria Estela Peron, que o golpe de estado depôs, foi condenada a oito anos de prisão. Anteontem à noite 21 pessoas foram presas por participarem de uma marcha para pedir a libertação da ex-presidente em frente ao Palácio Presidencial.



A UNIÃO
FUNDADA POR ALVARO MACHADO

Não compreenda Democracia sem imprensa livre e independente, que informe corretamente a opinião pública.

Tarcísio Burity

FANATISMO POLÍTICO

As posições políticas radicais de esquerda ou direita não servem a ninguém, nem mesmo aos radicais, homens fanáticos que matam e mutilam como um meio para conseguir seus fins abomináveis: a tomada do poder pela força, pelas armas. O radicalismo político não serve porque o preço a pagar é alto demais, sobretudo quando morrem inocentes ou um policial no cumprimento do seu dever de zelar pela paz social. Os atos terroristas que proliferam assustadoramente pelo mundo não devem continuar, sob pena da ordem mundial se transformar numa desordem, no caos político. A consciência mundial ainda não esqueceu a morte do democrata cristão Aldo Moro, na Itália, pelas Brigadas Vermelhas. Na Espanha, os atos terroristas são comuns num país que vive, pelo menos teoricamente, num estado de paz. Em nosso país, ano passado, terroristas emocionaram a opinião pública nacional, atingindo não só os sagrados valores do povo brasileiro, mas uma afronta ao projeto político do Presidente João Batista Figueiredo.

Apesar dos acordos entre países no combate ao terrorismo, esse mal avança desgraçadamente, a cada dia mais sofisticado, mais atualizado e, portanto, mais perverso e cego. Especificamente no Brasil, o Governo está atento e vigilante contra atos dessa natureza, e o próprio presidente da República, general João Batista Figueiredo, é o principal inimigo dessa horda de fanáticos, extremistas políticos que não tem na opinião pública brasileira a menor guarida.

O ato de terror praticado contra o inofensivo jornal "A Tribuna da Imprensa", do Rio de Janeiro, inutilizando as instalações do jornal não vai impedir que amanhã ou depois o jornal apareça nas bancas. Se a sua linha editorial é dura e facciosa em tudo o que o Governo faz e constrói, será o leitor quem assegurará a permanência ou não do jornal no mercado. As bombas colocadas na redação e oficina da "Tribuna da Imprensa" não vão calar o "oposicionismo" do jornalista Hélio Fernandes, aliás candidato ao Senado Federal pelo confiável Partido Popular.

CONTRA O SARAMPO

Mobilizando pessoal especializado, a Secretaria de Saúde do Estado intensificou a campanha de vacinação contra o sarampo, no interior da Paraíba, atendendo recomendação expressa do secretário de Saúde, Aloysio Pereira Lima, que autorizou, por outro lado, que o atendimento seja ampliado a todas as pessoas prejudicadas pelas enchentes, não apenas com a vacinação contra a febre tifóide, mas também com outros tipos de atendimentos.

É louvável o comportamento dos técnicos da Secretaria de Saúde do Estado envolvidos na campanha anti-sarampo iniciada a 22 de março e com término previsto para 1 de abril, pois nem as chuvas conseguiram diminuir o entusiasmo desse pessoal, que superou todos os obstáculos, a evar a vacina contra o sarampo aos mais longínquos recantos do nosso Estado.

Por determinação do secretário de Saúde, a equipe de técnicos da Secretaria de Saúde atravessou rios, venceu estradas intransitáveis, cidades alagadas, mas não deixou de roteger, através da vacinação, milhares de crianças com idade entre 7 meses e 5 anos.

O esforço desenvolvido, reconhece o titular da Pasta da Saúde, está sendo compensando, pois a previsão de vacinar cerca de 80% da população está se confirmando, numa prova a que a Secretaria de Saúde, além de contar com o apoio da população, conta também com o seu crédito.

Como se não bastasse a luta para vencer o sarampo, a secretaria de Saúde não mede esforços para socorrer também a grande demanda de flagelados, ora medicando, ora acinando, os desabrigados das cidades de Santa Rita, Itaipana, Espírito Santo e Cabaceiras, sequenciando uma campanha de atendimentos médicos que está se desenvolvendo na Capital e por todo o interior paraibano.

É, sem exagero, uma iniciativa meritória e do mais alto significado, que só serve para engrandecer cada vez mais, a administração do médico Aloysio Pereira à frente da Secretaria de Saúde do Estado, cujo pecado maior é trabalhar em função do bem estar da população paraibana em termos de saúde. E há ainda um detalhe muito importante. Despido de qualquer dose de vaidade, o Secretário de Saúde, Aloysio Pereira, quando abordado, faz sempre questão de transferir os méritos para a sua eficiente e laboriosa equipe de colaboradores, que, em todos os momentos, está sempre trabalhando.

Sem distinção, todos os núcleos de saúde do Estado estão atendendo os flagelados, acatando determinação do médico Aloysio Pereira, que se mantém informado de todas as atividades desenvolvidas pelas equipes da Secretaria de Saúde espalhadas pelo interior do Estado, empenhadas em vacinar 500 mil crianças contra o sarampo.

O genial Peleguino

Peleguino acordou sobressaltado, a madrugada já alta. No dia anterior tinha ido para a cama de cabeça quente, devido à áspera discussão que mantivera com representantes da oposição sindical, que exigiram dele uma atuação mais efetiva na defesa dos interesses da classe.

Peleguino não é bobo. Bem sabe ele que, em tempos de abertura, para conservar-se à testa de um sindicato importante como o seu não basta inaugurar uma sede nova. Ainda mais que a categoria profissional que ele se propõe comandar é formada de professores, gente que costuma dar trabalho à bessa. Sobretudo aqueles barbudinhos de esquerda, que em meio a confusas teses de liberdades democráticas, constituindo outros babados, defendem a autonomia dos sindicatos em face do Estado.

Isso nunca! Peleguino tem plena consciência do papel que lhe cumpre desempenhar na estrutura corporativista do sindicalismo brasileiro: o de amortecedor dos conflitos do trabalho, atento muito mais às razões de Estado do que aos interesses das partes. Para preservar a salutar harmonia entre donos de escola e professores, e assim evitar que a ordem social

venha a sofrer qualquer arranhão, Peleguino, velho conhecedor das regras do jogo, sabe que tem de ser ele o primeiro a ceder, tão logo surjam sinais de impasse nas negociações coletivas. Afinal, mais do que líder de uma classe, é um pingente do Poder.

Como porém evitar que os barbudinhos lhe roubassem o cargo nas próximas eleições para a direção do sindicato? Eles estão cada vez mais ativos e ameaçadores. Prova disso foi o que aconteceu no fim do ano passado, quando da assembléia geral destinada a definir as reivindicações para a campanha salarial do ano seguinte. Tentando driblar seus opositores, Peleguino convocara a assembléia através de um jornal especializado em assuntos econômicos, de reduzida circulação entre os professores, marcando-a para dois dias antes do Natal. E não é que alguns barbudinhos souberam da coisa e compareceram!...

Foi pensando nisso tudo em sua longa noite de insônia que, quase ao amanhecer assomou-lhe à mente uma idéia genial. Chegando à sede do sindicato, reuniu

João Olyntho

Tema novo

Todo mundo está nessa, devendo, comprando fiado, dando "trambiques" por tudo quanto é canto.

Creio que, ao me colocar nessa encruzilhada, sou um dos primeiros a não me entender. Por que devo me preocupar com temas novos, se no dia a dia só encontro coisas repetidas? Devo reconhecer que o melhor é entrar na dança das repetições ou então, se tiver coragem, sugerir que todo mundo meta a cara na cachaça, beba até cair de costas e deixe para resolver os problemas na segunda-feira. Afinal, se quando a semana começar faltar a solução, sempre haverá o jeitinho brasileiro de prorrogar os compromissos, embora a custa de juros, correção monetária, avisos ao SPC e, ainda por cima, aos envios cada dia mais frequentes das relações dos devedores contumazes aos cartórios de protesto, eternos relações públicas sociais, já que se encarregam de colocar os anônimos nas colunas especializadas dos jornais.

Sebastião Lucena

CARLOS CHAGAS

De quando em quando, os principais auxiliares políticos do Presidente Figueiredo encontram tempo para, reservadamente, dedicarem-se à prospeção do futuro. Esta semana, num dos mais importantes gabinetes oficiais, ouvia-se raciocínio delicado, a respeito das eleições parlamentares de 1982 e, interligada, a sucessão presidencial de 1984. Ainda que não vá reconhecer nunca, de público, o governo está convencido de que não fará maioria absoluta no novo Congresso. Apenas por milagre o PDS manteria 211 ou mais deputados federais, ainda que, no senado, disponha de condições para contar com mais de 34 senadores. O resultado, levando-se em conta diminuições também nas representações das assembléias legislativas, seria a necessidade de composição com outros partidos, seja para o executivo continuar sendo aprovados seus projetos, seja para a revolução indicar o sucessor do presidente João Figueiredo, no próximo colégio eleitoral.

Preparado para fazer ecoar sobre o PP, ou o PTB, o seu canto de sereia, o Palácio do Planalto já se encontra, inclusive, disposto a ceder a eles, na medida de suas representações, lugares no ministério e em outros escalões oficiais. Para depois de 1982, vale repetir. Isso garantiria a tranquilidade parlamentar e, mais, evitaria que um candidato de oposição (bom dia, Dr. Ulysses) reunisse todos os seus segmentos e acabasse ocupando a presidência da República.

Aqui, no entanto, as coisas enrolam, pois para compor, o governo precisará dispor de nomes aceitáveis, como seus possíveis candidatos ao lugar de Figueiredo. Gente confiável ao partido aliado, se civil ou militar, tanto faz. Aureliano Chaves, Ibrahim Abi-Ackel, Jarbas Passarinho, Mário Andreazza, Costa Cavalcanti e, até para os mais otimistas, o próprio General Octávio Medeiros, a quem, eles esperam, o PP não oporia grandes resistências se pudesse indicar seu companheiro de chapa. O problema surge, porém, quando sem poder fazer nada, os assessores presidenciais assistem à investida de Paulo Maluf, correndo por conta própria, antecipadamente e, o que é pior, utilizando processos e mecanismos pouco ortodoxos, daqueles capazes de fazer corar senão um frade de pedra, ao menos um Tancredo de carne e osso. Caso, nas preliminares de 1984, Maluf dispusesse de sensíveis bases dentro do PDS,

seus comandados, gente muito fina, e sentenciou: "Sabem vocês que sócio que não está em dia com o sindicato não pode votar. Pois bem. Vamos transformar a contribuição semestral em mensal, e disso não precisamos dar ciência a ninguém. Obrigaremos assim cada sócio a se deslocar todos os meses para cá, só para ter de pagar os 50 cruzeiros de contribuição e registrar seu nome num livro apropriado. Vocês sabem, numa cidade grande como a nossa, esse deslocamento exige grandes sacrifícios. Duvido que os barbudinhos consigam manter-se em dia com o sindicato até o dia das eleições. Quanto aos nossos, não há problema: zelaremos pela sua pontualidade".

"Mas e se os barbudinhos souberem da coisa e quiserem pagar antecipadamente diversas mensalidades? - perguntou uma funcionária. Afinal, é tão pequena a contribuição mensal". Peleguino matou em cima: "Não se preocupe, minha cara. Você está autorizada a receber apenas a contribuição do mês presente, jamais dos meses futuros".

Ante a perplexidade da funcionária, Peleguino sorriu satisfeito. Descobriu o elixir da longevidade. Ele, um genial estrategista. Golbery que se cuidasse!

Volto a perguntar: qual seria o melhor assunto para um domingo? A praia é a opção daquele que não tem direito a piscina. Todavia com essas chuvas frequentes, tem muito "nego" amarelo por aí, por ter perdido a única coisa que conseguia de graça, que era precisamente, o sol. Ouvir música é privilégio de poucos, pois a grande massa é obrigada a se contentar com os "Enoches Pelágios" das rádios e guardar a esperança de participar, frevando, dos carnavais, a cada ano mais tristes.

Fico pensando como é que o pessoal vai reagir, quando o doutor Delfim Neto resolver fazer a última jogada, o arremate final, sempre com aquele jeito artístico de mandar apertar o cinto, enquanto folga o que rodeia sua volumosa barriga. Já ninguém vai se preocupar com temas de crônicas; os leitores vão ler de olhos fechados, pelos ouvidos, escutando quantos roncões cada barriga dá por segundo e, por extensão, praticando aritmética, para poder contar quantos viajaram para a "cidade de pé junto", também conhecida como "Senhor da Boa Sentença".

Do Leitor

Saibam reivindicar

Sr. Editor:

Os professores do Estado realizaram um ato público em frente ao Palácio da Redenção, reivindicando melhores salários, ou coisa que o valha. Tudo bem, reivindicar é um direito de todos, pelo menos numa democracia. Mas parece que os professores não sabem como fazê-lo ou pelo menos se esquecem da educação e em vez de reivindicar passam a agredir tanto o governador como os servidores do seu governo.

As pessoas que estavam assistindo ao ato público, e não eram professores, no mínimo saíram de lá com uma péssima impressão dos responsáveis pela educação de seus filhos. Acusações ao governo não faltaram. Mas acusações morais, sem argumentação lógica, que merecesse elogios ou pelo menos o consenso de que se estava realizando alguma coisa civilizada, por pessoas inteligentes, e não, o que se viu: um bando de selvagens, sem saber como se comportar.

Não estou aqui dizendo que os professores não devem reivindicar melhores condições salariais e até de ensino. Longe de mim tal ousadia. Porém acho que tudo deve ser feito com consciência e, sobretudo com educação, e não como der na veneta. Imaginem os professores querendo invadir o Palácio da Redenção. Pareciam até um bando de radicais, querendo apenas arruaçar.

Espero que os professores continuem reivindicando melhores condições, não só salariais, mas para tudo. Só que com classe, educação, competência (essa é a palavra), porque só assim conseguirão algo. Radicalizando posições e atacando moralmente as pessoas, só conseguirão, no mínimo, uma resposta com a mesma intensidade. Estou errado professores de Física? Se não me engano, uma lei de Newton diz que a toda ação corresponde uma reação igual e contrária. Portanto cuidado com a forma como reivindicam para que possam realmente resultados concretos.

Grato pela publicação
Antonio Quirino Dias
Conjunto José Américo.

SUCCESSÃO E PEDRAS

em condições de ser escolhido na convenção, os aliados eventuais do governo romperiam carreira. Prefeririam formar com o escolhido pelo PMDB, seu presidente, com quem, até por hábito, mantém relativo entendimento. O resultado seria, assim, a debacle oficial, a crise, quem sabe o caos, na medida em que setores mais ortodoxos do sistema se irritassem.

Paulo Maluf, dessa forma, ainda que por enquanto respeitado em seus objetivos, aparece como a grande pedra no caminho da normalidade. Não haveria como se imaginar Tancredo Neves e Magalhães Pinto no mesmo palanque que ele. Mas se continuar a atual progressão, entre convites, envoltórios, ofertas e tudo o mais, junto aos pedessistas? Se agora, como dizem ser verdade, ele conta com o apoio de pelo menos 100 deputados federais e outros tantos estaduais, depois de 1982, com o Congresso renovado, com quantos estará, sabendo-se que também já vem ajudando lideranças nascentes que se candidatarão pela primeira vez?

Por tudo isso, um dos mais importantes assessores presidenciais também comentava, no mesmo tom reservado, que o governador paulista aproxima-se com muita rapidez da ponta da faca. Mais dia, menos dia, esbarará nela, de barriga. Porque, acima e além de suas ambições, para o governo, está a importância do desenvolvimento do projeto político do General Figueiredo, da estabilidade institucional e da preservação do poder. Tudo isso se encontra em condições de acontecer, mesmo diante de uma diminuição do PDS, mas em torno de nomes capazes de ser aceitos por seus eventuais e futuros(?) aliados. Se o preço de tal objetivo for um alinhamento prematuro e forçado do já candidato declarado de si mesmo e de parte da bancada pedessista, ele que aguarde.

Vale continuar o exercício especulativo, com o afastamento da pedra no caminho. Minoritário no Congresso, dentro de dois anos, não parece difícil que o governo se componha com os "populares" ou, mesmo, com os "trabalhistas" de Ivete Vargas, se crescerem. Alguns ministérios, companhias estatais, diretorias e representações bastariam para acomodar situações, tudo, obviamente, entre mil cantilenas a respeito dos perigos do comunismo incrustado no PMDB, no PDT ou no PT. Não foi pensando em outra coisa que o saudoso Petrólio Portella articulou o fim do bipartida-

rismo, dois anos atrás. Mais importante será saber se, conscientes de seu papel de pêndulo, os prováveis futuros (?) adesistas não cobrarão preço muito alto para garantir a permanência do sistema no poder federal. Indiciando o vice-presidente, e pleiteando participação na futura administração, aceitariam quase sem relutância o elenco de nomes oficiais da área civil. Caberia ao Presidente João Figueiredo e seu grupo a decisão final. Mas se continuar crescendo, como parece que está, a candidatura do General Octávio Medeiros? Distinção, propriamente, o país não deve fazer a respeito de candidatos fardados ou de terno, mas, por isso mesmo, acrescenta-se um argumento em favor de um presidente civil. Afinal, já são cinco generais, não contadas as duas juntas militares, de 64 e de 69. Grupos políticos, muito em surdina, e através de jantares e reuniões sigilosas, cuidam de viabilizar o nome do atual Chefe do SNI, que apesar de discreto e voltado para suas funções específicas, não estará afastando liminarmente a hipótese. Quantos brasileiros repelem a hipótese de presidir o seu país?

In extremis, há quem admita, no núcleo maior de poder, que se um impasse surgir em termos de aliança entre o PDS e o PP, o sistema seria capaz de aceitar a candidatura de Tancredo Neves à presidência. Para evitar "o outro lado", veja-se, a eventual chance de Ulysses Guimarães chegar ao Planalto, vale tudo. Primeiro, o sacrifício de Paulo Maluf, já previsível. Depois, uma adesão a quem evitaria tal possibilidade, mesmo não pertencendo ao PDS.

Para continuar no tema sucessório, mas pelo lado inverso, importa referir: No PMDB, cresce a tendência (não só a popular) pela antecipação do lançamento de um candidato à Chefia da Nação, antes das eleições de 1982. Ele seria, é claro, o presidente do partido, que nas campanhas para o Congresso e as Assembléias já se apresentaria, levando o eleitorado ao raciocínio simples: "Votem nos candidatos do PMDB à Câmara e ao Senado, que eles, por sua vez, dentro de dois anos, votarão em Ulysses Guimarães para a presidência". Pode ser um sonho de noite de verão, com possibilidades de ser desfeito pela tempestade e as chuvas de inverno, mas que se desenvolve, e com a aquiescência do próprio, nem há que duvidar. Em suma, as especulações levam longe, e em todos os senti-

A UNIÃO • Diretor Presidente: Nathaniel Alves • Diretor Técnico: Gonzaga Rodrigues • Diretor Administrativo: Etíenio Campos de Araújo Diretor Comercial: Francisco Figueiredo • Editor: Agnaldo Almeida • Secretário: Walter Galvão • Redação: Rua João Amorim, 384. Fones: 221.1463 e 221.2277 • Administração e Oficinas: Distrito Industrial, Km 03 - BR-101. Fone: 221.1220. Caixa Postal - 321 - Telex 32295 • SUCURSAIS: Campina Grande: Rua Maciel Pinheiro, 320. ed. Jabre - Fone: 321.3786 - Cajazeiras: Rua Pe. José Tomaz, 9 - Fone: 531.1574 - Patos: Travessa Solon de Lucena, S/N - Fone: 421.2268 - Guarabira: Praça João Pessoa, 37 - Fone: 478 - Fone: 531.1574 - Fone: 521.1219 - Itaporanga: Rua Getúlio Vargas, S/N - Fone: 325 - Catolé do Rocha: Rua Manuel Pedro, 574.

NOTAS POLÍTICAS

Marcone Carneiro Cabral

Eleições de 82 podem decidir sucessão presidencial direta

As especulações sobre a reforma eleitoral e outras expectativas em torno dos preparativos do Governo para as eleições do próximo ano estão levando a classe política, de modo geral, a acreditar que 1982 poderá vir a ser um marco da abertura mais significativa do que se poderia imaginar. Alguns políticos, é verdade, chegam a temer que, em 1982, o Governo possa dar início a uma contagem regressiva, no rumo do fechamento, caso o PDS perca sua maioria, sobretudo entre os governadores, cujo pleito vai marcar o retorno ao princípio constitucional da escolha pelo povo, mediante o exercício do sufrágio universal, direto e secreto. E, segundo esse raciocínio, o final da contagem do retrocesso seria a sucessão presidencial, que daria lugar ao fim da abertura e ao início de um endurecimento do regime, nos padrões mais rígidos ditados por uma candidatura militar única, incontestável pela eleição indireta.

Felizmente, a maioria da classe política não costuma prever 1982 com tanto ceticismo. Como observa o deputado federal Antônio Mariz, o que explica toda a preocupação do Governo, manifestado a partir de 1981 e, portanto, com antecedência, é uma questão muito prática: nas eleições de 1982, poderá ser decidida, também, a eleição presidencial direta. Não os nomes, é certo. Mas o prazo em que a sucessão do presidente Figueiredo poderá ser oficialmente aberta e a decisão de como será conduzida. E, então, será possível que o Governo admita pela primeira vez uma candidatura civil à presidência, ou melhor, candidaturas que possam ir sendo cogitadas e surjam da própria classe política.

Não seria essa a primeira vez em que a carta mais importante do jogo político do país - a candidatura civil - estaria na mesa. Em 1965, nas eleições para os Governos estaduais, disputava-se com toda a clareza a sucessão do presidente Castello Branco. Na época, as coisas eram realmente claras. Havia um candidato na

Guanabara, o governador Carlos Lacerda. Havia um candidato em Minas, o governador Magalhães Pinto. E havia naturalmente as candidaturas militares. Anos depois, essa tentativa seria tomada como exemplo e estímulo por civis e militares, como o general Euler Bentes e outros.

É bem verdade que Lacerda e Magalhães perderam as eleições, a vitória da oposição nos seus Estados bastou como pretexto para a edição do AI-2 e, com um ato institucional em vigor, estava pavimentado o caminho do marechal Costa e Silva, então ministro da Guerra, em direção à presidência.

Porém, hoje o clima é outro, o ar do regime pode ser respirado por civis e militares. Há uma abertura em desenvolvimento, há um compromisso presidencial com o retorno à Democracia e, sobretudo, há o projeto político das eleições diretas para as chefias dos Executivos estaduais, francamente defendido pelo Governo como penúltima etapa do teste preparatório da adoção do processo direto em todos os níveis.

Por isso, 1982 poderá ter significado especial para a sucessão presidencial. Se o presidente Figueiredo não tem eliminado a consideração de todas as alternativas, a perspectiva imediata, embora com seus cantos obscuros, não é pessimista. Está consciente o Governo de que necessita negociar com os partidos de oposição, conceder, tolerar até onde for possível, no sentido de realizar o pleito de 1982 de acordo com suas previsões de normalidade, com resultados que, admitindo o crescimento dos adversários PDS, possam levar ao equilíbrio e ao diálogo necessário ao exame da sucessão presidencial. É o que se observa em Brasília: a previsão de uma margem suportável de prejuízos em 1982, nas eleições para governadores, poderá abastecer as esperanças do Governo no sucesso de negociações tolerantes com os partidos de oposição, nos preparativos para a sucessão do presidente Figueiredo.

Lucena envia carta à imprensa rebatendo declarações de João



Humberto não disse a Agripino que vai trabalhar para Mariz

José Joffily chega quinta para fortalecer a Frente

O escritor José Joffily chegará a João Pessoa no dia 2, próxima quinta-feira, com o objetivo de fortalecer a Frente Democrática no Estado, lançar seu último livro "Anayde Beiriz - Paixão e Morte na Revolução de 30", e manter contatos políticos com amigos e correligionários na Capital e em Campina Grande.

Joffily dialogará também com os estudantes, abordando temas e debates como "A Frente Democrática e as Oposições na Paraíba", e "Oposição hoje".

É a seguinte a pro-

gramação de Joffily em sua próxima visita a Paraíba que se encerrará no dia 8, quando retorna a Londrina:

Dia 3, às 16 horas - Lançamento do seu último livro na UFPA em Campina Grande, após conceder entrevista ao jornalista Chico Maria - Programa Confidencial da TV Borborema.

As 20 horas na UFPA - Campus II, debaterá com os estudantes o tema "A Frente Democrática e as Oposições na Paraíba".

Nos dias 4 e 5 vai manter contatos com amigos e correligionários no Hotel Tropicana, em

João Pessoa, onde ficará hospedado.

Será também no Hotel Tropicana, dia 6, às 20 horas, o lançamento de seu livro na Capital, com a apresentação do ex-governador Pedro Gondim.

No dia 7, falará sobre o tema "Oposição Hoje" às 20 horas para os estudantes da UFPA, em João Pessoa. A informação foi prestada ontem, pela jornalista Maria José Limeira, uma das fundadoras da Frente Democrática. Provavelmente o ex-deputado Assis Lemos virá na companhia do escritor e também ex-deputado José Joffily.

O senador Humberto Lucena, presidente regional do PMDB, rebateu as afirmações do ministro João Agripino, hoje filiado ao PP, de que Humberto teria afirmado não ser candidato ao Governo em 82, e que estava trabalhando para quebrar as arestas existentes em seu partido, contrárias ao nome do deputado Antonio Mariz. Humberto teria também afirmado, segundo Agripino, que era reconhecido pelo trabalho da dissidência de então em defesa de sua candidatura ao Senado, e que mesmo devia sua vitória ao esquema João-Mariz.

Na carta que o Senador paraibano escreveu para a imprensa, Humberto nega que tenha tido essa conversa com Agripino, mesmo porque ele não poderia afirmar que não era candidato, uma vez que é um homem de partido e a decisão não seria sua, mas sim da Convenção Regional responsável pela indicação do candidato.

Quanto ao trabalho de unificar as oposições, Humberto realmente vem fazendo, mas nunca pressionado por compromissos existentes com a cúpula do PP. Fontes oficiais do PMDB que tiveram oportunidade de conhecer o teor da carta, afirmaram que ela "é curta mas incisiva e Humberto não poderia silenciar diante das declarações do ministro João Agripino".

NOVA CRISE

O presidente municipal do PMDB, Mazurek Moraes, disse ontem que vai reunir o Diretório Municipal amanhã para analisar os pronunciamentos dos vereadores Derivaldo Mendonça e Mário da Gama e Melo. As críticas de Derivaldo, atual líder do PMDB na Câmara, são contundentes e prenuncia uma nova crise de proporções bem maiores quando do ato da prorrogação dos mandatos municipais e da eleição do Diretório, episódios que dividiu os vereadores com a cúpula do partido.

A afirmação de Derivaldo de que a coligação do PMDB como PP "é perniciososa ao nosso partido e faz parte de conchave entre o ministro João Agripino e o senador Humberto Lucena, "está sendo encarada como muito séria e digna de análise mais profunda por parte do Diretório.

Derivaldo não teme reação da cúpula do seu partido

O vereador Derivaldo Mendonça, líder da bancada do PMDB na Câmara Municipal, disse ontem que o Diretório Municipal não pode se insurgir, através de uma nota, contra um Poder, e se assim o fizer estará criando uma forte dissidência dentro do PMDB, "porque além de contar com a solidariedade dos vereadores do meu partido, represento na Capital o Grupo Cunha Lima".

Disse ainda que não recua do seu ponto de vista e os trechos do seu pronunciamento publicados ontem por toda a imprensa de João Pessoa foram verdadeiros e que assumia inteira responsabilidade. "Não falei emocionalmente mas consciente de que estou procurando o melhor para o meu partido. Somos majoritários no Estado e não vamos permitir entregar a cabeça-de-chapa aos nossos inimigos, aqueles que combateram o saudoso presidente senador Ruy Carneiro. A nossa memória não é fraca e devemos respeito ao eleitorado paraibano que exige dos políticos o

compromisso com a verdade e a coerência de suas posições".

A CARTA

Derivaldo afirmou que teve conhecimento de que uma carta de Humberto seria publicada, e se ela chegasse ao conhecimento do partido e do público não teria se pronunciado da maneira como procedeu. Se assim o fez foi porque não concordou e nem concorda com "conchaves feitas em Brasília sem que a base do partido seja ouvida ou respeitada".

Humberto continua sendo o nosso comandante e estamos com ele pois sabemos que se ele publicar esta carta anunciada, o PMDB dará uma prova cabal de que honra seus compromissos com o povo paraibano.

O líder do PMDB na Câmara disse ainda que os vereadores Mário Gama e Sebastião Calixto estão com ele no pensamento de fortalecer o partido, mas poderão rasgar a ficha de inscrição caso a agremiação caia na armadilha preparada pelo PP.

Bastidores

Pedir Justiça

O presidente da República virá a Recife na próxima semana para debater, com os governadores nordestinos, as providências sobre a seca. Eis uma oportunidade para se usar da franqueza e se cobrar do presidente recursos que tragam muitas obras permanentes para a região. Para lembrar discurso do deputado Edme Tavares sobre o Nordeste, feito recentemente na Assembléia Legislativa, seguido do deputado Paulo Gadelha, vêm à mente as palavras do padre Vieira, mencionadas pelo primeiro parlamentar: "Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando, pois esta é a licença e a liberdade que tem quem não pede favor senão Justiça".

Perfil do NE

Com efeito, o Nordeste contribui com 25% da produção agrícola nacional e mantém um superavit em nossa balança comercial com o Exterior acima de um bilhão de dólares, enquanto o restante do país apresenta-se com um deficit de cinco bilhões de dólares.

Lama não pega

O governador Tarcísio Burity está voltando hoje à Paraíba, depois de cumprir compromissos assumidos com o reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e outras autoridades gaúchas. Amanhã, retomará as atividades de rotina. Sente-se, aliás, que a medida que muita gente continua a atirar lama no seu Governo, na óbvia tentativa de que, jogando-a contra auxiliares e amigos, possa atingir sua pessoa, um excepcional sentimento popular, expresso

nos comentários de rua, põe o sr. Tarcísio Burity a salvo das agressões e calúnias. Os paraibanos, de modo geral, preferem levar em conta a seriedade e a honestidade, marcas principais da honra da pessoa do governador, do que dar ouvidos àqueles que generalizam as acusações, tentando, assim, enlamear toda uma administração.

Sem mancha

"Burity é limpo", diz o povo, em sua sabedoria, usando a expressão para reconhecer no seu governador um homem sem mácula. Os chamados lugares comuns da linguagem só o são quando o emprego das expressões rotineiras acoberta o vazio de sentimentos. Quando, porém, elas traduzem emoções autênticas, verdades sinceras da alma, como essa do povo paraibano, então vocábulos murchos adquirem seiva nova e a flor da palavra, como a rosa matinal, não repete, mas revive.

Incineradores

Agora, após exploração do caso de chantagem eletrônica, estão tentando atingir o governador Tarcísio Burity através da atuação do seu líder na Assembléia Legislativa, deputado Soares Madruga. Políticos inescrupulosos deixam de examinar o mérito da atuação do líder para passar a fazer acusações e até contestações ao comando do governador. Nos bastidores, agem de uma maneira; diante do sr. Tarcísio Burity, falam em unidade partidária, defendem o líder e enaltecem o comando político do governador. Esses, sim, são os parlamentares que podem ser considerados incineradores do partido.

Cecílio Batista diz que conjunto está abandonado

O vereador Cecílio Batista fez apelo ao Prefeito Damásio Franca no sentido de que volte sua atenção para os problemas que afligem os habitantes do Conjunto dos Bancários e Professores da UFPA, onde moram cerca de 10 mil pessoas e que se encontram praticamente abandonados pelo poder público.

Em sua justificativa diz o Vereador que aquele conjunto foi inaugurado há cerca de 9 meses e conta apenas com quatro ônibus, que circulam em horários inconvenientes. "Falta água e até esta data o departamento

competente da Prefeitura não se dignou sequer de mandar proceder uma limpeza nos canteiros, onde o mato continua crescendo. Mais de 40 por cento dos moradores possuem telefone, mas a Telpa não tem dado ouvidos às solicitações, inclusive desta Casa, para colocar ali um dos aparelhos públicos, conhecidos por "Orelhões".

POLICIAMENTO

Quanto ao policiamento, lembra Cecílio Batista, "que neste período de existência daquele núcleo populacional, apenas duas vezes, um carro

da Rádio Patrulha passou por lá. Talvez as autoridades sintam - e nisso parecem ter razão - que a gente ordeira que por ali se transferiu não dá trabalho à Polícia, mas é necessário atentar para os que vêm de fora, para os desordeiros, para os assaltantes que infestam toda a cidade".

A falta de acesso dificulta a passagem da Cidade Universitária para o Núcleo habitacional. A SAELPA não liga para a reposição de lâmpadas queimadas, esperando que os moradores o façam, como um ocorrido até hoje".

Mesa do Senado quer acabar com verificação de quorum

Antes mesmo de ser levado ao conhecimento do plenário, já recebeu os protestos da oposição e do senador Dirceu Cardoso (ES, sem partido) projeto de resolução da Mesa do Senado que propõe, mediante alteração do Regimento Interno, reduzir os poderes do Parlamento de obstruir votações, recurso amplamente utilizado para retardar ou impedir a aprovação de determinados projetos. Pela proposta da Mesa, os pedidos de verificação de quorum só serão aceitos se apoiados por um décimo de todo o Senado (sete senadores), ou se feito pelo líder da bancada que represente esse número.

A bancada do PMDB, depois de debater o assunto em reunião, acolheu a idéia do senador Mauro Benevides

(CE) para que as alterações regimentais sejam feitas por uma comissão especial de senadores.

O senador Mauro Benevides não aceitou as justificativas na Mesa de que o projeto tem a finalidade de dotar o plenário dos meios necessários a agilização do processo legislativo "especialmente quando da votação de matérias de grande relevância e interesse público. Ele procurou mostrar a sua bancada que a medida, antes de tudo, representa o "esmagamento das minorias partidárias", pois atingirá sobretudo os partidos menores, retirando-lhes as possibilidades de reagir, em processo regimental, contra as decisões e votações que possam considerar lesivas aos seus interesses.

Todos os poderes ficarão, naturalmente, com os partidos maiores, principalmente o PDS.

Entende, por outro lado, o senador Mauro Benevides, que com a alteração do recurso de pedido de verificação de quorum, de maneira como pretende a Mesa, os projetos mais beneficiados serão aqueles relativos a pedidos de empréstimos dos Estados e Municípios, dos quais sobram 104 que não conseguiram aprovação no final da Sessão Legislativa passada, graças ao instrumento obstrução através do pedido de verificação de quorum, a maioria feito pelo senador Dirceu Cardoso, o único que não pode responder pela liderança de uma bancada com o mínimo de sete senadores.



Derivaldo reafirma o que disse na Câmara

Dr. RICARDO A. ROSADO MAIA
CARDIOLOGISTA

Consultório, agora, em novo endereço:
Av. Almirante Barroso, 162
Fone: 221.6749

NOTÍCIAS MILITARES

Maviasel de Oliveira

Campeonato de Orientação começa hoje em Natal

O VIII Campeonato de Orientação das Forças Armadas será realizado na cidade de Natal - Rio Grande do Norte, de hoje até o dia 3 de abril, sob a organização e direção da Comissão Desportiva Militar do Brasil - CDMB, órgão do Estado-Maior das Forças Armadas - EMFA.

Estarão participando deste evento os melhores atletas de Orientação da Marinha, do Exército e da Aeronáutica.

O que é o Esporte da "Orientação"?

Orientação é uma modalidade desportiva na qual os participantes devem realizar um percurso através do campo, em terreno desconhecido e variado, definido por uma série de postos de controle, marcados em um mapa detalhado do terreno que se chama - Carta de Orientação.

Os atletas escolhem sua própria rota para atingir os postos, através das informações proporcionadas pelo mapa e com a ajuda de uma bússola.

Inicia-se o percurso em um ponto chamado Pré-partida, onde são reunidos os participantes que saem escalonados, em intervalos que variam de 1 a 5 minutos.

O atleta segue por um caminho balizado até a Partida, que fica aproximadamente há 1 minuto da Pré-partida. Lá recebe a Carta de Orientação e tem cerca de 2 minutos para estudá-la a fim de escolher sua rota.

O atleta deverá percorrer, dentro de um tempo limite pré-determinado, todos os postos de controle, na ordem pré-estabelecida, e cruzar a linha de Chegada.

O Campeonato de Orientação das Forças Armadas

Consiste na realização de dois percursos com cerca de 8 a 15 quilômetros, a pé, em terreno desconhecido dos participantes, localizado em determinada área do território brasileiro.

O atleta que somar o menor tempo nos dois percursos vence o campeonato.

Cada equipe é composta de sete atletas, sendo campeã a Força que obter a menor soma de tempos dos seus quatro atletas melhores classificados, por percurso.

Após os dois percursos individuais, pode também ser realizada a prova de revezamento, em caráter amistoso, em contagem de pontos.

Além do incentivo a um desporto de grande interesse para as atividades militares, que provavelmente será incluído também nos próximos Jogos Olímpicos, o Campeonato de Orientação das Forças Armadas tem como objetivo básico o conagração entre as três Forças Singulares: MARINHA, EXERCITO E AERONÁUTICA.

A frente do evento o Tenente-Coronel Joécio de Campos Silveira, Presidente Interino da CDMB.

Moço de Convés

De 2 a 30 de abril do próximo mês, serão abertas na Capitania dos Portos do Estado da Paraíba, as inscrições para a prova de seleção do Curso Fundamental de Moço de Convés.

O candidato deverá apresentar Cartão de Identidade que prove ter mais de 16 e menos de 30, anos, no ato de inscrição.

Para maiores esclarecimentos, os interessados deverão comparecer à Capitania dos Portos (Divisão de Pessoal), no horário de 14:00 às 17:00 horas, de segunda à sexta-feira.

Sargento Gildo

Depois de permanência de dois anos na 17ª Brigada de Infantaria de Selva - Porto Velho/Rondônia -, acaba de ser transferido para o efetivo do 15º Batalhão de Infantaria Motorizado, o Sargento Gildo Fonseca de Oliveira.

Ao distinto militar e família, os votos de boas vindas.

Corrida das Praias

As representações civis e militares convidadas para participarem da "15ª Corrida das Praias", em homenagem a Revolução de 1964 e ao 2º Ano do Governo Burity, são as seguintes:

14º Batalhão de Infantaria Motorizado, (Jaboatão-PE), 16º Batalhão de Infantaria Motorizado (Natal-RN), 71º Batalhão de Infantaria Motorizado (Garanhuns-PE) e 23º Batalhão de Caçadores-Fortaleza-CE, que ficarão alojados no quartel do 15º BI Mtz, em Cruz das Armas;

Departamento de Esportes da Prefeitura (Campina Grande-PB), Grupamento de Fuzileiros Navais (Natal-RN), Escola de Guerra Naval (Rio de Janeiro-RJ), Escola de Agronomia (Areia-PB) e Clube Português (Recife-PE), que ficarão no QG do 1º Gpt E, na avenida Epitácio Pessoa; e

Policiais Militares do: Rio de Janeiro, Pernambuco, Ceará e Alagoas, que receberão a hospitalidade do Corpo de Bombeiros, em Maré.

Deve-se, pois, nesse setor principal, o êxito da grande competição, graças a inestimável cooperação do General França, do Coronel Ivanilo e do Coronel PM Talião, ilustres Comandantes do 1º Gpt E, 15º BI Mtz e PM/Pb, respectivamente, a quem de público os organizadores da Corrida das Praias, enviam os seus agradecimentos.

Missa

O Sargento Raimundo Gonçalves Leite e família convidam parentes e amigos para participarem da Missa de 7º Dia que mandam celebrar amanhã, às 08:00 horas, na Capela do 1º Gpt E, pela alma de ANTONIO CRISTINO LEITE.

Sudene libera 90 milhões para a Zona Canavieira

Noventa e sete milhões de cruzeiros serão liberados pela Sudene, para aplicação nas linhas de crédito especiais, dentro do Programa de Apoio às Populações Pobres da Zona Canavieira do Nordeste. A informação partiu do diretor-geral da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Agostinho dos Santos.

Ele esteve em Recife participando das discussões, patrocinadas pela Sudene, a respeito do programa. Basicamente, três linhas de crédito compõem a programação. A primeira está sendo criada para o crédito fundiário, com o objetivo de financiar pequenas glebas na área da cana-de-açúcar,

para desenvolvimento da agricultura de subsistência

A segunda linha será para crédito de investimentos gerais, havendo financiamentos para qualquer caso, atingindo até eletrodomésticos. A terceira e última é destinada para crédito de manutenção das famílias localizadas na zona canavieira, para despesas com saúde, escola e alimentação. O programa é originado do Governo Federal, executado pela Sudene e coordenado, na Paraíba, pela Secretaria de Planejamento. Abrange, dentre outros setores, as pastas da Saúde, Educação, Habitação, Trabalho e Agricultura.

Interventor de Taperoá vai inaugurar o hotel

Taperoá (A União) - Dentro de breves dias, o interventor José de Assis Queiroz estará inaugurando várias obras nessa cidade, das quais se destaca o moderno Hotel de Taperoá, com 30 apartamentos, onde foram aplicados recursos na ordem de Cr\$ 8 milhões, oriundos da Pb-Tur.

Outras que se destacam são o conjunto residencial, composto de 60 casas, a estrada que liga Taperoá a Desterro, com extensão de 50 quilômetros; o grupo escolar Odacir Villar, construído com recursos próprios da Prefeitura Municipal; e a repetidora do distrito de Assunção, onde foram gastos cerca de Cr\$ 550 mil.

Por outro lado, as obras que se

encontram em recuperação dentro da administração do sr. José de Assis Queiroz são o Posto de Saúde do distrito de Assunção, os grupos escolares Pedro Farias, na zona urbana e outros dois na zona rural, nos sítios Carnaúba e Serrote, respectivamente.

O interventor José de Assis Queiroz disse que espera até o final de sua administração resolver os problemas mais cruciantes do seu município, tais como o abastecimento d'água, eletrificação rural, pavimentação, construção de postos de saúde para o atendimento principalmente ao menor carente a a distribuição de livros didáticos para o corrente ano.

Vereador critica salário de docentes em Conceição

Conceição (A União) - Em uma das mais movimentadas sessões da Câmara Municipal dessa cidade, o vereador Jadir Pereira Valões, do Partido Democrático Social - PDS - criticou o Poder Executivo municipal sobre várias irregularidades que vêm ocorrendo na cidade nesse setor.

Um dos pontos abordados pelo vereador pedesista foi sobre a questão salarial dos professores municipais. Segundo ele, existem professores que percebem salário de Cr\$ 200,00, enquanto outros percebem Cr\$ 500,00. Por isso, o sr. Jadir Perei-

ra fez um alerta à população e aos componentes da Câmara Municipal e fez a seguinte indagação: "Por que essa desigualdade?"

Outro fato denunciado pelo vereador Jadir Pereira foi sobre o atendimento na zona rural, o qual é bastante precário. Segundo suas declarações, o médico designado para prestar serviços nos povoados de Capim, Umbuzeiro e Mata Grande só está ganhando o dinheiro, porém não vem cumprindo com o seu dever de assistir às populações carentes das referidas localidades.

Asfalto liga Itapororoca a Guarabira

Itapororoca (A União) - Já se encontra aberta a licitação para as empresas que estiverem interessadas em participar da concorrência para o asfaltamento da estrada que ligará Guarabira à Itapororoca.

O anúncio foi feito diretamente ao ex-prefeito José Félix de Brito, pelo deputado Assis Camelo, causando assim grande euforia à comunidade. As obras deverão ser iniciadas imediatamente, segundo informações de fontes do DER.

O asfaltamento do trecho rodoviário Guarabira-Itapororoca é uma reivindicação do influente parlamentar da região Assis Camelo junto ao governador Tarcísio Burity.

José Paiva faz elogios a Burity

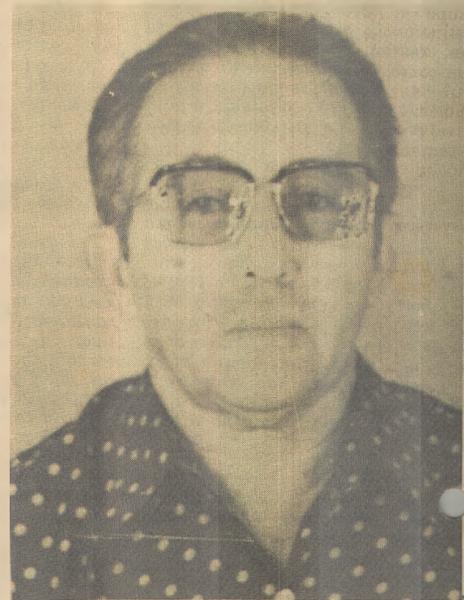
Sousa (A União) - O industrial José de Paiva Gadelha, presidente do diretório do PMDB local, disse antontem, durante o discurso que pronunciou oferecido ao secretário da Indústria e Comércio, Carlos Pessoa Filho, nesta cidade, que, sendo adversário político do governador Tarcísio Burity, não deixa de reconhecer que ele tem se constituído num grande amigo de Sousa, com a construção de obras de maior importância para a comunidade.

Disse o sr. José de Paiva Gadelha que desconhecer o trabalho do governador Tarcísio Burity é cometer uma grande injustiça e isso ele não pratica.

Em Monteiro, PDS conta com três candidatos fortes

Monteiro (A União) - Apesar das candidaturas não terem sido lançadas oficialmente, o PDS dessa cidade conta com três nomes para concorrer as eleições municipais de 1982, para prefeito, constituindo-se nos mais cotados, pelo menos nos bastidores da política monteirense. Tratam-se dos srs. Antonio de Sousa Nunes, Antenor Campos e Everardo César.

Acreditam os partidários do PDS local que o pleito municipal de 82 será um dos mais disputados e que há necessidade de união de todas as forças do partido, a fim de que a agremiação possa continuar comandando a administração municipal. Os líderes políticos Alexandre da Silva Brito, atual prefeito; e o sr. João Feitosa, bem como o deputado Nilo Feitosa, ainda não se pronunciaram a respeito das candidaturas, no entanto os três prováveis candidatos gozam de elevado conceito junto a estes.



Prefeito Otacílio Bento

Comunidade de São Mamede satisfeita com administração

São Mamede (A União) - Os moradores do Bairro da Boa Vista, o mais populoso dessa cidade, afirmam que estão bastante satisfeitos com a administração do prefeito Otacílio Bento de Moraes, que, segundo eles, foi o único a dar atenção para as necessidades da localidade.

A obra, que deixará marcada a sua administração, é o calçamento da avenida José Amorim, em estilo moderno, com canteiros ajardinados ao centro, galerias puviais, iluminação e correção total da maior rua existente na cidade, com uma extensão de aproximadamente 600 metros, que será entregue a comunidade logo que as circunstâncias climáticas voltam a favorecer o bom andamento das obras.

FESTA

Em visita a Câmara Municipal, um dos moradores do Bairro da Boa Vista disse ao secretário Martinho Andrade que iria se unir a toda a população para oferecer ao Prefeito Municipal um festa confraternização pelos relevantes trabalhos que ele tem prestado aos bairros da cidade.

Universidade foi tema de palestra de Sílvio Porto

Guarabira (A União) - Em sua reunião da última quarta-feira, o Rotary Clube de Guarabira recebeu como convidado especial o advogado e professor Sílvio Pélico Porto, que proferiu uma esclarecedora palestra sobre o tema "A Universidade frente à Sociedade Brasileira". O convite partiu da diretoria do Rotary, por intermédio do seu secretário Sr. Roberto Nóbrega.

O expositor iniciou sua oratória falando da massificação no ensino brasileiro como importante fator de quebra na qualidade da educação no país, mas, ao mesmo tempo, admitiu que a Universidade de hoje já não é tão elitista e voltada ao academicismo, e sim uma universidade que, embora com falhas, dá acesso a mais gente do que antigamente.

Ao final da palestra, o sr. Sílvio Porto franqueou o debate aos presentes, e foi indagado sobre os diversos problemas relativos à educação no Brasil, dando resposta a várias perguntas feitas pela assistência.

SARAMPO MATA

Salve sua criança, vacinando-a entre o 7º mês e os 5 anos.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

**LEMBRE-SE:
SEU FILHO
SÓ TEM
UMA VIDA**

CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO

Dr.ª Madalena Sampaio (Cirurgiã Dentista)
Dr.ª Lúcia Flávia (Bucal Maxilo Facial)
VISCONDE DE PELOTAS, 67 - SALA 05 -
Horário de 2ª à 6ª-feira - de 8.00. às 18 hs. Telefone residencial 221-6775

Denunciados bares que desobedecem à tabela da Sunab

Despreocupados com a falta de fiscalização da Sunab, os proprietários e garçons de bares, restaurantes e lanchonetes de João Pessoa estão extrapolando todos os limites de exploração contra seus clientes. Um dos exemplos que pode ser citado é o do "Restaurante do Carioca", que funciona na Lagoa do Parque Solon de Luena. Lá, além de não existir tabela, um café custa 25 cruzeiros e um prato de macacheira com cabrito 250 cruzeiros.

Ontem, diversas pessoas foram lesadas no citado restaurante e, ao procurarem a Sunab, encontraram apenas a guarda de segurança, a equipe do 198, telefone destinado às reclamações, estava de folga, bem como o delegado e seus assessores. O problema se torna mais grave porque, nos fins de semana, o fone 198 - colocado pela Sunab

para ouvir as reclamações referentes a preços - não funciona, ficando os comerciantes desonestos - tipo o sr. Carioca - completamente à vontade para adulterar os preços de tabela.

No centro da cidade, há restaurantes dos mais tradicionais que estão cobrando Cr\$ 75,00 por uma cerveja. Ameaçados pelos seus clientes de serem denunciados à Sunab, garçons e proprietários, a exemplo do sr. Carioca, usam expressões de deboche para desprestigiar os usuários e ironizar com a ineficiência da Sunab. Durante a semana passada, o delegado Murilo Bernardo foi procurado para prestar esclarecimentos sobre as penalidades que podem ser impostas aos comerciantes "tubarrões", tipo o sr. Carioca. O delegado, entretanto, não estava na cidade, pois acompanhava uma delegação de políticos, ao interior do Estado.

Associação escolherá Diretoria

A Associação Paraibana de Artistas Profissionais elegerá sua nova diretoria amanhã às 20 horas no auditório da Escola de Música. O pleito reunirá a maior parte das pessoas que atualmente trabalham com artes visuais no Estado.

Concorrerá à eleição uma chapa única, encabeçada pelo artista plástico Chico Dantas. Ao seu lado estão José Crisólogo, Romildo e Gláucio. Ontem, Chico Dantas conclamou todos os artistas paraibanos para que compareçam ao pleito.

Segundo ele, a chapa que lidera se propõe a valorizar os interesses da classe, "participando de vários setores da sociedade cultural".

Durante a eleição, o pintor Raul Córdula vai propor a realização de uma exposição coletiva para percorrer todo o país. Poderão votar todos os artistas plásticos paraibanos - registrados ou não na associação - que comprovem atuar no setor das artes visuais.

Delegacia anuncia índice de demissões na Capital

Segundo dados registrados da Delegacia Regional do Trabalho em João Pessoa, no setor de Indústria, Fiação e Tecelagem vem ocorrendo uma dispensa em torno de 70 empregados por mês, o que deixa um saldo negativo em relação as admissões.

Segundo a DRT, os únicos dados que ela tem em torno do assunto são registrados e coletados através das comissões de admissão de funcionários que

as empresas estão obrigadas a apresentar por força do disposto na lei 4923/64.

Em relação as recentes dispensas que vêm sendo feitas no Distrito Industrial de João Pessoa, a Delegacia Regional do Trabalho fará ainda esta semana diligências para verificar a ocorrência e em seguida elaborará um documento que será enviado ao Gabinete do Ministério do Trabalho para apreciação.

Mudança de oficinas para DI foi novamente adiada

A transferência das oficinas para o Distrito Mecânico de João Pessoa sofreu novo adiamento. Agora, o que impediu a mudança foi a instalação de fios de 1.000 volts, que não existem no comércio da Capital. Os fios inicialmente instalados - de 600 volts - foram vetados pela Saelpa, cujos técnicos afirmaram ser "perigosos" fazer tal ligação.

As oficinas deveriam ter sido transferidas para o Distrito Mecânico no último dia 25, conforme ficou acertado durante reunião entre os dirigentes da Urban, o prefeito Damásio Franca e representantes ou proprietários das oficinas.

Mas, como a Saelpa vetou a instalação, ficou acertado que os mecânicos esperarão mais alguns dias, até que os novos fios sejam instalados.

Mobral implantará cursos destinados a casais carentes

O Mobral anunciou a implantação de cursos sobre o controle da natalidade, que funcionarão na Paraíba a partir do mês de maio sob a coordenação da agente Socorro Olegário. Os cursos serão implantados através da agência do Programa de Educação Comunitária para Saúde, com o objetivo de prestar orientação aos casais carentes.

O método usado pelo programa do Mobral para o controle da natalidade é o de Billings, baseado na ovulação, extraído do livro *A Transmissão da Vida*, editado pelo Ministério da Educação e Cultura. O método parte da temperatura do corpo da mulher, detectando seu dia fértil, e não é anti-concepcional. Em seus capítulos, o livro do MEC explica o que a mulher deve fazer para evitar a gravidez sem recorrer a métodos anti-concepcionais prejudiciais à saúde.

Essa promoção do controle da natalidade é uma ação conjunta do Mobral e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, destinada sobretudo a jovens e futuros casais. Participam do programa bispos e demais representantes do clero, com apoio de hospitais, secretarias da área de saúde, sindicatos médicos, profissionais, enfermeiras, assistentes sociais, prefeituras, etc.

Secretário visita obras de drenagem na favela Buracão

O secretário José Silvino, dos Transportes e Obras, que também é presidente da Comissão de Defesa Civil da Paraíba - CODECIPA esteve ontem, pela manhã inspecionando os trabalhos de drenagem na Favela Buracão situado entre os Conjuntos Costa e Silva e Ernani Sátyro. Com as últimas chuvas, a enorme vala existente naquela

águas poluídas. Lá foram edificados cerca de 12 caixões e alguns não resistiram a pressão das águas.

José Silvino acompanhou por algumas horas os trabalhos que vêm sendo executados pela Construtora Enarq, que estão utilizando duas bombas elétricas para a drenagem na Favela Buracão. Provavelmente, hoje a tarde, a situação estará normalizada.

IBRAVE — Indústria Brasileira de Vestuário S/A

SEDE SOCIAL: AV. ESTEVÃO BRETT, Nº 546 - DISTRITO INDUSTRIAL DE JOÃO PESSOA - ESTADO DA PARAÍBA

CGC-MF — 09.112.053/0001-79



RELATÓRIO DA DIRETORIA

Senhores Acionistas, Compilando as disposições legais e estatutárias, temos a satisfação de submeter à apreciação de V.Sas. as demonstrações financeiras relativas ao exercício encerrado em 31-12-80, compreendendo o seguinte: Balanço Patrimonial Comparativo, Demonstração Comparativa do Resultado do Exercício, Demonstração Comparativa das Origens e Aplicações de Recursos, Demonstração Comparativa das Mutações do Patrimônio Líquido, bem como as Notas Explicativas às Demonstrações Financeiras. Agradecemos a inestimável colaboração de nossos funcionários, bem como a confiança, apoio e prestígio com que fomos cumulados pelos nossos Clientes, Fornecedores, Instituições Financeiras, Entidades Governamentais, BNES e Sudene. Clocam-nos à disposição de V.Sas. para quaisquer esclarecimentos necessários.

A DIRETORIA
João Pessoa, 02 de fevereiro de 1981

BALANÇO PATRIMONIAL COMPARATIVO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980 E DE 1979

(Expresso em Milhares de Cr\$)

ATIVO		PASSIVO	
1980	1979	1980	1979
CIRCULANTE			
Disponível		CIRCULANTE	
Caixa	65	Parcela e curto prazo de empréstimos (Nota 4)	5.480
Bancos conta movimento	13.498	Fornecedores bancários	29.133
	13.563	Fornecedores - controladora	41.515
		Fornecedores - controladora	47.837
		Fornecedores - coligadas	7.238
		Impostos e taxas a receber	1.763
Cientes	84.894	Contas a pagar e outras obrigações	10.654
Duplicatas a receber - controladora	80.440	Provisão para férias	4.888
Duplicatas a receber - controladas	14.708	Provisão para o imposto de renda	1.400
(-)- Depreciação de estoques	(40.981)	Dividendos propostos e distribuídos	3.993
(-)- Provisão para devedores duvidosos	(2.544)	Participações a pagar - diretores	1.400
	121.777	TOTAL DO CIRCULANTE	155.461
			82.077
		EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	
Outros créditos		Empréstimos (Nota 4)	5.620
Títulos a receber e outros	1.846	Credores por investimentos - art. 13/13	448
Bancos conta vinculada	5.380		448
Estoque (Nota 2)	87.518	TOTAL DO EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	5.968
Despesas antecipadas	3.975		448
	116.422	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	
TOTAL DO CIRCULANTE	234.357	Capital social autorizado	65.988
		Menos: a subscrever	40.800
		Integralização (Nota 5)	25.088
		Reservas de capital	18.156
REALIZAVEL A LONGO PRAZO		Correção monetária de capital	9.046
Impostos a recuperar	1.288	Incentivos fiscais e outros	26.402
Imposto de computação financeira e outros	1.265	Reservas de lucros	3.973
Provisão para o imposto de renda	2.553	Reserva legal	1.230
	494	Lucros acumulados	9.178
		TOTAL DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO	131.166
			74.217
		TOTAL DO PASSIVO	292.595
			156.742
		TOTAL DO ATIVO	292.595
			156.742

DEMONSTRAÇÃO COMPARATIVA DOS RESULTADOS PARA OS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980 E DE 1979

(Expresso em Milhares de Cr\$)

	1980	1979
RECITA OPERACIONAL BRUTA		
Vendas de produtos	472.281	242.113
DEDUÇÕES DA RECITA BRUTA		
Impostos incidentes sobre as vendas (ICM e PIS) e faturamento cancelado	86.828	56.629
RECITA OPERACIONAL LÍQUIDA	375.452	185.484
CUSTO DOS PRODUTOS VENDIDOS		
	221.730	102.592
LUCRO BRUTO	153.722	82.892
DESPESAS OPERACIONAIS		
Com vendas	42.910	23.339
Gerais e administrativas	38.304	20.454
Financeiras líquidas das receitas	30.896	14.786
	112.110	58.579
LUCRO OPERACIONAL	41.612	24.313
RESULTADOS NÃO OPERACIONAIS		
Lucro (prejuízo) na venda de imobilizado	8	(10)
	41.620	24.303
RESULTADO DA CORREÇÃO MONETÁRIA	17.253	5.823
RESULTADO ANTES DO IMPOSTO DE RENDA E DAS PARTICIPAÇÕES	23.867	18.480
PROVISÃO PARA O IMPOSTO DE RENDA	1.400	451
PARTICIPACÃO - DIRETOS	1.400	1.056
LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	21.067	16.953
LUCRO POR AÇÃO		
(calculado sobre a média ponderada das ações em circulação)	Cr\$ 0,27	Cr\$ 0,61

DEMONSTRAÇÃO COMPARATIVA DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS PARA OS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980 E DE 1979

(Expresso em Milhares de Cr\$)

	1980	1979
ORIGENS DE RECURSOS		
<i>Das operações</i>		
Lucro líquido do exercício	21.067	16.953
Mais: Depreciações e amortizações	8.344	4.039
Resultado da correção monetária	17.753	5.823
Total das operações	46.174	26.825
<i>Das aplicações</i>		
Aumento de capital	3.685	—
De terceiros	11.000	—
Ingresso de empréstimos a longo prazo	11.000	—
Baixas do imobilizado	193	590
Total de recursos	11.129	590
TOTAL DE ORIGENS	59.998	27.415
APLICAÇÕES DE RECURSOS		
Aquisição de imobilizado, ao custo	2.748	1.005
Transferências do ativo circulante para o realizável a longo prazo	1.288	—
Investimentos, ao custo	100	—
Transferência para o circulante de empréstimo a longo prazo	5.480	1.162
Acrescimo no realizável a longo prazo	771	212
Dividendos propostos e distribuídos	3.993	2.654
TOTAL DE APLICAÇÕES	14.380	5.023
ACRÉSCIMO NO CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO (refletindo as ajustes de anos anteriores efetuado no patrimônio líquido)	45.618	22.392
DEMONSTRADO COMO SEGUIR:		
Acrescimo no ativo circulante	117.335	53.484
Acrescimo no passivo circulante	72.287	31.112
	45.048	22.372

DEMONSTRAÇÃO COMPARATIVA DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO PARA OS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980 E DE 1979

(Expresso em Milhares de Cr\$)

	1980	1979
SALDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1978		
Capital integralizado	26.987	11.890
Reservas de capital	11.307	(11.307)
Reservas de lucros	—	142
Lucros acumulados	—	722
Lucros acumulados	—	18.347
TOTAL	38.294	20.407
MUTAÇÕES EM 1979		
Aumento de capital	3.685	—
Correção monetária do exercício	25.088	—
Lucro líquido do exercício	16.953	—
Distribuição proposta:	—	—
Reserva legal	—	901
Dividendos (Cr\$ 0,07 por ação)	—	(2.664)
Isenção do imposto de renda	—	(6.472)
TOTAL	37.726	—
SALDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1979		
Capital integralizado	30.672	11.890
Reservas de capital	15.012	(11.307)
Reservas de lucros	—	142
Lucros acumulados	—	722
Lucros acumulados	—	18.347
TOTAL	45.684	20.407
MUTAÇÕES EM 1980		
Ajustes efetuados na provisão para imposto de renda, nos dividendos declarados e na reserva de capital - isenção imposto de renda	—	(724)
Aumento de capital	27.595	—
Correção monetária do exercício	32.272	682
Lucro líquido do exercício	—	4.293
Distribuição proposta:	—	—
Reserva legal	—	1.053
Dividendos (Cr\$ 0,06 por ação)	—	(1.053)
Isenção do imposto de renda	—	(7.578)
TOTAL	59.867	3.595
SALDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980		
Capital integralizado	65.889	11.890
Reservas de capital	46.969	(11.307)
Reservas de lucros	—	142
Lucros acumulados	—	722
Lucros acumulados	—	18.347
TOTAL	112.858	20.407

NOTAS EXPLICATIVAS ÀS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980 E DE 1979

NOTA 1. SUMÁRIO DAS PRÁTICAS CONTÁBEIS

- Provisão para devedores duvidosos. É constituída pelo valor estimado para cobrir todas as perdas esperadas na realização das contas a receber e outros créditos.
- Estoques. São avaliados a custo médio de aquisição e fabricação, excluído o ICM, que é inferior ao valor de mercado ou de realização.
- Imobilizado. É registrado ao custo corrigido de aquisição. A depreciação é calculada pelo método linear em base às taxas admitidas pela legislação fiscal, sendo contabilizada como custo de produção ou diretamente em despesas em função da utilização dos bens.
- Divendo. Refere-se a despesas de implantação as quais estão registradas ao custo corrigido, sendo amortizadas na base de 20% ao ano.
- Imposto de Renda. A Sociedade goza de isenção total do imposto de renda até o exercício fiscal de 1983, sobre o lucro da exploração contencioso Decreto Lei nº 1.588/77. A reserva de capital correspondente é constituída anualmente como apropriação de lucros. O imposto de renda a pagar corresponde ao imposto calculado sobre parcelas não abrangidas no regime de isenção.

NOTA 2. ESTOQUES

	1980	1979
Produtos acabados	15.971	8.353
Produtos em elaboração	12.757	8.518
Materias primas	29.104	20.782
Materias auxiliares e outros	30.046	14.569
MCr	87.888	50.222

NOTA 3. IMOBILIZADO

	1980	1979
Custo	49.778	43.012
Depreciação acumulada	27.102	17.103
Máquinas e equipamentos	3.508	1.881
Veículos	8.779	6.146
Móveis e utensílios, e outros	1.281	5.000
Obra em andamento	30.982	38.925
MCr	30.982	38.925

NOTA 4. EMPRESTIMO

Refere-se a financiamento para capital de trabalho, garantido por duplicatas em cobrança vinculada, contratado com o Banco do Brasil S.A., pagável em doze parcelas mensais a partir de julho de 1981. Incide juros de 4% ao ano e correção monetária de 42% ao ano, pagáveis trimestralmente.

NOTA 5. CAPITAL

O capital integralizado é constituído por 32.944.429 ações de Cr\$ 2,00 cada. (Cr\$ 1,36 em 1979), sendo 11.492.556 ações ordinárias, 5.998.477 ações preferenciais Classe "A" (Art. 34/18 - FINOR), 2.342.487 ações preferenciais Classe "B" (Art. 141 - 7.522.012 ações preferenciais Classe "C" - FINOR sem participação integral) e 5.588.887 ações preferenciais Classe "D" (FINOR sem participação integral).

As ações preferenciais não têm direito a voto, tendo certas vantagens ou restrições quanto à negociabilidade, dividendos e outras vantagens patrimoniais, de conformidade com os Estatutos Sociais e nos termos da legislação de incentivos fiscais a que se referem.

O aumento do valor nominal das ações decorreu da incorporação da reserva de capital (correção monetária).

RELATÓRIO DOS AUDITORES

Aos Diretores da IBRAVE - Indústria Brasileira de Vestuário S.A. Examinamos o balanço patrimonial comparativo da IBRAVE - Indústria Brasileira de Vestuário S.A., levantado em 31 de dezembro de 1980 e de 1979 e as respectivas demonstrações de resultados, das mutações do patrimônio líquido e das origens e aplicações de recursos para os exercícios findos nasquelas datas. Nosso exame foi efetuado de acordo com as normas de auditoria geralmente aceitas e, consequentemente, incluiu as

provas nos registros contábeis e outros procedimentos de auditoria que julgamos necessários nas circunstâncias. Em nossa opinião, as demonstrações acima referidas representam adequadamente a posição patrimonial e financeira da IBRAVE - Indústria Brasileira de Vestuário S.A., em 31 de dezembro de 1980 e de 1979, os resultados das suas operações, as mutações do seu patrimônio líquido e as origens e aplicações de seus recursos, correspondentes aos exercícios findos nasquelas datas, de acordo com os princípios de contabilidade geralmente aceitos aplicados em bases uniformes durante os exercícios.

João Pessoa, 31 de janeiro de 1981

DIRECTA AUDITORES S.C.
CRC-PE-146-5-PB

CLODDALDO J. CAVALCANTI
CRC-RJ-27393-4-T-PE-S-PB

ANTENA COLETIVA

Evite muitas Antenas em seu Edifício, instale uma ANTENA COLETIVA THEVEAR

Técnico Projetista: Mauro César
Técnico Instalador: Eduardo Félix
Informações: Fones: 224.5233 e 221.1463 (pela manhã).

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

LOTERIA ESPORTIVA

Cartões que não concorrem de acordo com os relatos dos computadores (art. nº 9, Parágrafo 1º da Norma Geral dos Concursos de Prognósticos Esportivos). Os apostadores cujos números dos cartões constam da presente publicação e que não tenham sido substituídos por outros, devem solicitar, dos respectivos revendedores a devolução da importância paga.

TESTE Nº 540

PARAÍBA

PARAIBA COD. REV. NO. CARTAO	NO. CARTAO
13-00003	0875911
13-00006	1210954
	1212058
	1212897
	1213569
	1213838
	1214514
13-00007	0423616
13-00007	0424988
13-00008	0760804
	0761276
	0762050
	0762402
	0762881
	0764127
13-00010	0867937
	0868612
	0869541
	0871091

GERAL

Biggs pode ser deportado

Bridgetown, Barbados - Fontes do governo confirmaram que Barbados pode deportar Ronald Biggs para a Grã Bretanha, onde cumpriria uma pena de mais de 28 anos de prisão, em vez de esperar o pedido formal de extradição.

As mesmas fontes adiantaram que ainda não se havia tomado decisão a respeito, mas o advogado de Biggs, Frederick Smith, disse que não ficaria surpreso se seu cliente fosse deportado.

"O próximo passo corresponde ao governo de Barbados", expressou o embaixador britânico Stanley Arthur, mas não forneceu maiores detalhes.

Biggs, de 51 anos, é um dos 15 indivíduos que roubaram do trem postal Glasgow-Londres o equivalente a 7,2 milhões de dólares em 1963.

Foi detido e condenado a 30 anos de prisão, tendo fugido em 1965, após permanecer encarcerado durante 15 meses. Esteve em vários países e se radicou no Brasil, onde foi sequestrado quando se encontrava em um restaurante no Rio, no último dia 16.

Seminário sobre Biogás obteve o êxito esperado

Brasília, - Com o bolso pouco mais recheado do que no ano passado, e a promessa do Ministério da Agricultura de que passará a receber as mesmas atenções devidas a outros programas de energia alternativa da pasta, o Seminário Brasileiro de Biogás, ao cabo de quatro dias de debates, considerou-se vitorioso. A fonte de energia alternativa que é o Biogás tornou-se conhecida dentro do programa de mobilização energética, e este foi nosso objetivo básico", garante o coordenador do Programa Nacional de Biodigestores, sr. Normando Alves da Silva.

O seminário, ocorrido na semana passada em Brasília, pouco trouxe de novidade à tecnologia já adquirida pela Embrater - Empresa Brasileira de Tecnologia e Extensão Rural -, do Ministério da Agricultura. A técnica dos biodigestores é relativamente simples, tem bastado optar entre o modelo chinês, da preferência da Embrater pelo baixo custo, e o modelo indiano.

No entanto, conseguiu projetar, mesmo dentro do próprio Ministério a que pertence, o programa de energia alternativa. No final de 1979, quando foi implantado, o Programa de Biodigestores conseguiu uma verba oficial de apenas Cr\$ 42 milhões, do Ministério das Minas e Energia, que deveria ser dividido entre os anos de 1980 e 1981. Gastos Cr\$ 22 milhões no primeiro ano, para estar sobram apenas Cr\$ 20 milhões, que seriam acrescidos de parte dos Cr\$ 280 milhões (para 1981 e 1982) conseguidos pelas Emateres de governos estaduais.

Somente durante o simpósio o programa conseguiu a verba de Cr\$ 40 milhões do Ministério da Agricultura, oriunda dos recursos de Cr\$ 300 milhões destinados ao Ministério pelo

Fundo de Mobilização Energética (FMP), do Conselho Nacional de Energia.

Com estes Cr\$ 40 milhões a mais, segundo o sr. Alves da Silva, será possível ativar o programa e, ao final do ano, estar economizando 2.800 barris de petróleo por dia, somente com a utilização de biodigestores no campo. Fora a utilização do gás dos biodigestores, calcula-se também uma economia expressiva de fertilizante químico, à base de petróleo, com sua substituição pelo adubo orgânico.

Para se chegar a isto, o coordenador informa que o programa aplicará estes recursos em ações destinadas a estimular a construção de biodigestores em propriedades rurais, para o melhor aparelhamento das 200 unidades demonstrativas da Embrater, e para o melhoramento da assistência técnica a elas.

Caso o Ministério da Agricultura resolva acatar as sugestões dos cerca de 900 participantes do simpósio - estavam previstos 600 -, o Programa de Biodigestores da Embrater contará com instrumentos de estímulos superiores à verba que detém.

No documento final do simpósio, foi sugerido ao Governo a dedução, no Imposto de Renda, da construção de biodigestores; a ampliação dos tetos de financiamentos acima de 100 MVR para sua construção e aquisição de equipamentos anexos; seu financiamento aos pequenos e médios agricultores, e no caso do Nordeste com juros zero e no prazo de cinco anos; e a criação de um órgão regulador para controlar as especulações possíveis com o desenvolvimento do programa de biogás.

Comissão propõe a entidades debate sobre Estrangeiros

Brasília - A comissão interpartidária, opositora que estuda a reforma do Estatuto dos Estrangeiros deverá manter contatos com entidades interessadas no problema, tais como a CNBB, ABI, OAB, CBAS, entre outras, a fim de consolidar os objetivos mínimos e essenciais que seriam levados ao Ministro da Justiça, para o entendimento.

A informação é do deputado Roberto Freire (PMDB-PE), um dos integrantes da comissão interpartidária, ao tomar conhecimento de que o sr. Ibrahim Abi-Ackel, nos próximos dias, voltará a manter contatos com líderes e dirigentes dos partidos opositoristas, a fim de apresentar os pontos da lei que seriam alterados pelo Congresso.

Para o parlamentar pernambucano, as posições sectárias e a fraseologia radical contra os entendimentos entre governo e oposição, para modificar o Lei dos Estrangeiros, "é um equívoco que não responde à política responsável que as oposições devem ter, para com a grande maioria dos estrangeiros que vivem aqui em situação irregular, um permanente estado de angústia e sobressalto".

Pelo menos dois aspectos da lei o sr. Roberto Freire considera negociáveis: a inexistência de estrangeiro que tenha cônjuge brasileiro ou filho nacional dele depende e a permissão legal de regularização de todos os estrangeiros que estejam no Brasil de qualquer forma - refugiados, apátridas, imigrantes, missionários.

- É dever de todos que tem no humanismo, independentemente de credo ou ideologia, o postulado básico de sua ação de posicionar em defesa dos estrangeiros que para aqui vieram, emprestando-lhe toda solidariedade e esforços. Negociar por menos que sejam os avanços e por maior que sejam os percalços, é um desses deveres - afirmou o deputado do PMDB.

O Sr. Roberto Freire assegurou que as oposições estão prontas e dispostas ao entendimento sobre a reformulação do Estatuto dos Estrangeiros. "As oposições - observou - reconhecem a necessidade e a exigência nacionais de se dotar o país de uma lei democrática, que respeite as nossas mais caras tradições no relacionamento com os estrangeiros".

Comentou, ainda que o atual Estatuto é iníquo e corresponde, no campo específico, "a visão totalitária da doutrina da Segurança Nacional, tão onipresente entre nós, nestes 17 anos". E acrescentou:

- Daí já se pode extrair uma primeira conclusão: a impossibilidade de revogar a lei e aprovar um projeto liberal, fundado no humanismo e solidariedade universal. Definindo melhor: enquanto não tivermos condições de dotar o país de um estatuto democrático para seus nacionais, será iníquo se pensar num democrático estatuto de estrangeiros. Só um governo democrático estará apto a tanto. Mas essa realidade não impede que busquemos caminhos para modificar o possível.

FAZENDA QUANDU S/A - FADUSA
C. G. C. (M. F.) Nº 09.253.063/0001-24
Capital Autorizado Cr\$ 70.000.000,00
Capital Subscrito Cr\$ 54.637.585,00
Capital Integralizado Cr\$ 54.637.585,00

ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Convidamos os Senhores Acionistas da Fazenda Quandu S/A - FADUSA, a se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, que se realizará na sede social da empresa, situada à Rua Floriano Peixoto nº 38, nesta Capital no dia 30 de Abril de 1981, com início às 10 (dez) horas e logo após em Assembleia Geral Extraordinária, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: ORDINÁRIA - a) Leitura, discussão e votação do Relatório da Diretoria, Balanço Patrimonial e demais Demonstrações Financeiras referentes ao exercício social encerrado em 31.12.1980; b) Eleição dos membros do Conselho de Administração; c) Aprovação da expressão da correção monetária do capital realizado, precedida com base no Relatório encerrado em 31.12.80; EXTRAORDINÁRIA - a) Proposta da Diretoria para aumento do Capital Social mediante o aproveitamento da Correção Monetária do Capital, com a consequente alteração dos Estatutos Sociais; b) Outros assuntos de interesse social. AVISO - Acha-se à disposição dos Senhores Acionistas, na sede social da Empresa, os documentos a que se refere o Art. 133 da Lei nº 6.404 de 15.12.76, relativo ao exercício social encerrado em 31.12.1980.

João Pessoa, 27 de Março de 1981

Severina Furgato de Silva
- Presidente do Conselho de Administração -

Fazendas Abóbora Guaribas S/A - FAGUSA
C. G. C. (M. F.) Nº 09.252.438/0001-31
Capital Autorizado Cr\$ 120.000.000,00
Capital Subscrito Cr\$ 79.881.633,17
Capital Integralizado Cr\$ 79.881.633,17

ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Convidamos os Senhores Acionistas da Fazenda Abóbora Guaribas S/A - FAGUSA, a se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, que se realizará na sede social da empresa, situada à Rua Rodrigues de Aquino nº 124, nesta Capital, no dia 30 de Abril de 1981, com início às 10 (dez) horas e logo após em Assembleia Geral Extraordinária, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: ORDINÁRIA - a) Leitura, discussão e votação do Relatório da Diretoria, Balanço Patrimonial e demais Demonstrações Financeiras referentes ao exercício social encerrado em 31.12.1980; b) Eleição dos membros do Conselho de Administração; c) Aprovação da expressão da correção monetária do capital realizado, precedida com base no Relatório encerrado em 31.12.1980; EXTRAORDINÁRIA - a) Proposta da Diretoria para aumento do Capital Social mediante o aproveitamento da Correção Monetária do Capital, com a consequente alteração dos Estatutos Sociais; b) Outros assuntos de interesse social. AVISO - Acha-se à disposição dos Senhores Acionistas, na sede social da Empresa, os documentos a que se refere o Art. 133 da Lei nº 6.404 de 15.12.76, relativo ao exercício social encerrado em 31.12.1980.

João Pessoa, 27 de Março de 1981.

Denise Carneiro Pereira Lima
- Presidente do Conselho de Administração -

AGROPECUÁRIA CANAFÍSTULA S/A - CANASA
C. G. C. (M. F.) Nº 09.192.642/0001-04
Capital Autorizado Cr\$ 58.876.000,00
Capital Subscrito e Integralizado ... Cr\$ 12.672.500,00

ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Convidamos os Senhores Acionistas da Agropecuária Canafístula S/A - CANASA, a se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, que se realizará na sede social da empresa, situada à Av. Rio Grande do Sul nº 225, nesta Capital, no dia 30 de Abril de 1981, com início às 10 (dez) horas e logo após em Assembleia Geral Extraordinária, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: ORDINÁRIA - a) Leitura, discussão e votação do Relatório da Diretoria, Balanço Patrimonial e demais Demonstrações Financeiras referentes ao exercício social encerrado em 31.12.1980; b) Eleição dos membros do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal; c) Aprovação da expressão da correção monetária do capital realizado, precedida com base no Relatório encerrado em 31.12.1980; EXTRAORDINÁRIA - a) Proposta da Diretoria para aumento do Capital Social mediante o aproveitamento da Correção Monetária do Capital, com a consequente alteração dos Estatutos Sociais; b) Outros assuntos de interesse social. AVISO - Acha-se à disposição dos Senhores Acionistas, na sede social da Empresa, os documentos a que se refere o Art. 133 da Lei nº 6.404 de 15.12.76, relativo ao exercício social encerrado em 31.12.1980.

João Pessoa, 27 de Março de 1981.

Jayme Fernandes de Oliveira
- Presidente do Conselho de Administração -

Agropecuária Cearense S.A. - ACESA
C.G.C.(M.F.) Nº 07.769.813/0001 - 90.
Capital Autorizado Cr\$ 100.000.000,00
Capital Subscrito Cr\$ 50.098.418,00
Capital Integralizado Cr\$ 50.098.418,00

ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA Edital de Primeira Convocação

Ficam convidados os senhores acionistas da Agropecuária Cearense S/A - ACESA, para se reunirem em ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, a se realizar às 10:00 (dez) horas do dia 06 de abril de 1981, na sua sede social, à Rua Santos Dumont, nº 41 - centro, nesta Capital, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: a) Modificações Estatutárias; b) Tratar outros assuntos de interesse da sociedade.

JOÃO PESSOA-PB, 26 DE MARÇO DE 1981.

CLOVIS ANAGÉ NOVAIS DE ARAÚJO

Pres. do Conselho de Administração

TERRAL
EMPREENDIMENTOS
IMOBILIÁRIOS S/A

Capital Autorizado Cr\$ 50.000.000,00
Capital Subscrito Cr\$ 2.100.000,00
Capital Integralizado Cr\$ 2.100.000,00
C.G.C.M.F. Nº 09.287.824/0001-05

O Conselho de Administração da Terral Empreendimentos Imobiliários S/A nos termos do artigo 2º § 1º dos Estatutos Sociais, convoca os senhores acionistas da empresa para uma Assembleia Geral Ordinária, a realizar-se no dia 06 (seis) de abril, às 10 horas em sua sede social, situada no Parque Solos de Lacerda nº 52 - Centro, João Pessoa - Paraíba, a fim de:

- a) Fazer as contas dos Administradores, examinar e discutir e votar as demonstrações financeiras;
- b) Outros assuntos de interesse da sociedade.

João Pessoa, 25 de março de 1981

Nilton Melo Lomaco Filho - Conselheiro

De conformidade com o que dispõe o artigo 133, da Lei 6.404 de 15.12.76, encontra-se à disposição dos senhores acionistas, na sede social da empresa, os documentos a que se refere o Art. 133 da Lei nº 6.404 de 15.12.76, relativos ao exercício social encerrado em 31 de dezembro de 1980:

- 1) Relatório da Diretoria sobre os negócios sociais e demais atos administrativos do exercício findo;
- 2) Cópia das demonstrações financeiras.

João Pessoa, 25 de março de 1981.

A DIRETORIA.

Ocidente discute a Polônia

Paris - Representantes dos principais países ocidentais terminaram uma reunião secreta destinada a estudar o pedido feito pela Polónia em favor de uma ajuda de emergência. Informaram ontem fontes diplomáticas.

A conferência realizada a portas fechadas na quinta e sexta-feira foi convocada depois que a Polónia informou os principais governos ocidentais que seus estoques de alimentos bastavam somente para 12 dias e que o tesouro nacional precisava de uma ajuda extraordinária de no mínimo 1,2 bilhão de dólares.

Os participantes não tomaram uma decisão de imediato sobre o pedido polonês, aguardando o resultado dos atuais acontecimentos no país, disseram os informantes. Eles acrescentaram que a situação do estoque de alimentos parece se deteriorar rapidamente e é pior do que se pensava a princípio. A Polónia já tem uma dívida externa com os países ocidentais de 25 bilhões de dólares.

Sequestradores mantêm 49 passageiros como reféns

Tegucigalpa - O vice-ministro nicaraguense do Interior, comandante Luis Carrion Cruz, disse que sete americanos permanecem ainda reféns no interior do avião da Sahsa, que antontem foi desviado para Manágua quando se dirigia de Tegucigalpa a Nova Orleans com 81 passageiros e seis tripulantes a bordo.

Garrison Cruz disse que a embaixada dos Estados Unidos em Manágua "perguntou as autoridades nicaraguenses sobre a situação de seus compatriotas. Mas não nos comunicamos ainda com eles".

O governo hondurenho informou estar reunido com o alto comando militar para analisar o problema. O Ministro de Defesa, coronel Mario Flores Theresin, disse que "até agora não decidimos nada, mas logo surgirá, a determinação correta com a ajuda de Deus".

Carrion Cruz indicou em entrevista pelo rádio, capitada nesta capital, que "os sequestradores, quatro homens e uma mulher, pediram que comunicássemos ao Governo hondurenho que às 21 horas - hora local - de ontem iam tomar outro tipo de decisão, que não especificaram". afirmou que "os sequestradores têm

algumas armas", sem dar mais detalhes a respeito.

Passageiros libertados, que chegaram a Tegucigalpa, disseram a jornalistas que os sequestradores portavam metralhadoras e revólveres.

A empresa hondurenha Sahsa atribuiu o sequestro de seu avião a um grupo denominado "Movimento Cinchonero de Libertação Popular", do qual são conhecidos poucos detalhes.

Seu nome vem de um camponês hondurenho, Serapio Romero, a quem as autoridades degolaram em 1895, quando se recusou a pagar tributo à Igreja Católica, juntamente com vários de seus partidários.

Os sequestradores exigiram a libertação de 13 esquerdistas salvadorenses, o fim da repressão, a oficialização de 20 colégios, o aumento de quatro para seis por cento do orçamento anual da Universidade Nacional Autónoma, a dissolução de acampamentos clandestinos de treinamento de ex-guardas nicaraguenses leais ao presidente Anastasio Somoza, refugiados aqui, e garantias para 34 intelectuais e dirigentes populares do país.

Viola toma posse na Argentina como novo presidente

Buenos Aires - O tenente-general Roberto E. Viola que assumirá, hoje, a Presidência da Argentina, é considerado homem de fina sensibilidade política e boa comunicação com os civis, que não tiveram parte em sua designação para o cargo há seis meses. Viola, de 56 anos, é um expoente da corrente militar "moderna e a favor do diálogo" que com algumas dificuldades, conseguiu prevalecer dentro do regime que as Forças Armadas instauraram em 1976. Amigos e adversários o consideram a personalidade militar melhor dotada para fazer frente a complicada situação política e econômica que enfrenta o chamado "processo de reorganização nacional".

Embora porta-vozes do Governo digam que o regime militar tem objetivos, mas não prazos, muitos observadores prevêem que Viola poderia ser o último presidente designado exclusivamente pela Junta Militar, órgão supremo do atual "processo". Seu mandato expirará em 1984 e, até lá, a relação de forças entre as Forças Armadas e os setores civis certamente ditará o curso futuro do presidente regime. A atitude que prevalece nos principais setores políticos é de certa expectativa, porém não de hostilidade, em relação a pessoa do novo presidente. Viola tem sido considerado nos últimos cinco anos como a verdadeira "omnípota parca" da corrente militar moderada, cuja principal divergência com os setores "duros" consistem em sua atitude mais permeável em relação aos setores políticos, referindo a negociação a imposição. Sabe-se que quando o agora presidente em fim de manda-

to, general Jorge R. Videla, o designou comandante-em-chefe do Exército, em julho de 1978, Viola tinha contra si a maioria dos generais de 1º sã, quase todas da "linha dura". Ao deixar suas funções e passar à reserva, 17 meses depois, havia colocado à frente dos corpos de tropas, nas chefias das brigadas e em postos-chaves, oficiais de sua confiança. Isso lhe abriu caminho para a Presidência.

Viola é, essencialmente um pragmático, não envolvido com nenhuma corrente ideológica muito definida. De ascendência italiana, Viola nasceu na cidade de Buenos Aires em 13 de outubro de 1925. Aos 18 anos ingressou no Colégio Militar, do qual saiu em 1944 como subtenente de Infantaria.

Em 1975 foi nomeado Chefe do Estado-Maior, o que coincidiu com a nomeação do general Videla como comandante-em-chefe do Exército, feita a contragosto pela ex-presidente Maria Estela de Peron, ante uma virtual rebelião desse ramo das Forças Armadas contra oficiais que não eram considerados como representantes do espírito Militar. No Estado Maior, Viola colaborou estreitamente com Videla na preparação do golpe de Estado, executado num ambiente de caos político e econômico generalizado. Fontes militares afirmam que os planos iniciais estabeleciam que Viola seria designado presidente do regime militar que se iniciava, porém a oposição de outros generais da "linha dura" fizeram com que o cargo ficasse em mãos do comandante-em-chefe do Exército, general Videla.

PROVA DE SURF GOVERNADOR BURITY



Não deixe de prestigiar a Prova de Surf Governador Tarcísio Burity, que se realizará na Praia de Cardoso, de 17 a 21 de abril.

Prêmios:

- 1º lugar. Passagens de ida e volta ao Rio de Janeiro
- 2º lugar. Passagens para a Bahia
- 3º lugar. Cr\$ 10.000,00
- 4º e 5º lugares. Troféus

Inscrições na Pb-Tur. Mais uma promoção para a Moçada que Agita. Apoio: Pb-Tur, Jornal A União, Rádio Tabajara e Secretaria de Comunicação, Esportes e Turismo do Estado.

COMPANHIA DE TECIDOS PARAIBANA

C. G. C. nº 09.096.611/0001-50

AVISO AOS ACIONISTAS

Encontra-se à disposição dos senhores acionistas, na sua sede social, na Rua Santos Dumont, nº 1, Santa Rita (PB), os documentos a que se refere o Art. 133, da Lei nº 6.404/76, referentes ao exercício encerrado em 31.12.80.

Santa Rita (PB), 26 de março de 1981
CARLOS GUILHERME DO MONT
Presidente



Tarcísio Neves

Telé não pode sair da Seleção

Cumprido, hoje, no Serra Dourada, o último jogo da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo da Espanha, cumpre-se também a tarefa que a Confederação Brasileira de Futebol designou para o treinador Telé Santana, a missão de classificar o Brasil. Mas para o constrangimento do futebol brasileiro, ao tempo em que se vive a alegria da nossa presença garantida na Copa, surge a tristeza de a partir desta noite se vê ameaçada a permanência de Telé à frente do escrete.

Telé tem sido procurado insistentemente pelos repórteres, desde que chegou a Goiânia, todos querendo saber das possibilidades para a renovação do seu contrato com a Confederação Brasileira de Futebol. Telé, no entanto, sempre se equivando em falar sobre o assunto: "Prefiro não falar sobre isso agora. O importante é ganharmos o jogo para selar a boa campanha do Brasil nas eliminatórias. Cumprida esta última fase da nossa tarefa, é que vamos conversar sobre este assunto". Certo.

Os especialistas esportivos que se encontram em Goiânia para cobrir o jogo Brasil e Venezuela, ao mesmo tempo em que vêem difícil a renovação do contrato de Telé Santana, face as propostas irrecusáveis que vem sendo oferecidas ao treinador, acreditam que a saída de Telé da Seleção poderá ser uma ameaça à campanha do Brasil na Copa, pois, o treinador substituído deverá implantar outro padrão de trabalho, desmanchando a base atualmente formada no escrete.

A proposta mais tentadora é a do Atlético Mineiro, que lhe oferece cerca de 1 milhão mensal, dando-lhe a condição de trabalhar perto de sua família, desfrutando da tranquilidade de sua Granja, sem ter sobre o ombro o peso ou até mesmo o pesadelo de dar ao Brasil o tetracampeonato mundial, sonho perseguido pelos brasileiros desde a mostruosa campanha do México.

A CBF, contudo, embora com essa proposta longamente inferior ao do clube mineiro, diz, através do presidente Giulite Coutinho, que Telé renovará o contrato, pois, conseguiu dar outra feição a Seleção Brasileira, desde o comportamento moral e técnico dos jogadores ao clima de harmonia no elenco, capaz de todo o grupo de jogadores demonstrar preocupação com a sua permanência na Seleção.

Sendo esta, no momento, a maior preocupação do futebol brasileiro, claro, não posso ficar isento dessa condição, pois, vivo do futebol. Acredito também, embora muitos cronistas considerem que haverá tempo para formar outro time, podendo incluir, Mendonça, Baltazar, Cláudio Adão, Falcão, etc., acho que se faz necessário apenas a inclusão de Falcão e Mendonça, com Telé permanecendo no escrete. Isso é lógico e sensato.

Não havendo a renovação do contrato, obvio, o treinador substituído vai naturalmente modificar toda a filosofia de trabalho e certamente muitos jogadores serão cortados. O futebol brasileiro vive um momento de reflexão, e a decisão da CBF terá que ser precisa, sem deixar margens para falhas futuras na Espanha. Tipo "se o Telé tivesse na Seleção, o Brasil teria vencido a Copa". Decidi, Giulite...!



A dupla Sócrates-Zico, hoje, no jogo Brasil e Venezuela.

Galo e Raposa fazem revanche

Campina Grande, (Sucursal) - O torcedor campinense viverá hoje, novamente, as emoções do clássico Treze e Campinense, cujo vencedor receberá Taça Acec. O jogo está sendo com expectativa de uma grande arrecadação, segundo os dirigentes, deve ser proporcionada pelas duas torcidas, sobretudo diante da rivalidade das duas equipes.

O Campinense leva vantagem sobre o Treze, pois, venceu o primeiro jogo disputado no Amigão, e hoje, o treinador Hélcio Jacaré, diz que sua equipe está motivada e vai contar com o que de melhor existe na tentativa de obter outra vitória sobre o alvi-negro. Dadá, atualmente atravessando grande fase, será mantido no meio-campo, onde, aliás, tem produzido mais que na ponta-direita, sua verdadeira posição.

O Treze por sua vez, está com o amargo da derrota ainda lhe incomodando, e o treinador Danilo Menezes, durante os treinos da semana, insistiu quanto ao problema dos desperdícios de gols, procurando sempre corrigir os



Treze e Campinense, no clássico do Amigão



erros dos atacantes nas finalizações.

O Campinense joga com Jorge Luiz, Zé Carlos, Paulinho, Timbó e Sales; Marcos, Jorge Machado e

Dadá; Gabriel, Reinaldo e Bebeto. Treze: Hélio, Levi, Jotabé, Hermes e Heliomar; Wilson, Mozart e Chinês; Puma, Hélio Alagoano e Geraldo.

Mozart para o Fortaleza e Bebeto no Ferroviário

Campina Grande (Sucursal) - Depois de várias controvérsias em torno de saída do Treze, começando pela especulação de jogar no Campinense, e depois sendo envolvido numa troca com o Botafogo, o apoiador Mozart, do Treze, ao que parece, deve mesmo deixar o alvi-negro, pois, se encontra em Campina, um representante do Fortaleza, para logo após o clássico com o Campinense, acertar a transferência do jogador.

BEBETO

A imprensa carioca, através do Jornal dos Sports, noticiou que o Ferroviário de Fortaleza estava contratando o ponteiro esquerdo Bebeto, do Campinense. Só que no texto, erroneamente, diziam que Bebeto é apoiador

do Botafogo, num autêntico equívoco. O presidente José Aurino, disse que para Bebeto deixar o rubro-negro, além de ser necessário um contato preliminar, o que ainda não ocorreu, o clube interessado terá de pagar 5 milhões pelo passe do atleta.

THEOMAR

Após a confirmação da contratação de Messias, pelo Guarani do Ceará, o Nacional de Patos deve perder também o jogador Theomar para o clube cearense, que está disposto a investir no atleta. Os dirigentes no entanto, disseram que embora o Guarani tenha lembrado o nome de Theomar como o próximo reforço para o Campeonato Cearense, ainda não fizeram nenhuma proposta.

Brasil joga modificado e quer golear a Venezuela

Goiânia - A Seleção Brasileira, já classificada para o Mundial da Espanha, em 82, cumpre hoje, no gigantesco estádio Serra Dourada, sua última partida pelas fase eliminatória, contra a Venezuela. Embora os brasileiros tenham participação garantida na Copa, vão encarar o jogo normalmente e se possível, tentarão presentear o público goianiense com uma goleada.

Para o treinador Telé Santana, a Seleção vai jogar normalmente, buscando mais uma vitória, para

selar os oito pontos, nos quatro compromissos cumpridos pelas eliminatórias. Telé explicou que o Brasil conseguiu vencer o fantasma da altitude, provando que tem condições de enfrentar qualquer adversário em qualquer circunstância: "A prova está na nossa classificação", frisou o treinador.

Para este jogo o treinador Telé Santana modificará o time, em razão dos jogadores Batista, Edevaldo, Pita e Juninho terem sido liberados para atuar em suas equipes na

Taça de Ouro. Mas Telé pretende lançá-los no segundo tempo. É provável também o goleiro Marola inicie jogando esta tarde. Assim, o time deve jogar Com: Marola (Valdir Peres), Getúlio, Oscar, Luizinho e Júnior; Dudu, Sócrates e Zico; Tita, Reinaldo e Eder.

A Seleção da Venezuela, a exemplo do jogo realizado em seu País, jogará na retranca, com a finalidade evitar uma goleada, e em contra-ataques rápidos tentarão surpreender o time brasileiro.

Jogadores querem goleada

Goiânia - Os jogadores da Seleção Brasileira estão motivados para o jogo desta tarde, contra a Seleção da Venezuela, quando poderão apresentar um melhor futebol em virtude da classificação do Brasil já está garantida para a Copa do Mundo. Para os jogadores, é essencial uma boa apresentação, brindando o público com uma goleada, embora considerem que o adversário vai jogar na retranca.

- Temos enfrentado ultimamente adversários que se plantam no seu campo de defesa, esperando sempre a nossa reação. Nosso time procura sem-

pre acozá-los na tentativa de atingir o gol. Mas, em muitos casos, fica difícil furar um bloqueio muito rígido, como foi o caso daquele amistoso com o Chile. No jogo com a Bolívia todos esperavam uma goleada de 6 ou 8 a 0. Eles precavidos, ficaram o tempo todo na defesa. Mesmo assim conseguimos marcar três gols. Hoje, acho que o jogo será mais fácil - argumentou Sócrates.

O meio-campo Zico, autor dos três gols que garantiram a classificação do Brasil para a Copa do Mundo, disse que na ver-

dade tem apresentado a seleção o futebol que todos esperam, mas fez questão de frisar que seus gols foram importantes para garantir a vaga da Seleção.

- Todos esperam o máximo de mim - disse Zico - e garanto que tenho lutado para jogar na Seleção o futebol que me consagra no Flamengo. Contudo, é bom lembrar que em todos jogos sempre estou sendo bem marcado por dois ou três jogadores e poucas pessoas observam isso. Acho que a Seleção está bem e que estamos caminhando no rumo certo para a Copa da Espanha - aduziu o atleta.

Abrace está se preparando para Congresso Esportivo

O presidente da Associação Brasileira de Cronistas Esportivos, Flávio Aduato, enviou ontem comunicado sobre a realização do 45º Congresso Mundial de Imprensa Esportiva, a ser realizado em abril, em São Paulo, da qual participará de cerca de 200 jornalistas de todo o mundo. Da Paraíba, vão os jornalistas Marciano Soares, presidente da Acep, e Tarcísio Neves, editor de esportes de A União. Eis a nota enviada pela Abrace:

A Associação Brasileira de Cronistas Esportivos organizará entre os dias 20 e 26 de abril vindouro, nas dependências do Maksoud Plaza Hotel, o 45º Congresso Mundial de Imprensa Esportiva, evento que reunirá aproximadamente 200 jornalistas de todo o mundo.

Ressaltamos que o di-

reito de organizar tal evento foi concedido à ABRA-CE no ano de 1978, em Split, na Iugoslávia, através de eleição, na qual concorremos com Espanha e França. Informamos ainda que desde a fundação da Associação Mundial de Imprensa Esportiva, em 1924, está é a primeira vez que um congresso mundial da categoria é realizado fora da Europa e, neste ano, em São Paulo, teremos inclusive a eleição do novo presidente da Entidade Internacional.

Para que a Associação Brasileira de Cronistas Esportivos pudesse neste momento estar com o congresso praticamente organizado, foi necessário o apoio de órgãos governamentais e empresas particulares, que sentiram a importância do acontecimento e o significado gran-

dioso de um congresso mundial deste nível. Assim é que o apoio da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, bem como da VASP, Coca-Cola, Adidas, Embratur, Caixa Econômica Federal e outras organizações, passou a ser vital para o êxito do evento.

Lembramos ainda que estarão presentes ao 45º Congresso Mundial de Imprensa Esportiva, além dos delegados de cinco Continentes, um representante de cada uma das 23 Associações de Cronistas Esportivos Estaduais e que todos os trabalhos estarão apoiados em tradução simultânea em cinco idiomas (Inglês, Francês, Russo, Espanhol e Alemão), estando a seção solene, de abertura, marcada para as 17 horas do próximo dia 22 de abril, no auditório do Maksoud Plaza Hotel.

Atletas do Flu virão para o Galo após a Copa Brasil

Campina Grande (Sucursal) - A viagem do diretor de futebol do Treze Athletico Paraibano, Petrónio Gadelha, ao Rio de Janeiro, foi bastante proveitosa já que o mandatário do Galo conseguiu em parte o seu objetivo que foi as contratações dos quatro jogadores pertencentes ao Fluminense carioca.

Na conversa que Petrónio Gadelha teve com o diretor tricolor apenas um obstáculo surgiu,

é que os jogadores não virão para a Paraíba de imediato e somente no término do Campeonato Nacional já que os jogadores estão servindo ao clube, solicitados pelo treinador Nelsinho.

E com relação ao comandante de ataque Luizão, Petrónio Gadelha preferiu resolver primeiro o caso do jogador Joãozinho Paulista, que também interessa ao alvi-negro. Na sua viagem ao Rio teve em Maceió e procurou saber das

possibilidades da vinda do atacante para defender o Treze e o negócio ficou mais ou menos definido.

A proposta do Clube de Regatas Brasil foi de vender Joãozinho à vista custando o seu atestado liberatório 1 milhão e 200 mil, e por empréstimo de um ano 600 mil. A contra-proposta do diretor trezeano foi de comprar em definitivo sendo o montante dividido em parcelas, o que não foi aceito pelo diretor regateano.

Participe da 15ª corrida de praias, no domingo, 5 de abril. Inscrições gratuitas. Procure o departamento de pesquisa de A União.

Governo
BURITY
A Paraíba tem pressa

Paraiban reúne seus gerentes

O presidente do Banco do Estado da Paraíba, sr. Fernando Perrone, apresentará as metas que a nova diretoria quer atingir no corrente exercício durante reunião a ser realizada terça-feira com os gerentes do Paraiban.

Além dessa reunião, os gerentes do Paraiban deverão participar ainda neste mesmo dia de um curso estendendo-se até o dia 2 de abril. O curso será ministrado pelo professor Ivan Muniz de Carvalho, coordenador de Planejamento do Banco da Amazônia.

Sudepe tem 27 milhões para pesca

O coordenador Estadual da Sudepe, Geraldo Gustavo de Almeida anunciou recursos da ordem de Cr\$ 27 milhões, oriundos da Comissão Interministerial para Recursos do Mar, destinados à diversificação da pesca no litoral paraibano, através da Cooperativa de Pesca de Cabedelo.

Ele acrescentou que o plano de aplicação desses recursos já foi encaminhado à Brasília, para ser analisado e ter o projeto elaborado. Até o final de abril, o setor de Cooperativismo da Sudepe, em Brasília, enviara os resultados os estudos desenvolvidos, bem como o projeto para a utilização dos investimentos.

Geraldo Almeida disse que o plano de aplicação prevê a compra de um barco de 18,4 metros de comprimento para a pesca do pargo, com autonomia de 80 dias no mar e capacidade de armazenagem de 25 toneladas de peixe. Parte dos recursos será destinada também para aquisição de dez barcos à pesca do tubarão e um caminhão frigorífico, para transporte do pescado, além de fortalecimento do capital de giro da Cooperativa.

Informou ainda que o pagamento desses recursos será feito num prazo de oito anos, com dois de carência, sem sofrer qualquer acréscimo de juros ou correção monetária.

Por outro lado o coordenador da Sudepe disse que a pesca da lagosta no litoral paraibano este ano tem superado as expectativas, já que a previsão era de 40 toneladas por mês de captura do crustáceo e a produção tem sido de mais de 50 toneladas o que vem acarretando uma maior exportação do produto tanto para São Paulo como para o exterior.

Sec elabora programação artística

A Secretaria de Educação e Cultura promoverá, a partir do mês de abril, espetáculos teatrais, shows musicais, entre outras formas de expressões culturais, todos os fins-de-semana no auditório da nova sede da Direção Geral de Cultura, atualmente funcionando no antigo Grupo Escolar Tomás Mindelo, com a finalidade de dinamizar a cultura no Estado.

A informação foi prestada pela Secretária Giselda Navarro que disse ainda não existir por parte da SEC programação especial para comemoração do dia de Tiradentes, mas há apenas uma recomendação aos colégios para que sejam feitas exposições e cerimônias que enalteçam todas as datas e vultos históricos.



As últimas chuvas caídas em João Pessoa aceleram a destruição da ponta do Cabo Branco

Chuvas provocam erosões na ponta do Cabo Branco

As recentes chuvas caídas em João Pessoa provocaram novas erosões na Ponta do Cabo Branco. Desta feita, assumiu maiores proporções o problema já denunciado por geógrafos e registrado na imprensa paraibana muitas vezes.

Estudos realizados há mais de dois anos naquela área por especialistas no assunto indicam que, com as frequentes pancadas da água do mar, a Ponta do Seixas está ameaçada de deixar de ser o ponto mais oriental da América do Sul.

Em declarações à imprensa pessoense, o paisagista Burle Max disse que o problema da erosão prejudica a implantação do Parque Ecológico do

Cabo Branco, que está sendo projetado para aquela área. "Na criação do parque teremos que levar em conta diversos aspectos, e um deles é este referente à erosão", comentou.

Por sua vez, o proprietário Paulo Miranda, dono de mais de 1200 lotes de terra naquela área, não acredita que esteja havendo erosão na Ponta do Seixas, apesar de todos os estudos minuciosos realizados por técnicos no assunto. Ele disse, a propósito, que a distância entre o farol do Cabo Branco e a falésia ainda é de trinta metros. "Desde 1973 - disse - quando o espaço foi doado pela Marinha para a construção do farol, não houve alteração".

Senac terá autonomia financeira

Decreto presidencial que tomou o número 1.867, restabeleceu o antigo critério de autonomia das receitas, programas e finalidades do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac e Serviço Social do Comércio - Sesc. Comunicação nesse sentido foi dirigida ao empresário José Antonio de Souza Maranhão, presidente em exercício da Federação do Comércio do Estado da Paraíba.

Na oportunidade, o sr. Antonio Oliveira Santos, presidente da Confederação Nacional do Comércio, ressalta e agradece o apoio recebido, cumprimentando os dirigentes locais do Sesc/Senac "pelos resultados obtidos através de esforço comum". Como se recorda, o assunto vinha sendo objeto de gestões junto às autoridades federais, desde que foi baixado o decreto 1.861/81, que considerava receita da Previdência Social as contribuições de comerciantes e industriais para aquelas entidades, o Sesi e o Senai.

Tanto o sr. José Antonio de Souza Maranhão, como o sr. Rui Bezerra Cavalcanti, presidente da Federação e dos Conselhos Regionais do Sesc/Senac, manifestaram-se satisfeitos com o êxito do movimento encabeçado pelas Confederações do Comércio e da Indústria, com a solidariedade de todos os organismos estaduais, enaltecendo, também, o que classificaram de "elevado espírito de compreensão do presidente João Batista de Figueiredo".

Finanças não vai atender prefeituras

O secretário Marcus Ubiratan, das Finanças, declarou ontem que as solicitações apresentadas pelas prefeituras municipais de Gurjão e Mulungu para a instalação de coletorias estaduais não serão atendidas porque a receita arrecadada nesses municípios é insignificante para o Estado.

A impossibilidade do atendimento aos pleitos já foi comunicada ao secretário Geraldo Medeiros, do Planejamento. Segundo Marcus Ubiratan, o município de Gurjão contribui com apenas 0,01% de toda a receita estadual, e Mulungu com menor percentagem.

Professores entrarão em greve se aumento não sair até dia 10

Os professores estaduais poderão entrar em greve no mês de abril. A Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba, que inclusive já realizou um ato público na semana passada, em frente ao Palácio da Redenção, adverte que só vai esperar até o dia 10 do próximo mês por uma resposta do Governo às reivindicações contidas num memorial que já foi remetido ao governador.

A principal solicitação do Magistério Público é a concessão de um reajuste salarial de 120 por cento, com efeito retroativo a primeiro de março deste ano. Os professores dizem que se a proposta do governo não for satisfatória, eles poderão paralizar

suas atividades em todo o Estado, à exemplo do que ocorreu o ano passado.

Segundo a Ampepe, o movimento é de caráter nacional, coordenado pela Unate - União Nacional dos Trabalhadores em Educação - e visa ainda a estabilidade dos trabalhadores em educação; reajuste semestral; e aposentadoria aos 25 anos, entre outras reivindicações.

A movimentação do magistério estadual, "tenta equipar os salários com a defasagem causada pela inflação". Além da atual campanha salarial, os professores já anunciam para setembro próximo, mais uma movimentação da classe por melhores salários.

Abatimento nos ônibus do interior começará dia 13

A partir do próximo dia 13 e até o dia 19, os estudantes paraibanos poderão viajar com destino às cidades do interior do Estado pagando apenas a metade do valor da passagem. Isto foi o que garantiu, ontem, o Setor de Fiscalização do Trânsito do Departamento de Estradas de Rodagem, na Estação Rodoviária.

Segundo o chefe do setor, Arnaldo Delgado, o abatimento vigorará por toda a Semana Santa, começando na segunda-feira, até o domingo seguinte. Prevendo grande movimentação durante este período, principalmente na

quinta e na sexta-feira, o DER já autorizou as empresas a utilizarem carros extras para atender à demanda. Depois da Semana Santa o abatimento só voltará a vigorar durante as férias escolares do meio do ano, que vão de 20 de junho a 31 de julho. Sobre a concessão das meias-passagens, o chefe do Setor de Fiscalização do Trânsito do DER, ressaltou que em cada horário os ônibus terão que conceder dez passagens pequenas. Mas, para ter direito à meia-passagem, o estudante tem que apresentar a carteira estudantil no ato da compra.

Famílias denunciam falta de coletivos no "Geisel"

Um abaixo-assinado contendo pelo menos duas mil assinaturas deverá ser encaminhado, ainda esta semana, por famílias residentes nos conjuntos Ernesto Geisel e dos Radialistas, à Prefeitura Municipal, solicitando mais e melhores transportes coletivos e pavimentação de várias ruas, que ficam intransitáveis com qualquer chuva.

Os moradores dos dois conjuntos querem que o horário de meio noite seja rigorosamente cumprido pelos coletivos, tanto no sentido centro-bairros como no sentido inverso. Eles reclamam que atualmente os motoristas só obedecem ao horário até chegaram aos bairros. "A partir das 22h30m eles co-

meçam a dispensar os usuários que se destinam ao centro da cidade, sob a alegação de "vamos recolher".

Outra preocupação dos moradores dos conjuntos residências de João Pessoa é com relação ao abatimento no preço das passagens. Os estudantes daqueles núcleos temem que a redução de 50 por cento sobre as tarifas dos coletivos seja extinta. Por isso mesmo, moradores do conjunto Geisel vão reivindicar à Associação dos Proprietários dos Transportes Coletivos que o abatimento seja mantido, sob pena de não terem condições de materem seus filhos nas escolas.

Curso analisará carência de microempresas no país

O Curso Básico para Técnicos do Promicro, que reúne 28 participantes de 13 Estados e mais os territórios de Rondônia, Amapá e Roraima, iniciado no último dia 23 e que se estenderá até o dia 16 do próximo mês, numa promoção do Centro Brasileiro de Apoio a Pequena e Média Empresa (Cebrae), vai analisar as principais dificuldades das microempresas, a sua história e influência na economia brasileira, a partir de experiências dos agentes do Cebrae em todos os países.

Dividido em três módulos, o Curso Básico para Técnicos do Promicro tem como objetivo identificar carências e potencialidades numa microempresa e indicar soluções compatíveis com o tamanho, com a cultura e com o grau de complexidade administrativo-organizacional desse estrato empresarial. Os participantes deverão elaborar, ainda, proposta para obtenção de financiamento e orientar a aplicação dos recursos injetados no setor pelo Governo Federal.

Os participantes são todos vinculados ao Sistema Cebrae, órgão ligado à Seplan-Pr, que pretende dinamizar esse estrato empresarial, a partir das recomendações do ministro Delfim Neto, em dotar todos os Estados de uma infraestrutura gerencial e de treinamento, capaz de tornar as microem-

presas um ponto de equilíbrio na atual estrutura empresarial brasileira, principalmente nas regiões mais atrasadas do país quer em termos de tecnologia quer em termos de comunicação.

Segundo o programa do Curso Básico para Técnicos do Promicro, que está sendo realizado no Centro de Treinamento do Miramar, os participantes vão examinar através do uso de estudos de caso e de experiências vivenciadas os principais aspectos relacionados com a administração geral, produção, compras, vendas, estoques, contabilidade, custo e associativismo. Ao final da parte teórico-prática, os participantes realizarão trabalho de campo em microempresa de João Pessoa e cidades do interior.

O sr. Edgar Antonino de Souza, diretor executivo do Centro de Apoio a Pequena e Média Empresa-Ceag-PB (agente do Cebrae na Paraíba), disse que a escolha da Paraíba para sediar o encontro se deveu a dois aspectos: o apoio decisivo do Governo do Estado ao programa de microempresa e o atual estágio de desenvolvimento gerenciado pelo Ceag no Estado. Além disso, a experiência do programa no interior levou o Cebrae a optar pela Paraíba, embora outros Estados já estejam bastante desenvolvidos nessa área.

Verônica vai deixar hoje o Hospital Santa Isabel

A estudante Verônica Maria Costa Alves de Sousa, uma das vítimas do acidente ocorrido dias atrás num pensionato da Rua 13 de Maio, deixou o Hospital Santa Isabel na manhã de ontem. Ela estava internada há quase duas semanas.

Completamente recuperada, Verônica Maria deixou o hospital acompanhada por sua mãe, Maria Nalide Costa Alves de Sousa, por volta das nove horas da manhã. Evitando conversar com a imprensa, a estudante disse apenas que já estava pronta para voltar às suas atividades.

Segundo o diagnóstico médico, Verônica Maria sofreu diversas escoriações, mas seu maior ferimento foi na cabeça, onde foram implantados quinze pontos. Os outros ferimentos foram superficiais e de fácil recuperação, informaram os médicos do Santa Isabel.

REGINA CLÁUDIA
Atendendo a recomendações médicas, Verônica só soube da morte de Regina Cláudia, a única vítima fatal do acidente, na última sexta-feira. Seus familiares também evitaram dar a notícia antes que Verônica estivesse recuperada do traumatismo provocado pelo acidente da galeria da Rua 13 de Maio.

Depois que foi informada sobre a morte de Regina Cláudia, a estudante chorou várias vezes e passou o dia sem querer conversar com as pessoas, segundo comentou sua mãe. Dona Nalide ficará em João Pessoa durante dez dias para dar assistência à sua filha, antes de voltar à sua casa no Ceará.



Verônica Maria já recuperada

GOVERNO DO ESTADO GUARNIÇÃO FEDERAL DA PARAÍBA CONVITE

O Governo do Estado e o Comando da Guarnição Federal da Paraíba convidam autoridades e o povo em geral para participar das solenidades comemorativas do 17º aniversário da Revolução de 31 de Março de 1964, nesta terça-feira, constando da seguinte programação:

8:00 hs: hasteamento do Pavilhão Nacional na Praça Vidal de Negreiros;
9:00 hs: Missão em Ação de Graças na Igreja da Misericórdia.



O curso do Promicro reúne 28 participantes de vários Estados

“Cuba é um país inviável. Fidel Castro, um ditador como qualquer outro”

HÉLIO FERNANDES

A REVOLUÇÃO PELA PALAVRA

O jornalista Hélio Fernandes, liberal convicto, anti-comunista ferrenho, há 35 anos denunciando e analisando apaixonadamente os problemas do país, inflamado defensor da liberdade de imprensa, sofreu, semana passada, mais um golpe nas convicções que o têm mantido ativo durante anos significativos da vida política brasileira: um grupo terrorista invadiu as oficinas do seu jornal, Tribuna da Imprensa, no Rio de Janeiro, e destruiu a impressora com seis bombas de alto teor explosivo. Essa foi mais uma violência contra o jornalista que coleciona inimigos poderosos com suas tiradas sarcásticas que não poupam nem a intimidade dos que mergulharam definitivamente no mar da corrupção, do tráfico de influência. Hélio Fernandes é violento. O temperamento explosivo valeu-lhe inúmeras prisões. Amado e detestado, suas opiniões são temerárias. Pede um tanque de guerra para eliminar definitivamente os cursos de comunicação do país; acredita que o Partido Popular, que lançou o candidato ao Senado pelo Rio de Janeiro, tem um programa, apesar de articulado por banqueiros, que servirá até aos comunistas. Elétrico, ágil nas respostas e indagando sempre, durante a entrevista exclusiva que deu à equipe de A UNIÃO, um depoimento valioso sobre o Brasil de ontem e de hoje, Hélio Fernandes arrisca novos caminhos e garante que vai continuar brigando.

Fernando Melo - O que levou os militares a tomarem o poder civil do presidente João Goulart em 64?

- A situação em 1964 era muito parecida com a situação de hoje. O presidente cometeu uma sucessão de erros e equívocos, que acabaram em 1964, sem que o movimento fosse propriamente da vontade dos militares. Os militares não tinham a ideia de fazer uma revolução como foi feita. Na verdade, havia uma ideia básica de que o senhor João Goulart não faria eleições. O Jango se deixou enredar numa série de acontecimentos paralelos ou marginais. Essa situação foi se deteriorando, a inflação crescendo, chegando a 100 por cento - hoje, já está em 119 por cento - e o que derruba um governo, na verdade, além da eleição, é a inflação. O povo não estava satisfeito, nenhuma classe, como hoje também, já que temos uma insatisfação geral. Naquela época, havia um regime democrático - estava em pleno vigor a Constituição de 46, que foi uma das mais democráticas que já tivemos - e se conspirava abertamente a todo lado. Os acontecimentos foram progredindo e o Jango fez dois desafios às Forças Armadas, que não deveria ter feito, a não ser que tivesse as Forças Armadas, atrás dele: o primeiro foi o comício da Central do Brasil, e o segundo, o comício do Automóvel Clube. Assim mesmo, o próprio general Castelo Branco não esperava vencer com aquela facilidade com que venceu. Agora, o que houve realmente foi depois de 31 de março: um golpe dentro do golpe. Aí é que surge o plano verdadeiramente histórico. Tanto que havia dois compromissos: primeiro nenhum general assumiria o lugar do João Goulart, e, segundo, se criaria um mandato tampão, que era para ser ocupado pelo general Dutra, só até a eleição e mais nada. Mas entre 31 de março e nove de abril é que houve a verdadeira conspiração dentro do Poder. Aí entrou o general Golbery do Couto e Silva, o general Wernon Walters e uma porção de gente conspirando. Então, no dia 9 de abril foi publicado o ato institucional, que não tinha número, cassando duzentas e tantas pessoas e que se esperava, ficasse naquilo. Mas não ficou. Tanto que depois esse ato sem número passou a ser o número 1, quando fizeram o número 2, evidentemente. Então, resumindo, a Revolução foi um movimento de insatisfação que não teria, de maneira nenhuma, a amplitude que teve, e que, agora, criou para o país uma situação difícilíssima, porque ninguém sabe como sair dessa situação. Inclusive os militares, porque uma parcela muito grande dos militares quer voltar para o quartel, quer institucionalizar o país, admite a tese da Constituinte, mas outra parcela não aceita. Então, é um problema com uma solução difícilíssima, realmente.

Luiz Carlos - A Revolução de 64 contou com o apoio de alguma média. Hoje ela conta com o apoio de alguma camada da população?

- Hoje o regime não tem apoio de ninguém. E o que se discute é se o governo terá o apoio das Forças Armadas. Nem das Forças Armadas se tem certeza de apoio ao governo. No dia anterior a 31 de março, houve aquela famosa passeata dos 100 mil no Rio e em São Paulo, que não foi só de protesto, pois você não bota 100 mil pessoas na rua a troco de nada. Havia uma insatisfação verdadeira e havia uma conspiração, é lógico, senão não se dá um golpe de Estado. Agora, também não se faz nada sem o apoio da classe média, que atualmente, vai crescendo cada vez mais em número e diminuindo em poder aquisitivo. A classe média está se proletarianizando e o proletariado se marginalizando. Então, a insatisfação é geral e completa.

Arlindo Almeida - Qual a sua posição como jornalista e político em 64?

- A minha posição em 64 era de Oposição. Tenho 35 anos de jornalismo e 35 anos de Oposição. Nunca ocupei nenhum cargo, jamais tive qualquer nomeação. O Castelinho já escreveu que eu sou o sujeito mais investigado da República. É evidente, combatendo o meu combate, é lógico que seja devassado de todas as maneiras. Vou lhe dar um exemplo: O Delfim Neto, quando foi ministro da outra vez, na época do "milagre", fez 12 inquéritos contra mim na área do Imposto de Renda. E eu ganhei todos, no âmbito do próprio Ministério da Fazenda, com o parecer do procu-

rador da Fazenda, que é o delegado do ministro. Então, eu sou, realmente, jornalista e mais nada. Quando eu resolvi me candidatar a deputado e iniciar uma outra carreira, porque eu precisava de mais uma trincheira, porque eu tinha muita arma para atirar, eu já vinha na Oposição, apesar de ter dirigido a campanha do Juscelino. Mas quando me candidatava, fazia uma oposição terrível a ele. E só fui encontrá-lo dez anos depois, num almoço especial que o Renato Bastos fez em sua casa para eu me encontrar com o Juscelino, na época da Frente Ampla. A frente ampla foi feita em minha casa. Quem redigiu o manifesto foi eu. É lógico que o Carlos Lacerda emendou, o Juscelino também e o Jango idem. Mas eu vinha de oposição ao Juscelino, oposição ao Jango, com um ligeiro hiato nos sete meses de Jânio, já que não houve tempo nem para apoiar nem para fazer Oposição, embora eu fosse amigo dele. No período seguinte, eu não queria derrubar o Jango, apenas fazia Oposição.

Arlindo Almeida - O senhor fez oposição a Juscelino que não era nem de direita nem de esquerda...

- Mas eu achava e acho que o Juscelino é o pai e a mãe de toda essa inflação que está aí.

Arlindo Almeida - E o senhor fez oposição a Jango que era tido como um governo de esquerda...

- Não, não foi um governo de esquerda. O Prestes na autocrítica, que fez - a melhor autocrítica de todas - diz que "eles mais uma vez te enganaram". Eles pensavam que era de esquerda e não era".

Arlindo Almeida - Qual é o tipo de governo ideal para o senhor e por que o senhor faz oposição por oposição?

- Eu não faço Oposição por oposição, não. Eu acho que você fazendo oposição acerta muito mais do que apoiando qualquer governo. Você está muito mais ao lado do povo, ao lado da coletividade, fazendo oposição. Pelo menos você está fiscalizando.

Arlindo Almeida - Mas isso como político ou como jornalista?

- Como jornalista. E como político você tem as mesmas linhas. Se eu for eleito senador, você vai ter a oportunidade de ver - e provavelmente serei eleito. Só não serei eleito se não houver eleição. No Rio de Janeiro, a repercussão de minha candidatura é total. Não tenho nem adversário, já que todos os que pretendiam se lançar, retraíram-se. Mas eu vou responder a sua pergunta. Não havia um governo de esquerda, de jeito nenhum. Nada, nada, caracterizava um governo de esquerda.

Fernando Melo - Havia populismo no governo de João Goulart?

- Não existia. Tanto não existia que ele foi derrubado sem nenhum tiro. Não existia populismo e nem havia apoio das Forças Armadas - o Assis Brasil, que era o chefe da Casa Militar de Jango, dizia que ele tinha 95 por cento das Forças Armadas. Há até uma frase histórica que o Jango disse ao Assis Brasil: "Então, general, nós tínhamos 95 por cento das Forças Armadas, não é..."

Arlindo Almeida - Nem no princípio o senhor apoiou a Revolução?

- Não apoiei a Revolução de maneira nenhuma. Eu fui o único civil preso no governo do Jango. Acontece que muita gente confunde até hoje a minha posição contra o Carlos Lacerda. O Carlos Lacerda, foi meu amigo, mas era ligadíssimo a grupos de fora, e eu sempre combati as multinacionais. Fiquei contra a candidatura Flexa Ribeiro, que foi candidato do Carlos Lacerda, porque ele era elitista e não tinha nenhuma condição de fazer um bom governo. Fiquei contra ele e criei os maiores problemas.

Arlindo Almeida - O senhor disse que faz oposição há 35 anos. Como é que o senhor se situa politicamente?

- Eu sou contra essa fórmula de situação individual. Eu sou contra rótulos. Eu me situo comparativamente. Se você me der um nome, eu me situo em relação a ele. Se você botar ao meu lado o Giscard D'Estaing, eu sou de esquerda. Se botar o Mitterrand, ele está à minha esquerda. Se você botar o Brejnev, ele está à minha direita.

Não pense que ele está à minha esquerda, não. Ele está à minha direita. Eu defendo os injustiçados, sem demagogia.

Cecílio Batista - Como o senhor vê o Jânio de ontem e o Jânio de hoje?

- O Jânio é um problema e um fenômeno. O Jânio é um produto da sua capacidade de articulação e, hoje, é um homem que tem um esquema de divulgação que ninguém tem. Ele tem uma mesa redonda, duas vezes por semana, na TV Record de São Paulo, que é, tirando a Globo, a líder do Ibope. Mas, de repente, ele sai e passa quatro, cinco, seis meses no exterior. O Jânio é um sujeito imprevisível.

Agnaldo Almeida - Como o senhor vê a liberdade de imprensa no Brasil e como vê a declaração de um jornalista cubano de que não acha necessário a liberdade de imprensa para o exercício de sua profissão?

- A liberdade, seja de imprensa ou seja a propriedade dita, é essencial à vida. Por mais corrupta que seja a imprensa - e ela é corrupta e corruptora no mundo todo - sua liberdade é imprescindível. Agora, o que aconteceu em Cuba é que todo mundo que toma o poder com promessas e intuições democráticas, no dia seguinte se transforma em ditador. Essa é a verdade. Eu acompanhei a ascensão de Fidel em 59, tive lá em 60 com o Jânio, e o Fidel era popularíssimo, aplaudido pelo Papa, pelo New York Times e por vários outros jornais do mundo. Então, por que o Fidel Castro tomou o poder? Porque o Batista era corrupto e ditatorial. Mas Fidel assumiu e nunca mais fez eleições - já vai para mais de 21 anos e não há possibilidade fazê-las. Bem, aí você poderá dizer que o povo cubano melhorou de vida. Melhorou tudo. Isso tudo é conversa fiada. Cuba é uma ilha que tinha 7 milhões de habitantes quando o Fidel assumiu. Hoje tem 9,6 milhões, com um território de 100 mil quilômetros quadrados, e não tem condições: é uma ilha de monocultura, só produz açúcar e mais nada. E como Portugal: pode fazer quantas revoluções quiser, mas não há possibilidade. Até Jesus Cristo, se descer hoje, novamente, e disser que vai transformar Portugal numa Nação viável economicamente, não consegue. Como é que ele vai conseguir? Do mesmo modo é com Cuba.

Fernando Melo - Já que estamos falando de Fidel, e Guevara? O senhor acha que ele foi um romântico?

- Eu acho que o trabalho dele foi muito mais importante que o de Fidel Castro. O que foi que o Fidel fez? O "Che" Guevara, pelo menos, tentou conscientizar outras populações, arriscando-se. O Fidel, que fez? Instalou uma ditadura, porque viu que não tinha condições. Ficou e não vai sair do poder a não ser que seja derrubado. Vai morrer no poder, como aconteceu com o Salezar e com o Franco. Mas, voltando à Cuba, ela não tem condições de viabilidade de jeito nenhum. Viabilidade tem o Brasil e é a atrasada pelos brasileiros, essa que é a verdade. O Brasil tem uma vocação para potência mundial, que ninguém pode negar. Agora, é atrasado por nós, evidentemente.

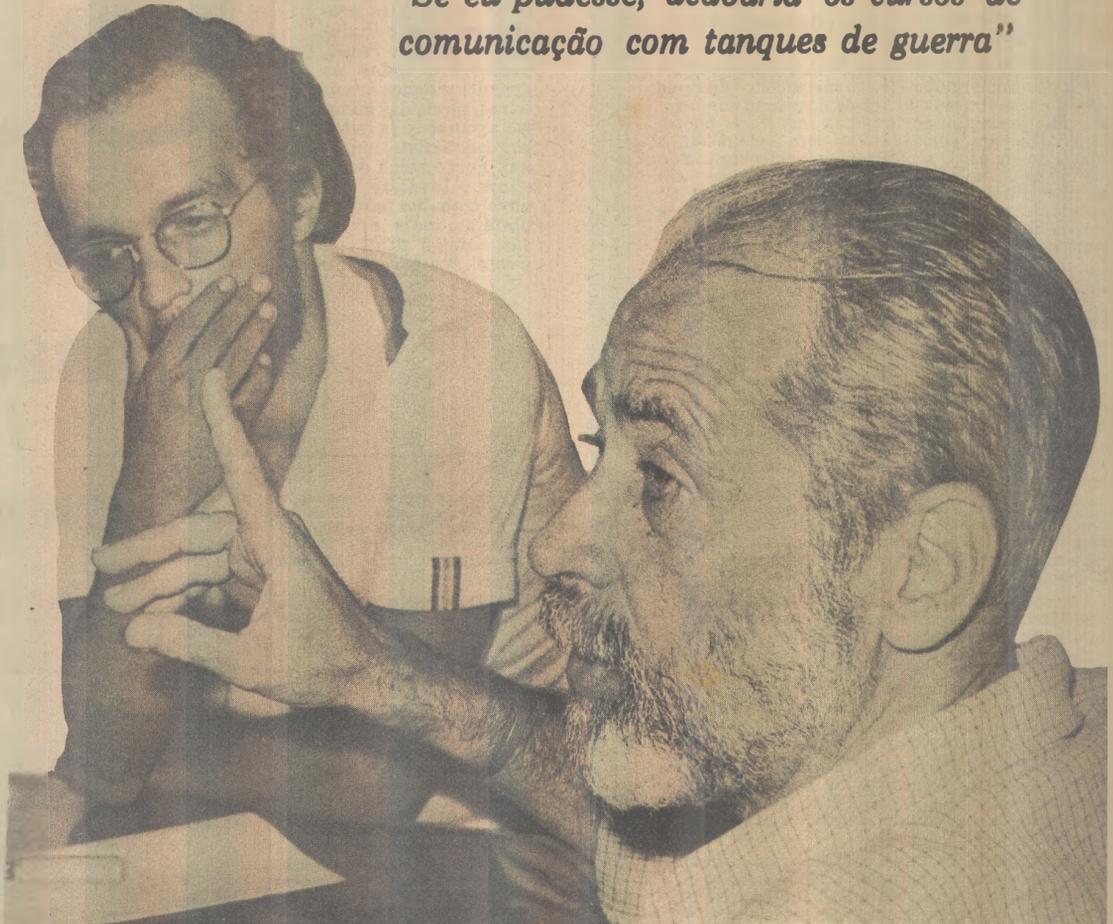
Agnaldo Almeida - Qual a maior crítica que o senhor faria hoje à imprensa brasileira?

- Acomodação total. Toda imprensa brasileira - salvo algumas exceções - é acomodada.

João Bosco Gaspar - O senhor disse que os custos dos jornais está levando a imprensa a perder a sua independência. O seu jornal deixou de criticar o governador Chagas Freitas. Isso tem alguma coisa a ver com esses custos ou com a sua candidatura ao Senado?

- Não tem nada a ver com custo de jornal coisa nenhuma. O que acontece é o seguinte: os partidos políticos são nacionais, mas as bases são regionais. Eu resolvi me candidatar ao Senado, então, fiquei conversando com todo mundo, e em público. Não conversei com ninguém às escondidas. Conversei três vezes com o Brizola, que me convidou para ser deputado federal. Todo mundo no Rio diz que eu sou eleito deputado sem sair de casa. Bem, mas o que eu quero é sair de casa, aproveitar a campanha para dizer as coisas que eu não posso dizer. Se houver eleição, vai ter que ser reformulada a Lei Falcão aí eu vou te espaço para dizer muita coisa, pelo menos durante

“Se eu pudesse, acabaria os cursos de comunicação com tanques de guerra”



dois ou três meses. Como ia dizendo conversei com todo mundo, inclusive com o PMDB, já que eu havia sido fundador do seu antecessor, o MDB, pelo qual fui candidato a deputado federal em 1966, tendo sido cassado logo em seguida. Depois de 10 anos de cassação, veio aquela Lei da Inelegibilidade, o artigo 185 da Constituição da Junta Militar - o Brasil tem uma porção de Constituição, não é? A constituição do Castelo, a da Junta Militar, a que o Pedro Aleixo queria fazer para o Costa e Silva, a Constituição de 64, composta pelos atos, o pacote de abril. Eu defendo a necessidade de uma Constituinte, porque é a única forma de o Brasil sair desse embrulho todo em que se encontra. Voltando à candidatura, o PMDB me convidou, mas fui vetado pelo MR-8 e por algumas alas do Partido.

Agnaldo Almeida - O MR-8 alegava o que?

- Eles têm pânico de mim, porque eu sou combativo. Ou melhor, eu defendo e combato também. Eu digo que eles deviam lutar pela legalidade. Mas eles têm pânico do recenseamento. Bem, fui vetado, mas como eu tinha sido convidado pelo presidente do PMDB no Rio, o Nelson Carneiro, fiquei esperando. Eles me deram 360 mil explicações e nenhuma delas me convenceu. Aí eu comecei a receber uma porção de convites para conversar. Amigos meus começaram a transar um encontro com o Miro Teixeira. Até hoje não conversei com Chagas Freitas. Sai conversando com todo mundo: com a Sandra Cavalcanti, com o Brizola, com um enviado do Lula. Mas todo mundo me oferecia candidatura a deputado federal, e a primeira condição que eu colocava era a de que não aceitava me candidatar a deputado federal. Eu quero ir para o Senado para fazer uma revolução pela palavra: todo dia vou falar contra as multinacionais, sobre dívida externa, balança comercial, balança de pagamentos, porque é que vendem este país, quem vende este país. Não houve nenhum acordo com o Chagas Freitas. Apenas troquei uma divergência regional pela possibilidade de uma nova trincheira nacional e internacional.

Agnaldo Almeida - Você assinando, a ficha do PP, não implica que está aceitando os princípios do PP?

- Mas o programa do PP serve para o PMDB, serve para o Partido Comunista mais revolucionário. Serve para todo mundo, até para o PDS. Se você pegar os programas do PP, PDS e PMDB, sem que eles estejam timbrados, e em papéis diferentes, você é capaz de dizer que o do PDS é o mais progressista, porque o redator do programa bota o que quer, evidentemente. Agora, cumprir é que é outra coisa inteiramente diferente.

Luiz Carlos - Falou-se em imprensa aqui e eu gostaria de saber o que o leva a manter esse estilo combativo, quase único na imprensa brasileira?

- É temperamento. Você tocou num ponto meio chato, meio constrangedor pra mim. Mas eu tenho que responder a sua pergunta. O problema é que eu fui muito massacrado, muito pobre. Meu pai morreu, eu tinha cinco anos; minha mãe morreu, eu tinha sete anos. Então, eu vim pra aí junto com o Millôr. O Millôr um pouco acomodado, tanto que nunca foi preso. Ele diz que se algum dia for preso, vai embora e não volta mais. A mim, só dá prazer fazer isso, porque a fórmula de fazer jornal rico é fácil. Um sujeito tímido, respeitado, tido como altamente perigoso como eu, se tiver um jornal para enriquecer, até o governo está aí.

Arlindo Almeida - Qual a diferença do jornal de ontem para o jornal de hoje?

- É que o jornal de ontem sempre tinha uma grande figura à frente. Você comprava o Diário Carioca, antes da revolução gráfica que fez, era o J. E. Marciano Soares, que foi um extraordinário articulista. No passado, o jornal vivia das grandes figuras e a imprensa tinha uma importância que não tem hoje. É lamentável, mas a imprensa hoje está se transformando cada vez mais num serviço, essa que é a verdade. Você pode contar nos dedos, que são raríssimos, no Brasil, os jornais que têm prestígio e que formam opinião.

Agnaldo Almeida - Por que no Brasil se lê tão pouco jornal?

- Porque no Brasil se lê tudo muito pouco. Quando algum editor tira uma edição de 10 mil

exemplares, é considerado louco, porque normalmente as edições são de 3 a 5 mil exemplares. No Brasil se lê muito pouco.

Fernando Melo - E o mercado de trabalho para o jornalista no Brasil?

- Luiz Carlos - E o que é que você acha dos cursos de Comunicação?

- Está cada vez mais difícil. Eu acho que a solução era pedir ao Exército um tanque desses bem grande e passar em cima de tudo quanto é Faculdade de Comunicação, acabando com todas elas. Outro dia, uma menina na reunião veio me perguntar o que era uma aula. Era formada pela Faculdade de Comunicação. A faculdade de jornalismo é a redação. O jornalista não é uma profissão clássica, não é uma profissão ortodoxa. Você não pode aprender jornalismo na faculdade. Eu entrei numa redação sem saber fazer nada. O Millôr entrou numa redação como contínuo. Eu acho que o curso de Comunicação é um atraso na vida jornalística, porque, inclusive, não tem bons professores, os professores também são mal pagos, não querem ensinar direito. Na verdade, muita gente está aí fazendo hora. Então, eu acho que devia acabar com tudo, pois o que tem de Faculdade de Comunicação despejando gente todo ano, não está no gíbi. Com um agravante: não há mercado para ninguém.

Agnaldo Almeida - Como é essa história de um artigo seu sobre Castelo Branco, quando ele morreu?

- Foi um artigo que eu escrevi no dia da morte dele. No Brasil há um tabu: o sujeito morreu, viva santo, gênio, tudo. E eu, como fiz uma Oposição violentíssima, durante três anos, ao Castelo Branco, no dia em que ele morreu, eu estava em casa, quando um amigo me telefonou de Fortaleza, informando que ele havia morrido. Eu estava escrevendo um artigo, tirei o papel da máquina, botei outro papel e em 40 minutos escrevi um artigo de três laudas e meia. O título do artigo era: "Os carrascos também morrem". Mandei para a redação e a coisa se propagou. Aí, os amigos começaram a me telefonar dizendo que sabiam que eu tinha escrito um artigo violentíssimo, e que eu não deveria fazer e tal. Mas se durante três anos eu tinha escrito sobre ele, por que não poderia escrever quando ele morreu? Eu sei que quando foi mais ou menos 6 horas, era tamanha a onda que eu resolvi trocar o título. Foi a única concessão que eu aceitei fazer, e coloquei "A morte do general Castelo Branco". Bom, houve uma agitação tremenda, mas não aconteceu nada. No outro dia, escrevi outro artigo e fui para o escritório de um amigo que me emprestou um apartamento, e eu fui para lá. Depois, telefonei para o jornal e me disseram que tinha uma intimação para eu comparecer às 3 horas da tarde, na Polícia Federal. Fui para lá e entrei às 3 horas, passando por uns 200 fotógrafos e uma passarela de policiais. Eles queriam que eu desaparecesse e os deixasse livres de mim, mas eu nasci aqui e vou morrer aqui. Aí convocaram tudo quanto é jurista lá no gabinete do ministro da Justiça mas, na verdade, eu não tinha infringido nada: nem a Lei de Segurança Nacional, nem a Lei de Imprensa, nem o Código Penal Militar, nem o Código Penal Civil, nada. A única pergunta a me fazer era se eu poderia e deveria escrever aquele artigo. Poder eu podia, tanto que não infringi nenhuma lei. Agora, se eu deveria ter escrito ou não, é outra história. E eu deveria ter escrito, inclusive porque não foi o artigo mais contundente que eu escrevi sobre o Castelo. O melhor foi o primeiro cujo título era "O presidente Humberto do Amargal Peixoto". E o artigo que eu escrevi no dia seguinte a minha cassação. Esse foi realmente um artigo contundente. Fiquei lá 30 dias, porque o Gama e Silva me tirou de lá, pois eu estava sendo muito pesado aos cofres da União, já que lá tudo é do Exército.

Fernando Melo - Fernando Gabeira é Flávio Tavares erraram ao pegar em armas naquela época?

- Não. Eu sou contra luta armada, mas acho que numa ditadura a luta armada é válida. Agora, numa democracia a luta armada não tem sentido. Eu não entendo o terrorismo na Itália e na Alemanha Federal. Mas numa ditadura, acho válido que sejam usados todos os meios, seja ela de extrema esquerda ou de extrema direita. Eu sou contra qualquer ditadura.

A SEMANA POLÍTICA

Enfraquece aliança entre PMDB e PP

• Fernando Melo

A filiação do ministro João Agripino no Partido Popular e o seu melancólico discurso na Praça João Pessoa no último domingo, terminou por ativar a resistência dentro do PMDB que vem lutando para conquistar a cabeça-de-chapa. O problema ficou mais acentuado quando na entrevista coletiva, Agripino chegou a dizer que Humberto Lucena estava trabalhando no sentido de quebrar as arestas em defesa da aliança opositorista, e consequentemente, em torno do nome de Mariz.

Esta semana vários deputados e políticos militantes analisaram a questão dentro de óticas diferentes. O pronunciamento mais incisivo, no entanto, foi do deputado Marcondes Gadelha, nome que continua despertando grande interesse do eleitorado paraibano, apesar do próprio PMDB não ter por aquele parlamentar maiores atenções, o que não deixa de ser curioso. Mesmo assim, Marcondes conta com o apoio dos Cunha Lima e, praticamente com toda a bancada na Câmara Municipal de João Pessoa. Na sua entrevista publicada com destaque pelos jornais da cidade, ele lança um desafio ao seu maior rival, o deputado Antonio Mariz.

Para provar a tudo e a todos que seu interesse maior é a sobrevivência da legenda, Marcondes afirmou, alto e de forma categórica, que votará em Mariz, sem nada pedir em troca e sem nada exigir, desde que este se filie no PMDB.

A expressão não deixa de ter o seu efeito, pois sabe Marcondes que Mariz não entraria nessa canoa furada. Afinal de contas ele já mudou de partido três vezes e este comportamento nunca é bem visto pelo eleitorado. No entanto Marcondes precisava dizer qualquer coisa forte, que provocasse interesse dos leitores e do eleitorado. Daí a necessidade de provocar esse tema, que por mais controvertido, terminou surtindo o efeito desejado.

Outro fato digno de registro ainda nesse cenário, foi a reação dos vereadores de João Pessoa, que ameaçaram não apoiar o PMDB se for concretizada a composição cogitada do PMDB-PP nas próximas eleições.

Na verdade, os vereadores têm razão. Eles representam parte do eleitorado e não estão ali por favor da cúpula, mas por vontade de tantos quantos os elegeram, apesar de terem dois anos de mandato prorrogado. De qualquer forma o protesto da Câmara Municipal - uma vez que o PDS também se manifestou - terminou movimentando os meios políticos. O nome do ministro João Agripino não foi salvo das violentas críticas do líder do PMDB, vereador Derivaldo Mendonça, chegando mesmo a denunciar um pacto entre Humberto Lucena e Agripino, no qual teria sido acertado que o PMDB apoiaria Agripino em 82 e este, através do PP, trabalharia para eleger Humberto em 86.

Por outro lado o deputado Octacílio Queiroz e Orlando Almeida procuram confundir a opinião pública, quando defendem o nome de Mariz dentro de uma aliança partidária. Até ontem, esses dois parlamentares lutavam abertamente contra o PP. Hoje, sem aviso prévio, atacam os que defendem o fortalecimento do PMDB na esperança de que o PP no Poder, o partido de Humberto não venha a ser enfraquecido.

Toda essa crise termina por equilibrar o recortado e sempre confuso PDS. A dissidência continua no seu marasmo, acomodada com cargos da Mesa da Casa de Epitácio Pessoa, esperando que as águas de março passem para que tudo volte a paz. A maior vítima continua sendo o povo, que de longe assiste o comportamento dos políticos e a cada dia vai mais se decepcionando.

CODECIPA

Com as cheias do Rio Paraíba, o secretário José Silvano, dos Transportes e Obras, teve uma semana exaustiva como presidente da Comissão de Defesa Civil da Paraíba - CODECIPA. Acompanhei de perto o seu trabalho e foi possível constatar o esforço empreendido na busca de assistir os flagelados.

Ressalte-se também a participação efetiva do coronel Renato Macário, como diretor executivo da CODECIPA, e das Secretarias de Saúde, e Trabalho e Serviço Social que não mediram esforços para atender ao chamamento das Prefeituras de Santa Rita e Cruz do Espírito Santo.

CASO DA FITA

A semana foi também sacudida pelo rumoroso caso da fita. Os jornais Correo e O Norte se desentenderam mais uma vez, e na Assembléia Legislativa os deputados aproveitaram bem o assunto. José Fernandes de Lima com a frase - A Polyutil está sendo útil a muita gente! - provocou maiores atenções por parte do público que interessado, viu o quadro receber tintas fortes numa moldura gasta pela intriga e pela chantagem.

O secretário Carlos Roberto terminou sendo atingido por um grupo de empresários que procuram através da fita complicar o seu trabalho à frente da Comunicação do Estado. A carta de Carlos que apenas o Correo se negou a publicar, disse bem do que aconteceu: ou seja, a conversa gravada na fita ocorreu em setembro do ano passado e só agora, seis meses depois, é que foi usada.

ATENTADO

O terror volta com mais força. A destruição do prédio da *Tribuna da Imprensa*, do jornalista Hélio Fernandes chocou a opinião pública que mais uma vez se intranquiliza ao saber que o aparelho repressivo da direita continua ativo e pronto para novos embates.

Os partidos políticos no desespero de sobrevivência estudam uma fórmula "simpática" de apoiar o presidente João Figueiredo para que seja assegurada o processo de abertura democrática.

PRORROGAÇÃO

Simplemente vergonhosa a proposta do deputado malufista Bezerra de Melo em querer a prorrogação dos mandatos dos deputados e dos governadores. Isso diz bem do desprestígio em que se encontra a classe política brasileira.

Muitos deputados começam a protestar, principalmente os de oposição, mas no fundo (quem duvida?) eles estão rezando para que isto aconteça. Afinal de contas uma eleição hoje está custando uma fortuna. Quem desconfiar é só perguntar ao Grupo da Várzea o quanto dispõe para reeleger seus representantes.

O "Luar" poderia ter sido menos rock, mas gravei a música no dia que Lennon morreu.

GILBERTO GIL

SIM

Aos sonhos da nossa geração

Euar, o show de Gilberto Gil marcará o reinício das atividades da Jaguaribe Produções na Paraíba, com apresentações a 22 e 24 de junho, respectivamente em Campina Grande (Ginásio César Ribeiro) e João Pessoa (Astréa). Esta entrevista foi dada por Gil à assessoria de imprensa da WEA Discos e é publicada na íntegra, pela primeira vez, no "Jornal de Domingo".

O novo show de Gilberto Gil, que estreia terça-feira próxima no Teatro Pinguinha, em São Paulo, percorrerá todas as grandes cidades brasileiras, numa das maiores excursões já feitas por um artista nacional. Será cerca de 65 shows levando seu novo trabalho para as platéias mais diversas. Com o título *A Gente Precisa Ver o*

Quais seriam os pontos de contato, e também as diferenças, entre o Gil de 81, que canta "A Gente Precisa Ver o Luar", e o Gil que cantava em "Lunik 9"? "Poetas, seresteiros, namorados, correi, é chegada a derradeira noite de luar...?"

Eu acho que as duas músicas tem um subtexto parecido. Quer dizer, o que está por trás dos versos é a intenção, que é a mesma. É uma coisa assim de lembrar o fenômeno físico, a lua e toda a importância que ela tem, na existência da cultura da humanidade. Principalmente na poesia, na vida poética. Todas as duas têm um sentido de alerta, de ultimato, sendo que esta eu acho que é mais positiva, porque é mais agressiva, mais violenta, numa linguagem mais direta. Eu gosto mais do *Luar* como canção. A outra canção era bonita, mas era antiga. Na época era toda assim, uma suite, feita com vários ritmos. Tinha marcha, tinha samba. Era mesmo o que se chamava de suite popular e chamava a atenção para os perigos da possibilidade de perda da lua: uma coisa toda medrosa, uma paranoia científica. Era interessante, mas eu gosto mais desta, porque é uma coisa direta, o luar... Já se falou da lua em todos os quadrantes do mundo, em todas as gerações. A poesia está evadida de versos a respeito da lua. Então, os dois primeiros versos do *Luar* dizem exatamente isso: "do luar não há mais nada a dizer, a não ser que a gente precisa ver o luar". Eu acho que esses versos são o fundamento da canção, do próprio disco. Tanto *Luar* quanto *Lunik 9* são manifestos ecológicos.

Gil, depois dos discos *Refazenda*, *Refavela* e *Realce*, todo mundo estava aguardando um novo Re. Você não se sentiu tentado a continuar a série?

É, um pouco, mas estava muito mais tentado a não tentar outro. Eu queria uma trilogia, três *Res*. Houve também *Refestança*, que foi idéia de Rita Lee. O título foi dela. Eu assumi porque tudo bem, mas queria três *Res* criados por mim mesmo. Já tinha passado o ciclo.

Após o lançamento de *Realce*, em agosto de 79, e dos shows até novembro, você deu uma parada durante o ano de 80. Que é que você fez nesse tempo?

Fiz música. Fiz 16 músicas no ano de 80. Oito delas estão no novo disco. Algumas foram gravadas por outras pessoas, outras não foram gravadas ainda, e fiz um show com Jimmy Cliff, uma excursão interessante. Fiz um disco com o João Gilberto e Caetano, ainda não lançado, e gravei faixas separadas de discos como os do Erasmo, Domingos, Trio Elétrico, Jorge Mautner, coisas assim...

E a vida em geral, como foi?

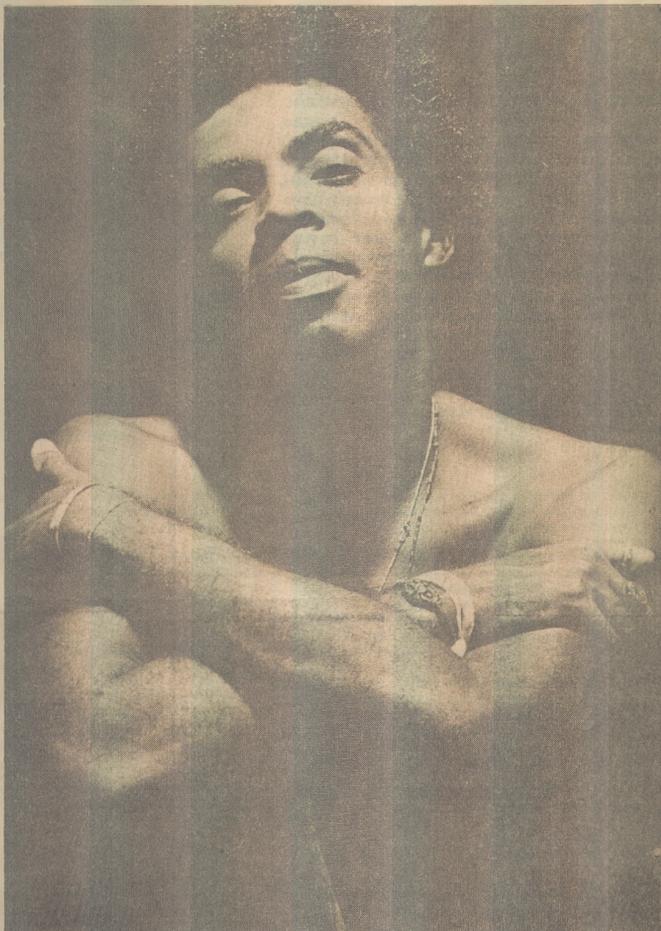
A vida no geral, sem esse ritmo vertiginoso de trabalho, foi mais legal. Eu gosto muito do palco, mas é muito bom estar fora por um período. Eu não fico nervoso, nem tenho medo do palco, mas há um *risson*, uma tensão qualquer, de uma certa qualidade que não posso definir como uma coisa negativa ou pesada. Mas de qualquer maneira é uma espécie de tensão, coisa de estar na temporada, fazendo show todo dia, ou três ou quatro vezes por semana, viajando muito. Isso dá uma tensão natural necessária, que é evitada quando você não está fazendo isso. Foi o caso do ano de 80, que eu fiquei sem essa tensão. Só passei isso durante os 15 dias de temporada com Jimmy Cliff.

Tem artistas que falam de um certo "profissionalismo", que sobem e descem do palco sem se alterarem. Com você não é assim?

Não, não é nada disso. "Subo nesse palco, minha alma cheia a talco como bumbum de bebê". Subir no palco é um ato ritual muito importante, de uma profundidade religiosa muito grande. No caso de um artista de *performance* como eu, eu diria que é, talvez ao lado do ato de amor com a mulher amada, o ritual mais profundo na vida de um artista de palco.

Geralmente seus discos são lançados com grandes shows e excursões. É um complemento do que foi gravado?

Pois é, eu gosto de fazer tudo de uma vez. O disco sozinho é uma coisa secundária. Eu nunca tive a gratificação absoluta, a qualidade de orgasmo mesmo na realização dos discos. O disco é uma coisa meio fria, meio mecânica. É assim como bater cópia de texto em escritório: vai e volta, corrige, passa a borracha, escreve 50 linhas e aproveita dez. Não é um trabalho em que apareça a expressividade do artista. Pelo menos no meu caso. Eu gosto mais de catarse explosiva do palco, que é toda mais direta. Agora, como o disco está ligado ao *show-business*, que é uma coisa do fenômeno música/arte/entretenimento/negócio/sobrevivência/comércio/dinheiro - tudo junto num pacote só -, hoje em dia, cada vez mais, a gente tem que pensar em termos de ligação entre essas coisas todas. Então por isso gosto de fazer um *show* completo: o disco, as músicas, a temática, o show, as audiências, os públicos que vão ser atingidos. E aí entra todo o critério de seleção das cidades: o critério de por onde você começa, onde termina, quanto tempo você fica num lugar, quanto tempo você fica em outro. Todo esse estudo... As pessoas que vão trabalhar nisso, as luzes, o cenário, as cores. Isso tudo é uma festa, um ritual. É como enfeitar uma igreja, um terreiro, preparar as comidas do candomblé, preparar o vinho, a hóstia... É tudo a mesma coisa. Isso é religião. É a religião da



"Não há mais terras a serem descobertas; não há mais nada"

idade moderna, pagã. E o neo-paganismo da era industrial, eletrônica, com esses sons todos, o rock'n roll, o pop, o afôxé.

E as músicas do novo LP, como surgiram? "A Gente Precisa Ver o Luar", por exemplo?

O *Luar* foi feito no estúdio. Eu estava mixando *Se eu Quiser Falar com Deus* e já com o LP programado, o repertório quase todo escolhido, mas com uma profunda sensação de lacuna. Alguma coisa falta no disco. E me lembro que nesse dia de manhã eu fui com o Liminha para o estúdio com essa sensação muito aguda, quase angustiante, dolorida, quase passando para o lado negativo, quase se tornando depressão. Eram 10 horas da manhã mais ou menos, fui pra dentro da sala de gravação, me lanquei lá, peguei um violão e disse: "eu vou procurar alguma coisa que me livre dessa agonia". Comecei a tocar e meia hora depois entrei na sala do estúdio e disse: "Liminha, ouve isso aqui!". Toquei, só a música, e falei: "Vou fazer uma letra para essa música para abrir o disco com ela". Dois ou três dias depois, a gente acabou de mixar, eu fui pra Bahia e fiquei tocando aquilo. Naquela meditação natural de tocar e de buscar, de querer a aproximação do objeto não identificado, veio a lua. A letra veio muito do clima da urgência e da necessidade que a criação dessa música teve para mim. Por isso é que veio essa coisa impertinente do luar: "sobre o luar não há mais nada a dizer". Quase que uma negação de meu próprio talento poético, ou seja, uma coisa assim como se eu dissesse: "Olha, eu não estou aqui querendo falar bonito da lua; ela está lá, a gente tem que ver". Eu adoro essa música. No sentido do que significa para mim a criação, essa música e *Palco* são fundamentais.

"Palco" é mais antiga?

Certo, mas não estou falando no sentido de faixas do disco. Como faixa do disco, a música que eu mais gosto é de *Axé Babá*. Como trabalho de agora, pronunciamento meu agora, acho que *A Gente Precisa Ver o Luar* e *Palco* são fundamentais. Eu vou lhe contar a história da gênese de *Palco*. Eu fiz essa música quando resolvi parar. Cheguei em casa na Bahia, em janeiro do ano passado e, conversando com Sandra, decidi que ia parar esse ano. Eu tinha decidido, mas a dúvida ainda estava na casa, no quarto. Fiquei pensando assim: "ou não vou trabalhar este ano, mas se fosse, o que iria fazer?". Aí, imaginei um lugar ideal, um cenário ideal, com uma platéia ideal, e todo ritual no palco. Tinha umas pessoas que vinham e traziam o sol desenhado na testa, como símbolo. Isso tudo era uma interpretação de meu papel, isto é, o que é

ser artista. A música nasceu disso e fiquei sossegado. Quando ela estava pronta, disse: "Bom, este ano não vou trabalhar mesmo". E então completei minha decisão. Foi como se ter decidido não trabalhar pudesse significar um medo meu, uma vitória da não-criatividade. Diante dessa dúvida, e dela eu falei estar o perfume ainda no lugar, era uma dúvida mais da qualidade, do meu próprio talento, da minha própria condição de poder trabalhar. Eu estava com dúvida da dúvida, da decisão que tomei. E a música veio confirmar que eu posso, que se eu quisesse trabalhar eu teria com que trabalhar. Essa foi a história de *Palco*.

"Cara a Cara" é a única música do LP que não foi composta por você. Na gravação do Caetano ela é bem mais carnavalesca...

É, ela é bem carnavalesca. Só que esta música de Caetano foi feita para o carnaval, mas eu acho que ela é muito arrojada para música de carnaval. É muito sofisticada para carnaval, muito complexa. E uma das maiores composições de Caetano. Se é que se pode haver uma maior que a outra em se falando de Caetano, que é um compositor extraordinário. E eu fiquei com essa música na cabeça muitos anos. Já em *Realce* eu cantava essa música, abria o show com ela.

Desde "Refavela" que você tem incluído um afôxé nos seus discos. Ultimamente temos assistido uma emergência dos afôxés no carnaval da Bahia. Qual a sua ligação nisso tudo?

O *Axé Babá* é um afôxé meio progressivo. O afôxé sempre existiu. Agora, a emergência do afôxé na Bahia, mais ou menos nos termos que você está falando é assim. Pintou o Trio Elétrico, em 69, 70, depois da música de Caetano, *Atrás do Trio Elétrico*, e das músicas de carnaval que ele foi fazendo, uma atrás da outra, o Trio Elétrico pintou mesmo. E o tempo foi passando e o Trio Elétrico foi tomando muito o carnaval. Então, o afôxé foi desaparecendo. Os Mercadores deixaram de sair e mais alguns outros também. Em suma, um dia eu cheguei num carnaval da Bahia, mais ou menos há uns sete ou oito anos atrás, pra rua e encontro os Filhos de Gandhi na praça da Sé, com trinta pessoas, sem condições nem de ir desfilar. Fiquei ali conversando com eles - já deviam ser umas 11 horas da noite - tentando descobrir o que estava acontecendo. Aquilo me deu um sentimento muito estranho. Depois do carnaval, esse sentimento permaneceu, e resultou: fiz aquela música, *Filhos de Gandhi*. Aí comecei a falar deles nos shows. Eu cantava e contava a história da decadência dos afôxés. De uma certa forma, mas sem ressentimentos, eu acusava o

Trio Elétrico de ter provocado aquela coisa. As pessoas começaram a se preocupar e resolveram sair nos Filhos de Gandhi. No ano que sai foram umas 50, 60 pessoas. No segundo ano já saíram mais. O fato de eu ser famoso e ter prestígio também auxiliou. Os jovens foram olhando e viram e fizeram o *Badaué*, e outros foram criados. Assim, graças a Deus, hoje o afôxé está recuperado na Bahia, o que era meu sonho.

Quando você já estava no final das gravações houve a morte de John Lennon. Isso refletiu no trabalho?

A Gente Precisa Ver o Luar bateu muito. *Luar* poderia ter sido menos rock, mas eu gravei no dia que John Lennon morreu. No dia que recebi a notícia, de manhã, eu estava indo para o estúdio. Então isso teve uma influência fundamental. Quando eu dei aquela entrevista para a TV-Globo, estava no estúdio gravando *Luar* naquela hora. Sai dei a entrevista e voltei para terminar a gravação da faixa. Então, o caráter rock. Tem um *ie, ie, ie*, na música que era bem frisado. Eu faço de propósito para ele, para dizer do sentimento de tudo, mistura de gratidão, saudade e revolta pelo *ie, ie, ie* que ele foi morto. Foi uma coisa de "você, *ie, ie, ie*, *ie, ie, ie*, *ie, ie, ie* forever". Sim, sim a John Lennon. Sim, sim ao rock'n roll. Sim, sim aos sonhos da nossa geração. *Luar* está bem impregnado disso.

A excursão do *Luar* começa com uma temporada no Teatro Pinguinha, em São Paulo. Há muito tempo que você não fazia temporada. *Refazenda* foi a última?

Não. Foi *Refavela*. Cheguei a fazer 15 dias no Teatro Tereza Rachel. Isso já tem 4 anos. Eu não fazia há muito tempo e estava querendo fazer. Eu gosto, mas ao mesmo tempo é muito complicado. No Rio de Janeiro é complicado, não há locais, há muita confusão. E eu pensei: "qual é o melhor lugar pra fazer?" São Paulo, porque tem um público genial para isso. A cidade é grande, comporta, tem afluência, dá para segurar um mês. O Pinguinha é um teatro lindo, com um tamanho certo para ficar um mês. Eu poderia até fazer 15 dias em um lugar maior, fazer uma semana num lugar como o Anhembi, mas eu quero mesmo é ficar ali, aquele negócio do residente. O artista reside por um período naquele lugar. Isso é bacana, fica com outra característica. Ele fica na cidade por um período, passa a conviver com todos os elementos da cidade, se torna mais inserido no momento cultural da cidade.

Durante o ano de 80 você acompanhou a música brasileira. O que tem achado?

Há muito tempo que já desapareceu em mim a preocupação com a categoria música popular brasileira, a ser separada do resto, preservada e difundida como tal. Por mais desagradável que isso possa soar para alguns, não tenho o menor interesse na música popular brasileira como categoria. Tenho interesse na MPB como exercício de música, do dia-a-dia cultural, as canções e artistas que se sucedem, os sons que se fazem, os ritmos que se criam, que se recuperam como os afôxés, o samba. Eu gosto é daquilo, é de *Menina de Angola*, Chico Buarque e Clara Nunes. Eu ouço aquilo, gosto e digo: "olha a música popular brasileira se misturando"... Foi lá na África, se misturou com o som de Donna Summer. Uma gravação como a de Clara Nunes faz você ver tudo, com a guitarra elétrica, o coro da *disco music*, o primitivo de Angola. Tudo aí, o Chico está aí até hoje; 15 anos depois, gênio... Está aí Caetano até hoje... E estão os novos chegando, a Marina chegando, Simone que chegou há 5 anos, cantando no Hotel Nacional, Maria Bethânia, Alcione no Caneção, Gal Costa... O Jorge Mautner, sempre ali, *underground*, meio bastardo, mas chegando com sua genialidade, sua dificuldade de acesso ao público, por ser ao mesmo tempo supersofisticado e super primitivo. Então eu quero ver isso e não o que fulano está fazendo, se ele está seguindo as correntes, se elas são antagônicas. Isso não me interessa. A natureza é múltipla, multifacetada. Essa coisa de querer música popular brasileira, alguma coisa que signifique a música popular brasileira, não me interessa.

E a música internacional? Há algo em que você se ligue?

Também, a mesma coisa. *Funk*, *disco*, *new wave*, *jazz*... Eu gosto dos sons. Os elementos particulares, específicos do Brasil, que são trazidos pra qui, são levados para a Europa, se transformam, entram, impregnam, as coisas de lá. Saem de lá já de uma outra forma. As coisas daqui vão lá para o Brasil, vem a África, que já é via Brasil e voltam, vão pelo Caribe, passam pelo reggae, vem pra cá. Então fica aquela reciclagem constante, aquele repasse de informação, repassada de área para área. As matrizes estão aí, as mesmas de sempre: a música branca, a negra, a amarela, ou seja, as grandes raças. São as matrizes raciais étnicas que existiram no planeta, sobreviveram e estão aí. É isso tudo sendo misturado à língua planetária por causa da tecnologia, da televisão. Porque o planeta fechou. Não há mais terras a serem descobertas; não há mais nada. Todos os recantos do mundo foram conquistados e o mundo conquistou-se a si próprio. Acabou; é um mundo só. Os aviões estão aí cruzando o tempo todo, os satélites mandando informação. Por que a música vai ficando a parte? Não pode.

Chefia

• O empresário José Antônio de Souza Maranhão, primeiro vice-presidente da Federação do Comércio do Estado da Paraíba, está respondendo pela direção da entidade e dos Conselhos Regionais do Sesc e Senac.

• O titular efetivo, empresário Rui Bezerra Cavalcanti, encontra-se presente no eixo Rio de Janeiro/Brasília, onde se demorará por cerca de 15 dias.

• Rui Bezerra viajou convocado pela Confederação Nacional do Comércio para participar de importantes encontros com autoridades administrativas do Governo Federal.

Idades

• Onacilda e João da Silva (foto) não podem estar parados, nem de casa fechada. Novamente hoje o casal vai abrir as portas de sua bonita residência, muito embora seja - como eles próprios mandaram dizer, - "para uma pequena comemoração".

• Desta vez, João e Onacilda, que sempre recebem com muita alegria, recebem os padrinhos e alguns familiares dos herdeiros João Ricardo e Raissa, que estão atingindo novas idades neste domingo.

• A festividade começará às 10 da manhã, mas seu clímax será às 5 da tarde.

Casamento em abril

• As famílias de Zaida e Ivaldo Sérgio já estão entregando os convites para o casamento dos dois, que ocorrerá no dia 21 de abril, na Capela do Pio X.

• Ela é filha de Geraldo (e Marta) Canuto Gouveia, e ele é filho da Vva. Nevinha Vasconcelos.



Nova idade para Nolo

• Nolo Pereira de Melo, livreiro, por conselho médico, reduziu suas atividades comerciais e continua em casa repousando e recuperando-se de estafa.

• A data de amanhã é muito significativa para ele (e Luzia), que estará aniversariando.



Foto de Nuca

SILVANA MONTEIRO: 15 ANOS

SUCCESSORIA DO CEP

• A classe de engenheiros já começa a se interessar pela renovação da diretoria do Clube de Engenharia da Paraíba, cujo pleito será agora em junho. E tudo está indicando que haverá mais de uma chapa nas disputas, sem que nenhuma delas possa vir a ser encabeçada pelo ex-presidente William Velloso da Silva.

• William Velloso, ao tomar conhecimento aqui pelo colunista da possível candidatura de Guarany Marques Viana, confessou ser seu grande amigo, afirmando ainda que não

só votará nele como trabalhador pela sua vitória. "Os planos que tem Guarany com relação ao Clube de Engenharia coincidem com os meus", disse William.

• Outro que também poderá aspirar ocupar o cargo de presidente do Clube de Engenharia é Zeca Martins, que foi candidato de oposição nas últimas eleições perdendo para o situacionista José Othon, atual primeiro mandatário da agremiação. É possível também que saia a dobradinha Guarany Viana-William Velloso.

ESTATUTO ARCAICO

• A reforma dos estatutos - do Cabo Branco voltou a ser lembrada pela atual diretoria, que julga necessária e imprescindível para acompanhar a evolução do tempo. O "catecismo" do Clube de Miramar, em alguns poucos, está sendo considerado arcaico, obsoleto, não atendendo mais as aspirações do Cabo Branco de hoje.

• O assunto poderá vir a ser abordado de futuro, muito embora não exista atualmente nenhuma promessa nesse sentido. Sabe-se, apenas, que já existem um ante-projeto e uma comissão designada para seu estudo e aperfeiçoamento. Nesse grupo, presidido pelo Desembargador Hermes Pessoa, estão Haroldo Escorel, Valberto Varandas e Orlando Figueiredo.

Sociedade
RYONALDO CORREA



SENHORA VERÔNICA ALMEIDA HOLANDA

Foto Mário Jácome

Tudo pronto no Astréa

• O prazo para inscrições das chapas que irão disputar, no dia 1º de maio, as eleições sucessórias do Clube Astréa, terminará terça-feira desta semana. Tanto Djacy Andrade como Estácio Rangel estão prontos "para a largada"...

• O otimismo de um e outro candidato é grande e deixa antever uma movimentação nunca antes vista na sede do alviceleste.

• Isto é muito bom porque reascende as esperanças de dias bem melhores para o Astréa, em boas mãos (João Batista Mororó) por duas gestões seguidas.



Abertura de curso

• Já abertas no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e também na Comoci as inscrições para o Curso de Historiografia Paraibana, que se realizará durante todo o mês de abril próximo, sob o patrocínio conjunto da Diretoria Geral da SEC/Comoci/ Conselho de Cultura e Grupo José Honório Rodrigues.

• Na abertura do curso, a 7 de abril, falará o professor Pedro Nicodemos que discorrerá sobre Irineu Pinto, seguindo-se, entre outros, Eduardo Martins, Heronides Coelho, Humberto Melo, Rosa Godoy, Desdêith Leitão, Wellington Aguiar.

• Embora as inscrições sejam gratuitas, o curso, que assinalará o início das homenagens ao centenário dos historiadores Irineu Pinto, Tavares Cavalcanti e Florentino Barbosa, assegurará certificados a todos os seus participantes.



Posse de cronista

• Tudo pronto para a posse do cronista e professor Wellington Aguiar na Academia Paraibana de Letras, acontecimento que está marcado para a próxima sexta-feira, às 8 da noite, no solar da Duque de Caxias.

• Tido como uma das maiores figuras da Paraíba cultural de nossos dias, Wellington chega à APL portando bem elaborado discurso sobre seu patrono Coelho Lisboa, a quem conceituará como "Um Radical Republicado Contra as Oligarquias".

• Saudando Wellington, aparecerá seu velho amigo e colega do "Grupo José Honório, José Otávio, que fará a apologia da corrente radical na História e na Paraíba, nela inserindo tanto Coelho Lisboa como Wellington.



ROSÂNGELA E HUMBERTO FLÁVIO RABELLO FILHO

Foto Mário Jácome



ONACILDA GOMES E JOÃO DA SILVA

Foto de Nuca

Rápidas

• TEREZA Wanderley Cavalcanti, casada com Jair Cavalcanti, está aniversariando hoje. O evento será festejado entre familiares. ●●● EMANUELLA, filha de Luzinete e Marcos Rodrigues de Mendonça, completa hoje seu primeiro ano de vida e será batizada. Serão padrinhos Gilda e Henrique Almeida, ele representado por seu filho Mano. ●●● QUEM ficará mais velho amanhã é o engenheiro Dilson Sousa de Melo. ●●● NASCEU no último dia 21, na São Vicente de Paula, o menino Gustavo, filho do casal médico Gustavo (Fátima) Navarro de Oliveira. ●●● OUTRO aniversariante de hoje: o médico Leonardo Gadelha, Coordenador de Tuberculose da Fusep. ●●● ESPERADO sexta-feira próxima, da Europa, Arthur Cruz, filho de Lola e Camilo Cruz. ●●● PEÇA infantil "Perdidos na Floresta Beleléu", será encenada hoje (16h30m) no Teatro Santa Rosa.

Esclarecendo os latistas

• Confessando-se surpreso com a manifestação de apoio emprestada ao Comodoro Carneiro Braga, do late Clube, por três de seus ex-correligionários, do sr. Célio Di Pace recebemos a seguinte carta-esclarecimento:

"Se alguns dos meus "amigos fraternais" se confessaram surpresos com o envolvimento dos seus honrados nomes em matéria veiculada na excelente coluna do Jorn. Luiz Otávio, mais surpreso, ainda, ficou este modesto batalhador pelas causas latistas pois tanto o Sr. José Ferreira Vaz como o Sr. José Paulo Neto foram por mim contactados e, na ocasião, manifestaram irrestrita e total solidariedade contra o aumento do número de sócios no late Clube da Paraíba. Quanto ao terceiro signatário das correspondências enviadas ao Sr. Comodoro, confesso, realmente, que o seu nome foi utilizado na mala completa e absoluta confiança pelas lutas que enfrentamos, obtinadamente, por um late melhor.

O que mais me chocou foram as mudanças de atitudes dos dois companheiros contactados. No entanto, não quero analisar fragmente as suas posições e, de cabeça erguida, saberei compreendê-los e perdô-los.

Há pessoas que nascem predestinadas para serem líderes, outras para serem lideradas, uns líderes e desempedidos com promessas maiores e não ser com a sua própria consciência e outros comprometidos com esquemas e esquemas de serem o Rei, ou, ao menos, se não conseguirem seus intentos, serem amigos do Rei.

Minha oposição no late, já disse por diversas vezes, não se trata de uma oposição sistemática e volta a repetir: Trata-se de uma oposição vigilante graças a qual, dia a dia, mês a mês e ano a ano, o late vem oferecendo melhores condições e opções aos seus associados pois, só dessa maneira, seus dirigentes saem do marasmo e da acomodação que nada levam a construir.

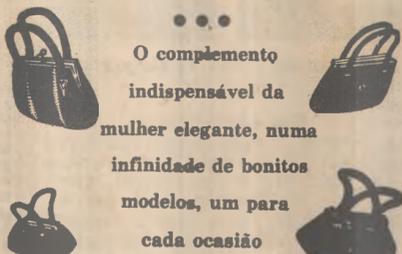
Quanto ao Sr. Comodoro, o respeitável médico Francisco Carneiro Braga, posso afirmar de viva voz que nada existe de pessoal entre mim e ele, a quem, também dedico a maior admiração pelo seu trabalho abnegado frente aos destinos do Clube do Bessa e, muito antes dos confetes jogados por meus companheiros, eu mesmo, sempre que constatava melhoramentos realizados no Clube, nunca me cedi de elogiar os seus acertos. Estranho, no entanto, o Sr. Comodoro confundir "surto" apolítico com vigilância oposicionista; é confundir expressiva vitória com expressiva derrota pois, como se sabe, a maioria dos latistas, no último pleito votaram contra o seu nome, em suma, as oposições reunidas mostraram, desde aquela época, o seu descontentamento com a política situacionista do late; é não saber agradecer os elogios e repelir as críticas fundamentadas e, acima de tudo, não acatar, como é da sua responsabilidade, o Estatuto Social.

Quanto a minha dignidade, aí sim, sempre me deixou numa posição de coerência e, portanto, nada conseguirei calar-me sempre que for necessário o meu grito de alerta contra quaisquer desmandos, principalmente, aos que disserem respeito ao Estatuto Social, Lei maior da sociedade. Jamais me acordarei ante a força do poder e nunca deixarei sem resposta os agravos recebidos por defender os meus ideais.

Confesso o pesar pela perda desses três grandes e leais amigos e companheiros, mas, ao mesmo tempo, me sinto eufórico pelos novos companheiros que se solidarizaram comigo em virtude dos seus pronunciamentos. O abandono do barco em meio as tempestades é um fato normal e rotineiro como normal e rotineiro é o surgimento de novos timoneiros a se incorporarem a nossa tripulação, pois, transcrevendo Theodor Roosevelt "É melhor arriar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glória, mesmo expondo-se a derrota, do que formar fila com os pobres de espírito que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota".

(Célio Maroja Di Pace)

Karine Bolsas



O complemento indispensável da mulher elegante, numa infinidade de bonitos modelos, um para cada ocasião

Praca 1817, Nº 35-B Fone: 063(221-5746) JOÃO PESSOA - PB

farmácia PADRÃO ZÉ



UMA ORGANIZAÇÃO JOSÉLIO PAULO NETO AGORA TAMBÉM EM TAMBÁU

Rua Carlos Alverga, 23 - Fone: 226-1138

MOVELARIA VALONES

BOM GOSTO E MELHORES PREÇOS MÓVEIS E ELETRODOMÉSTICOS

salas, estufados, dormitórios, estantes MODERNAS E VERSÁTEIS armários copa-cozinha TUDO PELO MENOR PREÇO DA PRAÇA

MOVELARIA VALONES A SUA MOVELARIA rua 13 de maio 198-centro FONE 221-3712

MOVELARIA PERNAMBUCANA
Uma Loja Com Personalidade

MATRIZ: Praça Pedro Américo, 71 - Fones: 221-4575 e 1031

FILIAIS:

- Loja II - Rua Cardoso Vieira, 123 - Fone 221-4488
- Loja III - Rua Duque de Caxias, 298 - Fone 221-5205
- Loja IV - Rua Duque de Caxias, 275 - Fones 221-4770 e 4068
- Loja V - Av. Epitácio Pessoa, 3001 - Fones 224-6381 e 5224
- DEPÓSITO
- Loja VI - R. João Luiz Ribeiro de Moraes, 266 Fone 221-6840
- Loja VII - Parque Solon de Lucena, 263 - Fone 221-2961

OS CÍRCULOS OPERÁRIOS E A TEOLOGIA DO PASSADO

• PEDRO GOMES

A vanguarda, alternativa para os círculos operários

Nascidos na década de 30, no Rio Grande do Sul, sob inspiração do padre Brentano e com base na encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, os círculos operários católicos se expandiram muito por todo o país, atingindo uma fase áurea e decaído depois. Como analisar essa decadência de uma instituição que atualmente possui registrados de setecentos a um milhão de associados no país, e apesar desse número significativo, se mantém na retaguarda dos movimentos sociais, quietista, conservadora e bastante inútil?

Fala-se em movimento circunscrito, mas o circunscrito aparentemente não se move, sendo, em lugar de um verdadeiro movimento apenas uma instituição. É um organismo pesado e de metabolismo lento, por assim dizer hibernante. Em 1967, aparentemente para dar-lhe maior abertura e adaptação a novos tempos, um congresso nacional circunscrito decidiu trocar-lhe o nome de círculo operário para círculo dos trabalhadores cristãos, talvez um débil reflexo no Brasil do espírito ecumenista do Papa João XXIII. Mas o nome não pegou muito e os CTCs, dessa forma chamados, não são conhecidos do povo em geral que continua a denominá-los círculos operários, mesmo entre seus afiliados.

Qual foi o papel destinado aos círculos operários na evolução da história social deste país? Certamente, não foi coisa muito lisonjeira - vejamos. No começo

do século, nas três primeiras décadas, assistiu-se a uma paulatina e dinâmica ascensão das classes proletárias, paralelamente ao florescimento da indústria urbana, à criação de sindicatos fortes e desatrelados do comando estatal, cuja direção foi aos poucos passando das mãos dos anarquistas para os comunistas, inspirados estes no princípio marxista da luta organizada de classes. Em 30, nós sabemos que houve o movimento político-militar que levou ao poder Getúlio Vargas, mercê de um carisma pessoal indiscutível. Sabemos o que aconteceu no período de 15 anos seguintes, com os trabalhadores sufocados na sua liberdade de organização própria pela legislação de modelo mussolinista então instalada, que antes de tudo atrelava os sindicatos ao governo, através do ministério do trabalho, criando em troca concessões paliativas, como o salário mínimo e outras. Mesmo célebre pelo duro período do Estado Novo (1937-45), o carisma populista de Vargas conseguiu manhosamente cativar uma parcela numerosa das massas populares, que levou o ex-ditador ao poder em 50, constitucionalmente, pelo voto direto.

Ao mesmo tempo que os verdadeiros movimentos populares sofriam a reação militar ou legal dos interesses da aristocracia, também a Igreja do passado, visceralmente aliada às oligarquias econômicas, movia uma ampla campanha reacionária sobre sua numerosa massa de fiéis. O nome comunista ou



marxista foi introduzido em mentalidades simplórias com uma conotação pejorativa, com significado de diabólico, como sendo um veneno social temível. Para isso, concomitantemente, não deixou de influir, à guisa de pretexto, a onda de expurgos e repressão da fase estaliniana na União Soviética, usada pelos padres como exemplo da pretendida injustiça humana e social do regime socialista.

Aí, justamente, surgia o espaço para a moderada doutrina social da Igreja, a da *Rerum Novarum*: esperar que as classes exploradoras concedessem um percentual menos ínfimo de seus vultosos lucros para minorar o sofrimento social da pobreza trabalhadora, media te refor-

mas legislativas. Justamente aí, nessa conjuntura e para ela, o circunscrito foi criado. Foi criado e aí permaneceu quase sempre. Serviu para atenuar a força das lutas dos trabalhadores, guindando suas mentes ao sonho de ir ao céu depois da morte e vacinando-as contra o vírus da rebelião, com fitas marianas, broches e colóquios dominicais.

A teologia tem uma função política, por mais que os pastores da religião a declarem apolítica. A teologia de outrora, ainda presente na maioria das mentalidades religiosas, conduzia o homem à aceitação passiva da "vontade de Deus" que, em última análise, termina sendo a vontade dos ricos e poderosos. Com a existência atual da teolo-

gia da libertação, da opção pelos pobres, do poder organizativo dos leigos através das comunidades de base, das novas linhas pastorais enfim, uma nova Igreja se redime das faltas cometidas no passado, ocupando um lugar de vanguarda na evolução da sociedade.

Os círculos operários estão aí diante de uma opção a que não podem fugir: ou vão mais para a vanguarda também, participando da luta dos trabalhadores por melhores condições humanas e ajudando-os em adquirir melhor consciência de classe, ou continuarão um fóssil inútil. Ou assumem outra visão teológica ou serão - sabe Deus até quando um cadáver sem ressureição.

LETRAS

Guia Semanal de Leitura

CARLOS ROMERO

A depressão é imprevisível como o câncer

Quem estiver interessado em assunto de depressão, está aí esse livro de Wina Sturgeon - *Como vencer a Depressão*, lançado pela Editora Francisco Alves.

A obra integra a Coleção Bem Viver. Ao que informa a autora, "esse livro é o resultado de mais de dez anos de pesquisa sobre um dos mais espreitados e insidiosos males que afligiram nossa espécie. Ele descreve o que é a depressão e como é tratada. Fornece métodos construtivos que podem ser usados na prevenção dos ataques depressivos".

Informa Wina Sturgeon que alguns médicos especialistas estimam que cerca de 80 por cento da população dos EUA sofrem de graus variados de depressão".

Um dos sintomas da depressão, explica a autora, é o relaxamento que toma conta do paciente. "O deprimido não terá a energia ou concentração e capacidade de decisão para tomar um banho, banhoear-se ou mesmo trocar de roupa".

Por fim conclui: "a doença é imprevisível, como o câncer".

Maria Julieta Drummond de Andrade

UM BUQUÊ DE ALCACHOFRAS

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

A Expansão Ideológica dos EUA na América Latina

Doutrinas, Formas e Métodos da Propaganda dos EUA

K. A. Katchaturov

ENTRADAS & BANDEIRAS

FERNANDO GABEIRA

LIVROS DE JUAREZ NAS LIVRARIAS

Uma ótima oportunidade surge aos estudiosos da literatura: estão à venda nas livrarias da cidade algumas obras do escritor, Juarez Bastista.

São estudos críticos sobre temas de alto nível cultural, escritos por mão de mestre.

Mestre no estilo e no saber, como é o caso de Juarez, cuja ausência provocou, sem dúvida, um grande desfalque em nossos meios culturais e universitários.

Mutações - Liv. Ulliman - Nórdica, 11- *A segunda dama* - Irving Wallace-Record, 12- *A Mansão Hollow* - Agatha Christie- Nova Fronteira.

Correspondência - Carlos Romero - Av. N. S. dos Navegantes - 792-Tambá - João Pessoa - Paraíba - Telefone: 226.061.

NOVIDADES DAS LIVRARIAS

Rádio Nacional - A Editora Pax e Terra está lançando o livro *Por Trás das Ondas da Rádio Nacional*, de Miriam Goldfeder. O objetivo da autora foi "proceder à análise ideológica da produção radiofônica de maior penetração no Brasil nos anos 50 ligada à Rádio Nacional do Rio de Janeiro, buscando seu significado político-ideológico. Trata-se de tese de mestrado.

A Cidade do Salvador 1549 - De Edison Carneiro, a Civilização Brasileira colocou nas vitrinas das livrarias *A Cidade do Salvador 1549* - A Conquista da Amazônia. Dois livros de há muito es-

gotados. Trata-se de dois estudos sobre a fundação e desenvolvimento da primeira capital brasileira e sobre a complexa realidade física e humana da última grande reserva natural do mundo.

Entradas & Bandeiras - Este livro de Fernando Gabeira entra nas vitrinas das livrarias na 5ª edição. É o best-seller do momento, liderando as listas dos mais vendidos. Trata-se de uma expedição muito especial. O autor adverte no prólogo da obra que "a maioria dos nomes deste livro foi deliberadamente alterada para evitar incômodos às pessoas". É um lançamento da Codex.

Portinari Menino - O título da obra é *Antônio Portinari Portinari Menino* - Lançamento da José Olympio. O livro fala sobre os primeiros anos de vida no Brasil da família Portinari, da sua família que teria tantos descendentes e que, vinda da Itália, daria a este país de adoção o maior pintor brasileiro".

O Que é Socialismo, Hoje - Lançamento de Vozes. Este livro de Paul Singer debate o tema do socialismo no mundo. O autor é formado em Economia pela USP, doutor e livre-docente pela mesma Universidade.

Antenor Navarro

Vista gritou para os companheiros: "Este é o momento vital das suas aspirações.", ao que respondeu: "vamos embora".

Dir-se-ia que, já naquele tempo, a Paraíba tinha pressa.

Esse e outros episódios da atuação revolucionária de Antenor Navarro narra Domingos em sua alentada plaquete, editada pela Secretaria de Educação.

Acontece que aquele soldado de trinta era acima de tudo um esteta. Sua vocação mesmo era para as artes. Tanto é assim que foi crítico musical d'A União.

E Domingos enfatiza esse aspecto quando es-

creve: "A política não constituiu o centro vital das suas aspirações."

E Domingos enfatiza esse aspecto quando escreve: "A política não constituiu o centro vital das suas aspirações."

Por fim conclui o autor: "Em Antenor Navarro não encontramos apenas o intelectual, o idealista, o jornalista, o político, o engenheiro, o administrador, mas a excelência do caráter".

Esse estudo de Domingos Ribeiro é homenagem das mais significativas que se presta a um dos grandes personagens de nossa história.

Estante Jurídica

Curso de Direito Civil

Do professor José Lopes de Oliveira, da Universidade Federal de Pernambuco, a Editora Sugestões Literárias está lançando *Direito das Coisas e Direito de Família*, em dois bonitos volumes, integrando o *Curso de Direito Civil*.

As obras em foco se impõem pela racional distribuição da matéria e espírito didático.

O autor, professor de longa vivência na cátedra, além de expert no assunto, escreve com simplicidade e objetividade.

TRATADO GERAL DA DESAPROPRIAÇÃO	TRATADO GERAL DA DESAPROPRIAÇÃO
1 FASE ADMINISTRATIVA DA DESAPROPRIAÇÃO	2 FASE JUDICIAL DA DESAPROPRIAÇÃO
JOSÉ CRETELLA JÚNIOR	JOSÉ CRETELLA JÚNIOR

Tratado Geral da Desapropriação

Este é um lançamento da Forense. A matéria está distribuída em dois volumes. O autor é o renomado mestre José Cretella Júnior.

O método empregado pelo autor é simples e direto; considerações doutrinárias, selecionada e moderna jurisprudência sobre o título estudado e, por fim, o referendo do direito positivo, analisado *verbum ad verbum*.

Tristes e alegres incestos

Renio Assis de Araújo

Ou: na órbita da Lua. Incestos - a palavra pesa acima da página, verga com a evocação do interdito as paredes seguras do domingo; criar ou justificar títulos pode ser maçante e difícil, luta vã com as palavras. Imaginemos a folha, este espaço em branco, e comecemos a partir do título e daquilo que se pode alinhar em torno, um vôo sobre o ninho da cuca: tristes e alegres incestos; um homem do povo engravida a própria filha em Patos, é completamente alijado da comunidade, e preso; *La Luna*, um sofisticado filme sobre o incesto, fábula freudiana; uma pesquisadora publica anúncio classificado buscando, sob garantia de sigilo, depoimentos sobre incesto. Interdição, desejo, psicanálise, confissão: *fiat lux*.

Esse cruzamento de informações sobre o incesto, informações percebidas num período relativamente curto de tempo, mérito talvez de uma quase agonizante abertura, põe o dedo na mais aberta ferida da família: a mãe que ainda sangra do parto e o filho adulto perturbado pelo calor irrecuperável do útero. Considerado como marco inicial, condição necessária da civilização, interdito do incesto, concebido em princípio nas alianças entre clãs forçados a exogamia por imperativos de subsistência, sofre, com o passar do tempo, a influência de diversas situações conjunturais em diversas sociedades, sem que jamais sua presença tenha sido completamente afastada.

O drama de Édipo e o incesto dos fatos: as diferentes necessidades políticas, na esfera da sexualidade, sempre condicionaram certa elasticidade ao interdito. Na Europa medieval, era crime, pecado impensável e sempre presente nos locais afastados; havia uma folga entre os mecanismos de desejo e repressão. Em *A Vontade de Saber*, Michel Foucault repara na intensificação, a partir do século XVI, de um esquadramento social que começa com a confissão dos pecados e termina na psicanálise, configurando um controle social que não se erige somente na repressão, mas na constituição de um discurso de saber. É esse mesmo esquadramento que, a partir do século XVIII, começa a caça legal aos incestuosos.

Caça empreendida pela burguesia ascendente que passa, a partir deste momento, a estender ao resto do corpo social, às classes mais pobres, a continência a esse discurso de saber; saber médico, jurídico, político, que vinha se conformando desde há dois séculos. Entretanto, no momento em que a família burguesa impõe sua moral, enquadrando não somente o incesto, mas todos os demais "desvios sexuais"; nesse momento em que é mais fortalecida a sua concepção de família, eis que o fantasma do desejo incestuoso se instala fortemente no seio da pacata família, alimentado pela intensificação dos laços, da proximidade corporal entre pais e filhos: resultado da atuação do que Foucault chama de "dispositivo de sexualidade".

É talvez quando essa incitação ao proibido, à violação do interdito: *amarás teu pai*, entra em choque com o enunciado da proibição: *mas não serás seu amante*, tornando-se crescentemente insuportável, que irrompe a psicanálise, permitindo ao menos a enunciação do desejo. A culpa de Édipo seria então uma culpa burguesa? Sem dúvida, não somente: a burguesia talvez se sinta mais culpada. Mas a incitação ao incesto não passa somente de forma subterrânea à moral: Humberto Eco cita, em *Mentiras Que Parecem Verdades*, um edificante poema infantil em que *cinco irmãos/ o pai e a mãe/ Dormem juntos como passarinhos/ Tão felizes que só Deus sabe*. Título de Eco: *O Alegre Incesto*. Justos os títulos, meu e dele.

Na órbita da Lua: em *La Luna*, descontados os (grandes) méritos cinematográficos de Bertolucci, prosseguem tradições: uma positiva, ainda que eventualmente de controle, de cada vez mais explícito discurso do sexo; e outra de repressão, enunciada pela patologização do incesto, traduzida na caracterização dos filhos como um viciado em heroína, ladrão, etc. A lição do filme é a da psicanálise ortodoxa, de almanaque: com o surgimento do pai, o *pênis orientador* de Lacan, o conflito se resolve. O pai (ironia?) também ama a sua (dele) mãe. No incesto, como na pedofilia, desde que não haja coação ou violência, o mais traumatizante parece ser a intolerância da sociedade. Por que escurecer mais ainda tão negro poço das delícias?



COMO CONSERVAR A VIRGINDADE

O título, minhas distintas e meus distintos, é somente pra chamar atenção. Mas eu num quero dizer absolutamente nada. Tenho apenas que escrever esse barato, recebo em dólar para isso e portanto vocês têm que me aturar. Mais uma semana se passou, como sempre. Animada pacas! Isso, no momento. Depois, muito nego que ninguém espera vai dar a volta por cima. Tou sabendo.

Olhe pro relógio. Acrescente mais duas horas e terá a hora exata nesse momento no Uruguai!! Mas isso num tem nada a ver. O que eu queria falar mesmo era outra coisa. Mas num posso. E agora que vou em nove linhas. Que vida, God! Mas, falando sobre o título, pra que conservar a virgindade? Cartas para a redação. Quem der a resposta mais original, ganhará exatamente isso que você está pensando.

Falando de futebol: tanto fizeram, tanto futricaram, que terminaram classificando o Brasil pra ir fazer vergonha na Espanha. Botaram dois timezinhos de pelada pra disputar as eliminatórias, e terminaram classificando o bicho, que, afinal de contas ainda é atração. Ainda, eu disse. Qualquer dia desses deixa de ser, e de título ficaremos apenas com o de país subdesenvolvido.

Meu analista vai bem. Cada dia querem saber mais coisa sobre minha vida, eu cada vez contando mais, e ele só sorrindo, só sorrindo, aquele sorriso maquiavélico que os analistas costumam ter. Meu calista esta semana me tirou dois calos. Onde, eu não digo que eu num sou doido! Meu dentista me obteve um dente. Na boca, claro...

Bom... Lá se vão, 1, 2, 3, 4, 18 linhas. Tá pertinho de acabar. De que é que eu falo agora? Do Carnaval? Que quê isso, madame? A senhora tá pensando que isso aqui é alguma hora da saudade? Do pessoal que me fez trabalhar e num quer pagar? Não... Deixa que a "justa" bota eles tudim em cana! Do preço dos alimentos? Mas se eu tou de regime! Qual regime, perguntarão os senhores? E eu responderei: *sei lá*, dando com essa magnífica resposta mais uma prova de minha erudição. Bom. Dever cumprido. Divirtam-se com o Brasil empatando com a Venezuela...

DEU NO JORNAL:



Se for o que estou pensando é melhor não fazer não...

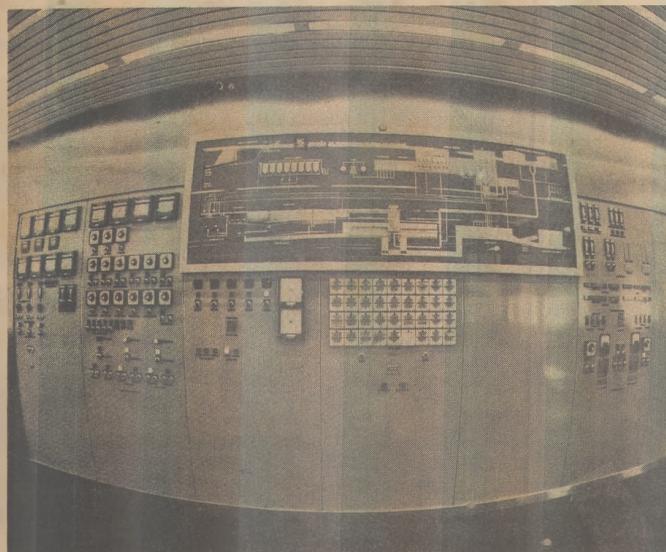
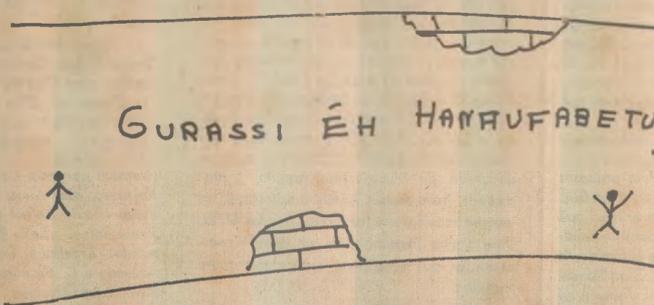
POEMA DA TV (VI)

Vejo novelas,
o jornal
e até "O Bem Amado"
e, (cá pra nós)
acho tudo
muito mal copiado.

ERRATA

No nosso número anterior, onde se lia, "os tapuias se constituíram num elo de ligação entre os povos civilizados e incivilizados", leia-se: "nossa programação para si está toda *chupada* de musicais norte-americanos. Foi para isso que Boni passou dois meses nos EEUU. Blim. blim!"

TAVA ESCRITO NO MURO:



Sofisticado equipamento de gravação usado por pessoas que não têm tempo de ir ao dicionário verificar o significado da palavra "escrúpulos"



Carinha manjado, derrubando o trabalho feito por outros. E a "tenebrosa" de olho nele...

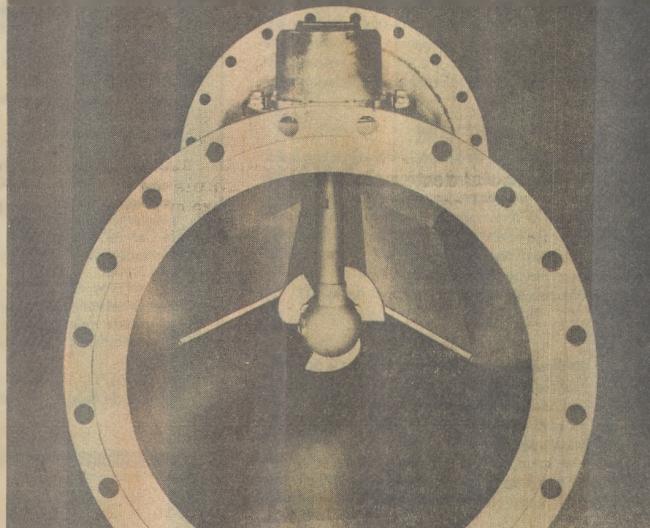
NUNCA PENSEI!!!

Gerson, amizadinhas, Gerson, o "carnotinho de ouro", o gênio de 70 na Copa do Tri, aparece muito calmamente nos vídeos tupiniquins e diz como se fosse grande coisa: "Por 40 mil, quem não troca?" Eu, hein? E como eu disse semana passada. Num tem mais maxu nesse país. Nunca pensei! Podem crer! Nem por 400!

FIM DO 138

Vi e soube pela que o Disqueamizade, o famoso 138 da Telpa, vai se acabar porque o palavrão e as conversas imorais estão correndo frouxo, como diria São Cristóvão. Isso é sa(**)nagem! Por causa de um felas da p(**)a mal educados, e sa(**)nas, a gente que num diz palavrão fica prejudicado! P.Q.P!

Medir grandes volumes de água é com o Liceu.



Tá! Essa pra mim é novidade! Mas qualquer galho podem ir lá. Na Rua Getúlio Vargas. Leve sua aguinha pra medir...

CARTAS DA SEMANA

Anco Márcio - Estou com um problema sério. Há vários meses que comprei um querequechel, e verifiquei que tudo estava na mais perfeita ordem. Usei o limunete, a barauita, o aluvião, e tudo em ordem. Agora, passados apenas três meses tudo está defeituoso. Que fazer? MARIETA GOMES/RIO
RESPOSTA - Primeiro, mande dizer o que danado a senhora quer dizer com esse palavreado todo, que depois a gente conversa, tá?

Anquim: Muitas vezes me passa uma coisa esquisita pela cabeça. Uma sensação assim de branco, uma sensação de loucura total. Depois tudo desaparece tão misteriosamente como veio. Estou danado da vida. Que Será? HILTON LUIZ/GO
RESPOSTA - Sei não... Mas assim pela descrição me parece caspa. Tente uma nova carta, mais explícita.

Meu amado - Não resisto a tentação de lhe escrever mais uma vez. O que danado eu faço para lhe esquecer? Já tentei por todos os meios, mas simplesmente não consigo. Aconselhe-me. O ídolo meu! VERA FISCHER/RJ
RESPOSTA - Já tentou tomar Esquecil, Dona Vera? A venda nas boas casas do ramo.

Anco Márcio de Miranda Tavares - Tudo bem? MÁRIO GOMES/RJ
RESPOSTA - Assim, assim...

M'ANCADAS

As bonecas do mundo inteiro estão satisfeitas porque o nome do papa é Carol.

Cemitério Parque é o seguinte: aos domingos você pode levar seus defuntinhos preferidos para andar de carrossel.

Vejam como a natureza é interessante: depois dos cinquenta, cresce a barriga dos homens e a das mulheres para de crescer!

Tem gente que em lugar de botar cadeado no telefone, deveria botar era na boca!

Enganava o marido com o padeiro. Mas só na conta do pão...

Ser mão pobre, é desdobrar fibra por fibra o carnê do INPS

Estão nos dando democracia em doses cavalares!

Inventaram de anunciar a eleição do presidente com fumaça, e quase pega fogo no Congresso!

PENSAMENTO DA SEMANA

Agora, camaradinhas, depois de quase 37 anos de idade foi que eu vim a descobrir o significado exato de "fita simbólica"

HORÓSCOPO

MAX KLIM

ÁRIES

21 de março a 20 de abril - Para o ariano, esta semana se mostrará contraditoriamente posicionada, com um difícil início mas com recompensadores momentos ao seu final, quando as condições astrológicas se farão sentir de forma bastante acentuadas. Evite problemas em seu ambiente de trabalho até quarta-feira. Momento muito favorável em termos financeiros. Bons aspectos em relação à família. Clima de ternura no amor. Saúde regular. Favorecidos os profissionais militares.

TOURO

21 de abril a 20 de maio - Nos próximos dias, você viverá momentos de neutras indicações em um quadro astrológico sem maiores alterações, exceto no sábado, quando não se recomenda o trato com pessoas do sexo oposto. Procure motivar seu ambiente de trabalho em busca de bons resultados em termos profissionais. Aspectos de tranquila convivência doméstica em momento aconselhado para o amor. Saúde regular. Clima de excepcional favorabilidade para advogados e profissionais ligados à Justiça.

GÊMEOS

21 de maio a 20 de junho - O geminiano terá agora uma semana marcada pela regência de Mercúrio que o favorecerá grandemente na assinatura de contratos, no comércio, mormente se próprio, nas viagens e mudanças de residência. Com tal quadro astrológico, você conhecerá dias de bom desenvolvimento de questões domésticas e afetivas e poderá ampliar sensivelmente seu círculo de amizades.

CÂNCER

21 de junho a 21 de julho - Com uma certa cautela ao final da semana, o canceriano terá momentos muito propícios no correr dos próximos dias onde podem se verificar alguns acontecimentos inesperados ligados à sua profissão ou negócio, positivamente dispostos de terça a quinta-feira. Momento de dificuldade no relacionamento pessoal com reflexos sobre seu comportamento doméstico.

LEÃO

22 de julho a 22 de agosto - Nesta semana, dois dias estarão favoravelmente destacados para o leonino, com especial enfoque para suas atividades profissionais ou para a busca de novo emprego ou função: a segunda e a terça-feira. Clima de boa influência do Sol. Cautela nos demais dias em relação ao trato pessoal. Você se mostrará intransigente e intolerante. Aspectos de certa intranquilidade doméstica e sentimental. Saúde boa. Beneficiados os publicitários e profissionais de relações públicas.

VIRGEM

23 de agosto a 22 de setembro - Com um início e um fim de semana predominantemente positivos, o virgínio deverá empreender um programa de dinamismo e bastante atividade para moldar positivamente os demais dias, de neutras indicações. Clima muito favorável para seus negócios e finanças. Notícias agradáveis e visitas de parentes. Clima de harmonia para o amor. Neutros aspectos em relação à sua saúde.

LIBRA

23 de setembro a 22 de outubro - Os bons momentos desta semana somente se alterarão ao seu final quando a oposição da Lua se fará sentir com certa intensidade. Busque dispor favoravelmente de sua criatividade e dedicação no trato profissional. Conte com apoio e ajuda de pessoas que lhe sejam afetivamente próximas e parentes. Clima de dependência e carência afetiva. Momento de boas indicações para sua saúde.

ESCORPIÃO

23 de outubro a 21 de novembro - Uma conjunção do Sol e Marte, agravada pela sua ocorrência em Áries, lhe traz, no início desta semana, certa desfavorabilidade para a condução de assuntos de natureza profissional e, acentuadamente, para a busca de novas ocupações ou funções. Clima de boa vivência pessoal e doméstica. Indiferença e alheamento no amor. Saúde boa. Procure consolidá-la com exercício mais frequentes. Favorecidos os empregados em atividades ligadas à água.

SAGITÁRIO

22 de novembro a 21 de dezembro - Não há, para toda a semana, indicações astrológicas de maior peso para o sagitariano que a viverá dentro daquilo que seu comportamento determinar. Esse quadro o favorece para moldar os próximos dias de acordo com seu interesse e vontade. Evite mostrar-se egoísta ou retratado no trato doméstico. Clima de indicações relativamente positivas para o trato amoroso. Saúde em momento muito positivo. Vitalidade. Favorecidos os profissionais de beleza e moda.

CAPRICÓRNIO

22 de dezembro a 20 de janeiro - O capricorniano terá, hoje e amanhã, um momento contra-indicado para a condução de assuntos ligados a terras, imóveis e agricultura, com influência negativa de Saturno que contraria a disposição dos demais dias do período. Você poderá encontrar muita disposição profissional. Alegria nos palcos familiar e afetivo. Realização sentimental. Quadro de favorabilidade para sua saúde.

AQUÁRIO

21 de janeiro a 19 de fevereiro - Uma influência notável de Urano que o predispõe de maneira muito positiva para a criação de novas empresas e associações com finalidade comercial ou industrial, marcará sua semana, principalmente após quinta-feira. Plano de favorabilidade profissional e pessoal. Receptividade em termos domésticos. Clima de entendimento e fascínio com pessoas do sexo oposto. Saúde em dias de certa regularidade. Bom posicionados os profissionais de esporte ou atividades a ele ligadas.

PEIXES

20 de fevereiro a 20 de março - Os próximos dias lhe reservam, mormente na sexta-feira, grande favorabilidade para a assinatura de contratos e papéis de importância futura. Influência benéfica de Mercúrio e Netuno mostram bem os positivos momentos destes dias. Clima de êxito envolve seu trabalho e os contatos pessoais e em família. Clima de inextinguível confiança para o amor. Sucesso com o sexo oposto. Saúde boa. Disposição muito favorável para os profissionais de indústria.

Ruim
*** Regular
** Bom
**** Ótimo
***** Excelente

O QUE HÁ DE NOVO

NO CINEMA

BONITINHA, MAS ORDINÁRIA, OU OTTO LARA RESENDE (****) - Produção brasileira. Direção de Braz Chediak. Um rapaz de Minas é convidado a casar com a jovem filha de um milionário. Depois descobre que o autor do convite é amante da moça. Baseado na peça homônima de Nelson Rodrigues. Estrelado por Lucélia Santos, José Wilker, Vera Fischer e o paraibano Sávio Rolim. A cores. 18 anos. No Municipal. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

UM HOMEM DE ALUGUEL - Produção italiana. Direção de Claudio Molini. O filme narra a história de um homem que interpreta shows sexuais nas boates de Copenhague, aluga-se a casais em busca de novas aventuras e é amante de uma fotógrafa. Depois apaixonou-se pela enteada de sua amante. Com Lili Carati e Mircha Carvem. A cores. 18 anos. No Tambau. 18h30m e 20h30m.

PRISIONEIRA DO SEXO NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO NAZISTA - A cores. 18 anos. No Plaza. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

O SOLITÁRIO DRAGÃO SHAO LIN - Produção dos estúdios de Hong Kong sobre as artes marciais chinesas. A cores. 18 anos. No Rex. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30.

NA TV

GLOBO RURAL - O Globo Rural focaliza a região tradicional do plantio da uva, explorada pelos descendentes de Caxias, Bento Gonçalves, Garibaldi e Flores da Cunha. No sul mineiro, uma reportagem sobre o combate ecológico contra a cigarra, que está invadindo plantações de café. O programa ainda mostra uma raridade de cenoura, própria para o verão. Na seção de cartas: doenças de frangos, cavalos e a praga da goiaba. No Canal 10. 09h00m.

CONCERTOS PARA A JUVENTUDE (*****) - Programa dedicado a autores e músicos brasileiros. Os números: Alma Brasileira, Villa-Lobos, com o pianista José Carlos Cocarelli; Estudo nº 4, Villa-Lobos, com o violonista Oldair Assad; Valsa de Esquina, Francisco Mignone, com o autor ao piano; Saudades das Selvas Brasileiras/Festa no Sertão, Villa-Lobos, com o pianista Miguel Proença; Dança Negra, Camargo Guarnieri, por J. C. Cocarelli; Rudepoema, Villa-Lobos, com o pianista Robert Sridon. Narração e apresentação de Roberto Faissal. No Canal 10. 10h00m.

GRANDE PRÊMIO DO BRASIL - FÓRMULA 1 - Após a abertura será apresentada uma visão geral do Autódromo do Rio de Janeiro, feita por uma câmara colocada num helicóptero e que continuará a trabalhar durante toda a prova. Antes da largada do GP Brasil Fórmula 1 haverá atrações como um piloto inglês pulando de motocicleta sobre vários carros e obstáculos. Reportagens esportivas de Ricardo Menezes e Roberto Cabrini. Comentários de Reginaldo Leme. Narração de Luciano do Valle. No Canal 10. 12h30m.

QUEM É QUEM - Apresentação dos destaques de cada equipe da última partida disputada pelo Brasil (já classificado) na fase eliminatória da Copa 82. No Canal 10. 16h45m.

BRASIL X VENEZUELA - A última partida da Seleção Brasileira antes de sua ex-

curso à Europa, válida pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 82, encontra o time brasileiro já classificado para Espanha. Transmissão direta do Estádio Serra Dourada, em Goiás, No Canal 10. 17h00m.

OS TRAPALHOES - Num dos quadros de hoje, na portaria de um canteiro de obras do metrô, Didi entra reclamando de tudo. O que ele não contava era com a aparição - tipo Shazan - de um personagem, o Capitão Metrô (Muçum). No Canal 10. 19h00m.

FANTÁSTICO - O repórter Odilon Coutinho mostra uma menina santa, que vive cercada por jagunços que cobram pedágio das pessoas que queiram vê-la, no Sul do Brasil. E um dos novos nomes da música popular na Europa, Miguel Bosé, canta um número especial; ele é filho do toureiro Dominguin e da atriz Lúcia Bosé. Mas, o mais esperado no Fantástico de hoje é a divulgação da lista das 60 músicas classificadas para o MPB-Shell-81 - Festival da Nova Música Popular Brasileira. A seleção foi realizada entre 60 mil músicas inscritas, recebidas de todas as regiões do país e até mesmo do Paraguai, Uruguai, Bolívia e Portugal.

O HOMEM QUE QUERIA SER REI (****) - O filme O Homem que Queria ser Rei começa com o encontro do jovem jornalista Rudyard Kipling com dois soldados ingleses em ação na Índia, Daniel Dravot e Peachy Carneham, que contam a Kipling seu desejo de fazerem fortuna no primitivo Kafiristão. A partir daí, o diretor americano John Huston narra, com seu estilo vigoroso, as aventuras e a amizade dos dois soldados, interpretados por Sean Connery e Michael Caine, narradas no livro homônimo do famoso inglês Kipling, vivido por Christopher Plummer. As interpretações dos atores, principalmente Connery e Caine, são alguns dos grandes triunfos deste espetáculo ágil, bonito e envolvente. Produzido nos Estados Unidos, em 1975, por John Foreman, O Homem que Queria ser Rei tem música composta e dirigida por Maurice Jarre. A cores. No Canal 10. 22h15m.

O PREÇO DO ANO - Produção inglesa de 1970, com direção de Eric Tyll. Uma jovem (Samantha Eggar) paraplégica descobre que seu namorado, um artista pobre (David Hemmings), planeja assaltar a galeria de artes onde ela trabalha. A cores. No Canal 10. 00h15m.

Amanhã

HOJE - Este telejornal conta agora com a valorização do repórter e novos cenários, permitindo maior movimentação de câmeras e, consequentemente, descontraindo a apresentação. No Canal 10. 13h15m.

O FALCÃO DOS MARES (****) - Produção americana de 1951, com direção de Raoul Walsh. As aventuras e romances do capitão Horatio Hornblower (Gregory Peck) e suas lutas nos mares durante a época das guerras napoleônicas. Também no elenco, Virginia Mayo e Robert Beatty. A cores. No Canal 10. 14h30m.

VIVA O GORDO - Sérgio Britto e Heloísa Mafalda (convitados especiais de Jô Soares) vivem um quadro intitulado O Recordista. Só que ele, o marido, é um recordista original e muito diferente. No Canal 10. 21h10m.

GLOBO REVISTA - Sem blocos fixos ou um tempo determinado de duração, a flexibilidade é exatamente a característica básica do programa semanal Globo Revista, com



Henry Fonda recebe o "Oscar"

estrear amanhã. Numa definição bastante condensada do programa, ele apresenta duas colunas de sustentação: o debate de assuntos de interesse nacional e as entrevistas. Direção de Armando Nogueira. Edição de Fábio Perez e Ronan Soares. Apresentação de Enio Pece. Participações de Marco Antonio Rocha (economia), José Augusto Ribeiro (política), Paulo Francis (política internacional), Gérson (esporte), Teresa Cristina Rodrigues e Maria Cristina Pinheiro (reportagem geral). No Canal 10. 23h20m.

OSCAR - A cerimônia de entrega dos Oscars referentes aos melhores filmes exibidos nos Estados Unidos em 1980 (os mais fortes candidatos são O Homem-Elefante, de David Lynch, O Touro Indomável, de Martin Scorsese, e Gente Como a Gente, de Robert Redford). Haverá também uma reportagem especial sobre os concorrentes aos Oscars, e as possibilidades de cada um serão analisadas pelo crítico cinematográfico Rubens Ewald Filho e o repórter Hélio Costa. Um dos momentos mais importantes da noite deverá ser a entrega a Henry Fonda do Prêmio Especial da Academia. O mestre de cerimônias será Johnny Carson. Participações do bailarino Mikhail Baryshnikov, do tenor Luciano Pavarotti, de Richard Pryor e dos vencedores do Oscar do ano passado, Dustin Hoffman e Sally Field. Diretamente de Los Angeles. No Canal 10. 24h00m.

EM DISCOS

ATAULFO ALVES JR. - Compacto simples puxado por A Bela da Tarde, música de Sérgio Cabral e Rildo Hora. É uma canção que está no segundo lugar na parada dos motéis do Rio e São Paulo. Isto pode ser explicado pela letra, que fala sobre um executivo que só encontra prazer à tarde, quando abandona seu trabalho burocrático para curtir suas aventuras amorosas. Lançamento Atlantic.

MAKING MOVIES, Dire Straits - O novo trabalho do grupo Dire Straits é um LP que prende desde sua primeira audição numa viagem por um cenário de colagens variadas, cujo tema principal é a guitarra e o vocal de Mark Knopfler. O Dire Straits neste disco também utiliza pessoas de fora, inclusive Roy Bittan, o tecladista do cantor e compositor Bruce Springsteen. Lançamento Polygram.

ASAS DA AMÉRICA Nº 2

Ao produzir o disco Asas da América, a idéia do produtor e compositor Carlos Fernando era chamar atenção das pessoas para o frevo, que considera uma das mais ricas manifestações culturais da música brasileira. Um disco impregnado, do começo ao fim, do ritmo quente e contagiante que faz pulsar o coração de Recife durante o ano inteiro, seja ou não Carnaval. Seu objetivo era alargar as fronteiras pernambucanas do frevo e fazê-lo se alastrar pelos quatro cantos do país, sem que os ouvintes tivessem a preocupação de olhar no calendário para ver em que mês estavam.

E ele conseguiu. Asas da América teve uma trajetória brilhante durante todo o ano de 1980. Lançado em janeiro, sua proposta não era apenas carnavalesca e isto ficou bem entendido, principalmente pela crítica, que distribuiu seus elogios ao disco durante os vários meses do ano. Intérpretes da categoria de Alceu Valença, Caetano Veloso, Elba Ramalho, Chico Buarque, Gilberto Gil, Jackson do Pandeiro e Geraldo Azevedo, entre outros, atraíram a atenção de olhos e ouvidos brasileiros para a magia do frevo.

Deixando de ser um projeto ou experiên-

cia, Asas da América (Vol. II) - Frevo passou a ser um disco esperado com ansiedade. E chegou novamente sob o comando seguro e competente de Carlos Fernando, que já mereceu até o apelido de Poeta do Frevo. Pernambucano de Caruarú, ele está no Rio de Janeiro há quase 10 anos. Mas foi nos festivais de Recife, lá pelos idos de 1968, que ele iniciou sua carreira musical, juntamente com Alceu Valença e Geraldo Azevedo, de quem é parceiro até hoje. Dois nomes que também estão presentes em Asas da América - Vol. II, juntamente com Amelinha, Zé Ramalho, Fagner, Elba Ramalho, Frenéticas, Terezinha de Jesus e Marcos Polo. Todos empenhados em mostrar as riquezas e sutilezas das nuances do frevo de bloco, frevo-canção, frevo-rasgado, frevo de rua, numa manifestação de energia musical poucas vezes vista na MPB. Para Carlos Fernando, foi um desafio compensador, que levou a um aprimoramento no trabalho.

Para Carlos Fernando, "a grande diferença entre os discos Asas da América e Asas da América - Vol. II é que o primeiro foi um trabalho mais regional, consequentemente

mais artesanal. Como uma roça que a gente planta, espera chover para nascer o penódo. Já o segundo é um disco mais urbano, mais produto, bem cuidado tecnicamente, graficamente e esteticamente. Quanto à qualidade artística, literária-musical, pelas quais eu sou o responsável, cabe ao público julgar e não posso investir-me como um crítico neste ângulo de trabalho".

O repertório do LP é o seguinte: Lado A - Tempo Folião (Geraldo Azevedo e Carlos Fernando), com Geraldo Azevedo; Anjo Avesso (C. Fernando), Elba Ramalho; Portela (C. Fernando), Raimundo Fagner; Cravo Vermelho (C. Fernando). Terezinha de Jesus; A Misteriosa (Geraldo Azevedo, Carlos Fernando e Alceu Valença), com Alceu Valença; Capucho no Frevo (Paulo Rafael e Zé da Flauta), com Paulo Rafael - Lado B - Siri na Lata (C. Fernando), Amelinha; Rapaz do Txi (Geraldo Azevedo e C. Fernando), Zé Ramalho; Bye Bye Baby (Nelson Ferreira), Frenéticas; Amanhecer (Iunho e C. Fernando), Marcos Polo; Valores do Presente (Carlos Fernando), com o autor; No Passo do Rafa (Juarez Araújo), com o autor e sua orquestra.



Alceu Valença, Carlos Fernando e Geraldo Azevedo num intervalo de gravação de "A Misteriosa"

AUNIÃO

HÁ 50 ANOS

Ivan Lucena

Derrubada a gameleira de Areia

No dia 29 de março de 1931 A União publicou

O sr. prefeito de Areia, allegando motivo de segurança, mandou derrubar a famosa gameleira ali existente há centenas de annos e venerada como a reliquia mais bella da cidade.

Ao que parece, a velha arvore ameaçava ruina e a municipalidade de Areia prefere ser julgada profana em coisas de tradição a ser accusada de negligente em assumptos administrativos.

Aquelle povo, nascido e educado sob a suggestão da gameleira, testemunha magestosa de seus dias de prosperidade e declinio, não se quer resignar á idéa de seu desaparecimento.

Já era uma entidade tão familiar na vida e no destino da cidade o importante vegetal, que ninguem se lembraria, sem remorsos, de mandar abatê-lo. Mas o zelo excessivo leva os homens a perpetrarem desses golpes no cerne de uma tradição secular.

Achando-se presentemente nesta capital o talentoso advogado e jornalista dr. Horacio de Almeida, filho de Areia e perfeitamente identificado com o espirito e os costumes da linda cidade serrana, julga excellento o ensejo para colher impressões sobre o acontecimento a que nos referimos.

O entrevistado promptificou-se gentilmente a attender-nos, como se segue:

"Eu ainda estava em Areia quando foi posto o machado sobre o tronco da immemorial gameleira. Fiquei desolado com esse cruel attentado ao nosso mais preciosos relicario historico.

A magestosa gameleira, com a phenomenal grossura do seu tronco e os immensos galhos estendidos para o céu, vivia como a pedir protecção para os habitantes da cidade e defendel-os dos ataques imprevistos, offerecendo o seu cerne co' inexpressavel trincheira, como aconteceu no tempo da revolução praieira que sub a sua fronde teve desastrado epilogo.

Todo areiense guardava pela velha arvore uma veneração commovedora que lhe era herdada pelos seus antepassados. Della se occuparam poetas e literatos em paginas cheias de sentimento, que ainda hoje convem ser lembrada.

Pedro Américo fazendo a consagração do grandioso vegetal, em "O Holocausto", dá-lhe uma personificação propria e envolve-o numa espécie de inviolabilidade, com que se explica o respeito e a affeição que lhe tem os areienses. Referindo-se em seguida ao facto de um certo silvestre, proprietario das cercanias, que lhe cortou um dos galhos accrescenta que a Camara Municipal tomou a si a protecção da magnifica figueira, prohibindo que se repetissem esses crimes, que considera de lesa magestade contra um dos maiores principes do reino vegetal.

O que vemos hoje é o proprio representante do município, encarnado nos Silvestres daquelles tempos, a por o machado, não sobre o galho da portentosa arvore, mas sobre as suas proprias raizes, pondo por terra o nosso mais gigantesco patrimonio historico, que também era o symbolo da altivez e supremacia da tradicional cidade.

Com a queda da gameleira vi desaparecer o céo verde da cidade, conforme a adequada imagem do consagrado autor da "Bagaceira". Areia perdia a sua belleza, a sua tradição, o culto do passado, destruindo o seu mais rico patrimonio historico, num acto de irreflecção e desvario.

Compreendi que a cidade se desmoronava, desaggregando-se aos pedacos como um corpo que perdeu a vitalidade, depois de ter completado o pequeno cyclo de sua existêcia.

O vetusto vegetal presidiu á formação da cidade.

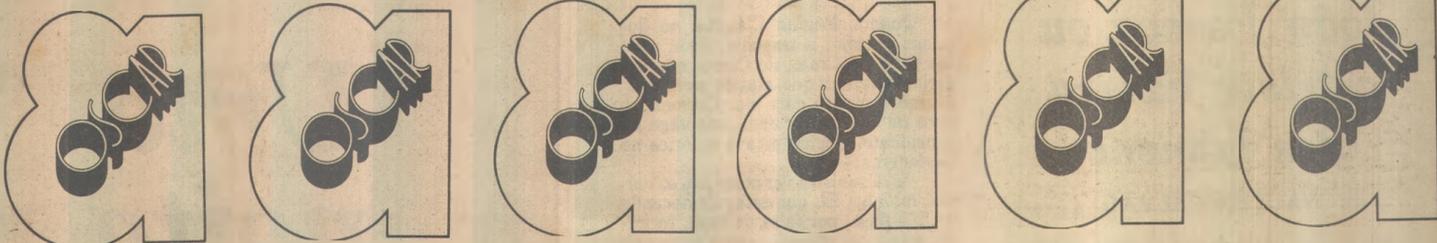
Vamos refletir?

Verônica Lima

Num momento em que o Curso de Comunicação Social começa a sair da infância, urge refletirmos um pouco sobre a nossa praxis interna de lutas. Esta autocrítica, que se faz necessária no presente, transcende ao nível epistemológico (principalmente se este nível se reduz a um debate estéril e descompromissado) e se apóia num processo de conscientização cada vez mais marcante. Como tal, a autocrítica não pode ser simplificada ao uso indiscriminado de jargões (na maioria das vezes, autoconclusivos), que, comumente, não estão conectados a um escopo filosófico pujante (principalmente porque a bandeira liberal esconde muito mais do que usualmente se supõe), nem tampouco ela pode ser servir de nova roupagem no exercício de práticas de cunho neocolonizantes.

E por que tudo isto? Porque é notório o fato de que não se constrói um curso - e muito menos um curso que se relaciona com uma área tão vulnerável do conhecimento humano e da história da humanidade - sem que haja um compromisso histórico (e não meramente administrativo) entre as bases e a sociedade abrangente (embora até mesmo o perfil deste compromisso também se constitua em um dado altamente relevante no encaminhamento do processo). Caso contrário, a própria sociedade civil se encarregará de suprimi-lo ou mesmo de reduzi-lo a proporções insignificantes. Nesta linha de raciocínio, poderemos inclusive lembrar que se fossemos promover um estudo da evolução das sociedades, verificaríamos que não foram períodos de "bonança" ou mesmo de grande "ardor administrativo" que passaram à história, mas, diferentemente, as fases que dispuseram de um aparato filosófico pujante nunca conseguiram ser realisticamente suplantadas (e note-se que elas tenderam a ser altamente conflituosas), nem tampouco deixaram de influir. Além disso, num momento em que se fala em filosofia política, impõe-se também uma discussão profunda em torno de sua autonomia e autogerenciamento, já que a satelitização das sociedades nunca resultou num incremento desenvolvimentista.

Diante deste quadro sintético, resta-nos situar a fenomenologia que alcança o DAC na contemporaneidade. Na verdade, encontramos diante de um impasse político, que se traduz como algo tanto mais real, na medida em que ainda não foi devidamente parametrizado (mesmo diante de todas eventuais "boas intenções"). Entretanto, o problema é histórico e não basta reduzi-lo a proporções facilmente detectáveis (a partir do uso indevido de um empirismo intermitente). Falamos em *democracia*, e continuamos a igualar tal conceito ao exercício do voto, que é elemento indispensável, porém não suficiente, para o pleno exercício democrático. Falamos em *paritária* e continuamos a impor nomes e políticas (ou a sua falta). Falamos em *bionicidade* e continuamos a exercer o contínuismo. Falamos em *comportamento político* e igualamos política a práticas reivindicativas (e que, muitas vezes disfarçam interesses financeiros e de poder). Falamos em "status quo" e continuamos a mantê-lo em nome de um conceito dúbio de eficiência administrativa. Falamos em *eficiência* e continuamos a avaliá-la quantitativamente. Falamos em *colonialismo* (inclusive o acadêmico) e continuamos a exercitá-lo (sem um questionamento adequado) em nome de uma suposta superioridade dos intelectuais estrangeiros e sulistas. Falamos em *paternalismo* e continuamos a exercê-lo irresponsavelmente. Falamos em *verticalidade* e continuamos a nos sujeitar a ela (sem discussão), mesmo quando cremos confrontá-la. Falamos em *filosofia de curso* e continuamos a oferecer paliativos importados. Falamos em *socialização* e continuamos a exercer o personalismo. E tudo isto por que? Porque, como já foi dito, nos falta uma visão histórica mais ampla, que nos permita ver um pouco mais além do que o imediato nos parece sugerir. Para alcançá-la, não basta contarmos apenas com a boa vontade individual ou mesmo de práticas altruístas, mas, ao invés disso, trata-se de buscar traçar as linhas mestras de uma filosofia alternativa, que permita aproximar cada vez mais as bases e a realidade social abrangente (sem outorgamento), com o intuito de transformá-la. Apenas temos de nos cuidar para que não venhamos a defender práticas, meramente transformistas, que apenas reproduzem as relações de dominação sob uma nova roupagem, alimentando-se do mesmo tipo de composições que tem sido norma vigente na arena da política partidária brasileira.



Suspense na escolha e descrença da crítica

Há muita coisa em jogo em Hollywood amanhã, data da entrega do Oscar, tendo aumentado desde ontem as conjecturas sobre os prováveis ganhadores da cobiçada estatueta. A premiação com o Oscar significa, para um filme, pelo menos mais 5 milhões de dólares de arrecadação. E para um ator ou atriz a oportunidade de aumentar as exigências do próximo contrato.

A entrega dos prêmios, a ser transmitida pela televisão para todo o mundo, amanhã à noite (a partir das 24 horas no Brasil), num ambiente de festa, é um problema seriíssimo para todos em Hollywood. Já na manhã de terça-feira, os cinemas procurarão atrair mais públicos com o apelo de que tal ou qual filme ganhou tantos prêmios Oscar.

Mas, desde o princípio, o prêmio de melhor filme esteve entre *Gente como a Gente* (*Ordinary People*), de Robert Redford, e *O Touro Selvagem* (*The Raging Bull*), de Martin Scorsese. Os outros indicados *Tess*, de Roman Polanski, *O Destino Mudou sua Vida* (*Coal Miner's Daughter*), de Michael Apted, e *O Homem-Elefante* (*The Elephant Man*), de David Lynch - só aparecem num segundo plano muito distante. Até há duas semanas, parecia certa a concessão do prêmio a *O Touro Selvagem*, devido a seu sucesso entre a crítica. Mas, conforme os votos iam chegando a Hollywood, a balança foi pesando para *Gente como a Gente*, com *Tess* ganhando uma votação superior à esperada.

O fato de Redford ter ganho o prêmio de melhor direção da Associação dos Diretores, por seu trabalho em *Gente como a Gente*, foi uma indicação de que o mundo artístico de Hollywood, as pessoas que votam na escolha do prêmio, está pendendo para o filme e para o seu diretor. A tendência aumentou na semana passada, com a concessão do prêmio da Associação dos Roteiristas ao melhor roteiro dramático adaptado de outro veículo a Alvin Sargent, autor do roteiro de *Gente como a Gente*.

Também se notou um aumento das cotações de Mary Tyler Moore para ganhar o prêmio de melhor atriz, por seu trabalho nesse filme, embora não de maneira a ameaçar o favoritismo de Sissy Spacek por sua apresentação em *O Destino Mudou sua Vida*. Os especialistas dão poucas chances às outras concorrentes, Ellen Burstyn, Goldie Hawn e Gena Rowlands.

Robert De Niro não terá concorrentes para o prêmio de melhor ator. Seus concorrentes mais próximos - John Hurt, de *O Homem-Elefante*, Peter O'Toole, de *O Substituto* (*The Stunt Man*), Jack Lemmon, de *Tributo* (*Tribute*), e Robert Duvall, de *O Dom da Fúria* (*The Great Santini*) - praticamente foram indicados apenas para completar o número regulamentar de cinco.

Entre os filmes estrangeiros, parecem ter mais possibilidades *Le Dernier Metro*, do francês François Truffaut, *Kagemusha*, do japonês Akira Kurosawa, *El Nido*, da Espanha, *Confiança*, da Hungria, e *Moscou não Acredita em Lágrimas*, da União Soviética.

Por outro lado, há jornalistas que dizem que os Oscars de cinema norte-americano, a ser anunciados amanhã, refletirão um mercado cinematográfico em declínio, e, segundo muitos críticos, com perda de qualidade do cinema norte-americano.

Passando em revista a produção cinematográfica do ano passado, um grande número de críticos opinou que houve uma perda de qualidade dos filmes. Isto - disseram - se refletiu no escasso número de películas que dividirão entre si os prêmios que se entregam anualmente; além de *Gente como a Gente*, *O Destino Mudou sua Vida*, *O Touro Indomável* e *O Homem-Elefante*, apenas *Melvin and Howard*.

Há exatamente 21 anos que uma produção rodada em preto-e-branco não recebe o Oscar máximo: o prêmio de melhor filme do ano. Em 1960, *Se meu Apartamento Falasse* (*The Apartment*), de Billy Wilder, conseguiu cinco Oscars, entre os quais os de melhores filme, direção e roteiro original, sendo o último grande vencedor antes do domínio total do *technicolor* e similares. Agora, em 1981, dois dos cinco filmes escolhidos pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood para concorrerem ao Oscar principal são produções filmadas em preto-e-branco: *O Touro Indomável* e *O Homem-Elefante*.

Para os brasileiros, a cerimônia de entrega dos Oscars referentes aos melhores filmes exibidos nos Estados Unidos em 1980 será apresentada pela Rede Globo, diretamente de Los Angeles, amanhã, logo após o *Globo Revista*. Neste programa, em seu último segmento, haverá também uma reportagem especial sobre os concorrentes aos Oscars, e as possibilidades de cada um serão analisadas pelo crítico cinematográfico

Rubens Edwald Filho e o repórter Hélio Costa, entre outros.

Um dos momentos mais importantes da noite deverá ser a entrega a Henry Fonda do Prêmio Especial da Academia. Em 45 anos de cinema, aproximadamente 90 filmes e inúmeras interpretações marcantes, Fonda nunca recebeu um Oscar por seu trabalho como ator. Esta extraordinária carreira é finalmente reconhecida oficialmente pela Academia e espera-se que Fonda, aos 75 anos de idade, receba uma homenagem tão bonita e emocionante



"Gente Como a Gente" é forte candidato a melhor filme



Roman Polanski durante as filmagens de "Tess"



"Le Dernier Metro": entre os estrangeiros

quanto a que mereceram Cary Grant, Charles Chaplin, John Wayne e Laurence Olivier, entre outros.

O segundo Oscar já anunciado também é especial e vai para o filme *O Império Contra-Ataca* (*The Empire Strikes Back*), produzido por George Lucas, que receberá o prêmio de maior contribuição no campo dos efeitos especiais. Em 1977, o mesmo prêmio foi conferido ao precursor dessa produção *Guerra nas Estrelas*, dirigido por Lucas e o filme de maior bilheteria da história do cinema.

As categorias principais do Oscar são conhecidas nos Estados Unidos como *money categories*, já que o recebimento ou mesmo a indicação do prêmio influem decisivamente na bilheteria do filme.



Ellen Burstyn espera ganhar o prêmio de melhor atriz pela segunda vez

Redford, um diretor tão bem sucedido como o ator



As mulheres, que o consideram um irresistível modelo de beleza masculina, não gostaram muito da notícia: Robert Redford mudou de lado no cinema, preferindo ficar atrás das câmeras. Diretor, não aparece na tela em seu último filme. A crítica, entretanto, não poupa elogios ao estreante. A de Nova-Jorque já lhe concedeu o Globo de Ouro, no início de fevereiro. *Gente como a Gente* também ganhou o melhor filme, sobrando prêmios para Mary Tyler Moore, de melhor atriz, e para Timothy Hutton, de melhor ator coadjuvante e revelação do ano.

O filme está cuidadosamente guardado nas prateleiras da distribuidora para um lançamento simultâneo em todo o território nacional (à exceção de São Paulo, onde já está em cartaz). O triunfo deve ser lançado esta semana, quando acontecer a premiação do Oscar, já que *Gente como a Gente* pode ganhar o prêmio de melhor filme. A Paramount põe muita fé em Redford, apontado como um dos mais fortes candidatos.

VELHO SONHO

Depois de aparecer no teatro e na TV algumas vezes, Redford, que havia estudado artes decorativas em Nova Iorque, foi chamado para estreiar no cinema. Era 1961 e ele logo chegaria ao estrelato. Desde então, começou a pensar em dirigir. A oportunidade surgiu quando Redford leu os direitos de filmagem antes da publicação. *Homem dedicado à família*, casado há 21 anos, que tem uma sala decorada com fotos da mulher, Lola, e dos três filhos em seu escritório, ele só poderia gostar do livro, que conta a história da desagregação de um lar.

"Nossa sociedade precisa de uma base. É sobre a família que ela está fundada. O divórcio, a discussão em torno do casamento, as ligas feministas - embora eu não seja inteiramente contra elas - são a nossa ruína". Isso é o que pensa o diretor, que se declara um conservador, produto puro da Califórnia, onde nasceu, e dos anos 60, tempo em que as mulheres era reservado o espaço da cozinha. No entanto, não quer simplificações apressadas. Lola não fica no cozinha. "Ela tem idéias próprias", diz.

Agora, Redford-diretor pretende reorganizar seu tempo. Quer ficar mais em casa. Mas nem pensa em abandonar a carreira de ator. Essa experiência, aliás, é sua melhor arma. É o que diz Donald Sutherland, que fez o papel do pai em *Gente como a Gente*. "Bob é maravilhosamente intuitivo como ator. Por isso sabe comunicar-se com outro. Ninguém, só Fellini, talvez, me dirigiu fisicamente como Bob, que construiu desde o meu corpo até o meu rosto. No filme, ele fez um verdadeiro trabalho de pintura".

Johnny Carson será o mestre de cerimônias amanhã, participando também, o bailarino Mikhail Barishnikov; mais Luciano Pavarotti, Richard Pryor e os vencedores do Oscar do ano passado, Dustin Hoffman e Sally Fields.

Na categoria de melhor diretor concorrem David Lynch, por *O Homem-Elefante*, Robert Redford, por *Gente como a Gente*, Martin Scorsese, por *O Touro Indomável*, Richard Rush, por *O Substituto*, e Roman Polanski, por *Tess*.

O astro Robert Redford concorre

com o primeiro filme que dirige. Se Redford ganhar o Oscar de direção, será o primeiro cineasta a conseguí-lo com o filme de estréia, desde 1955, quando Delbert Mann levou o prêmio por seu trabalho em *Marty*.

Na categoria de melhor ator coadjuvante foram indicados: Jason Robards, por seu papel de Howard Hughes em *Melvin and Howard*; Judd Hirsch e Timothy Hutton, por *Gente como a Gente*; Michael O'Keefe, por *O Dom da Fúria*; e Joe Pesci, por *O Touro Indomável*. Ganhador de dois Os-

"O Touro Indomável": para olhos e ouvidos atentos



As aparências, mais uma vez, enganam. O Touro Indomável pouco tem a ver com cinebiografias de boxeiros do gênero Marcado pela Sarjeta. O corriqueiro não é o forte de Martin Scorsese. Para início de conversa, ele se recusa a expiar a infância de seu biografado, o ex-campeão de pesos médios (em 1948), Jake La Motta, definitivamente afastado do título máximo por Sugar Ray Robinson, em 1951. Teria sido cômodo, além de dramaticamente corriqueiro, justificar o furor incontrolável do personagem com um passado de privações, por coincidência compartilhado, durante algum tempo, num reformatório do Bronx, com o também ex-campeão Rocky Graziano, encarnado por Paul Newman, há 25 anos, em Marcado pela Sarjeta.

Omite-se o prontuário delinqüente de La Motta, mas nem por isso ele desponta com um arjo incompreendido. Nenhuma das alterações pronunciadas por Scorsese e Robert de Niro deixou-se levar pelo desejo de glamorizar a via crucial, do personagem. Mesmo porque sua antipatia, além de sua autêntica, serviu melhor aos objetivos do projeto: uma parábola, nitidamente cristã, sobre a redenção de um animal que nos excessos de sua fúria perde os últimos vestígios de humanidade. Quanto mais primitivo, mais próximo da pureza. Não é a primeira vez (vide *Taxi Driver*) que o cineasta defende essa tese.

Al Silvani, ex-treinador de La Motta e por catorze semanas conselheiro técnico de De Niro, acha que o filme exagerou na violência, a ponto de adulterar o estilo, "bem menos brutal e mais compassado", de seu pupilo. La Motta, ao contrário, gostou: "No geral, foi aquilo mesmo. Talvez pior, para a maior parte do estrago era por dentro e não no rosto".

O tratamento expressionista que ao som é dado e a intimidade com que a câmera de Michael Chapman vasculha o ringue tornam as lutas um singular espetáculo de selvageria - atordoante com um pesadelo.

No essencial, pois, Scorsese foi de uma fidelidade irrepreensível. De Niro, então, nem se fala. Engordou 30 quilos para ficar igual a La Motta, em sua fase decadente. Em matéria de obsessão e narcisismo, personagem e protagonista, vê-se, são almas irmãs.

Por trilhas envidadas, quase imperceptíveis, Scorsese reconstituiu o mood da época e dos personagens. Com o cineasta, La Motta teve no cinema e na música popular dois incontroláveis faróis culturais. Apaixonou-se por Vickie (recriada na tela à perfeição pela belíssima Cathy Moriarty) porque se assemelhava a Lana Turner. Em sua fase como entertainer de boate, cansou de tirar do algebeira o célebre monólogo que Marlon Brando desfia para o irmão em *Sindicato de Ladres*.

Mais do que para estômagos de ferro, *O Touro Indomável* é um filme para Olhos e ouvidos muito atentos. - ("Isto É", 4/3/1981).

cars, Jason Robards é o único veterano nesta categoria, já que os outros quatro atores concorrem pela primeira vez.

Na categoria de melhor ator coadjuvante estão Eva Le Gallienne, por seu papel em *Ressurrection*, Eileen Brennan, por *Private Benjamin*, Cathy Moriarty, por *O Touro Indomável*, Diana Scarwid, por *Inside Moves* e Mary Steenburgen, por *Melvin and Howard*. Todas são indicadas para um Oscar pela primeira vez e Eva Le Gallienne, com 82 anos de idade, é a mais velha profissional a concorrer a um Oscar.

Lamarck em João Pessoa ou a triste lixeira dos homens

WALTER GALVÃO

Da primeira vez em que me assassinaram perdi um jeito de sorrir que eu tinha.

Depois, aprendi a conviver com a segunda vez, a terceira e com os outros crimes. Pequenas mortes que pinotam em nosso caminho e atomizam em lágrimas as forças que acumulamos com o sofrimento, pensando que serão suficientes para enfrentar as crises, os assassinatos que deceparam o riso da nossa esperança.

Caminho na rua João Machado. Carrego o jornal que espreme em suas colunas o cheiro escuro da corrupção dos nossos dias. A corrupção. Tropeço na vassoura de uma funcionária da prefeitura com roupas mais que sujas tentando extirpar das ruas o lixo definitivo do nosso tempo.

Ela não pensa em corrupção. À sua mesa diária, lamentações. Sem comida seguem, ela e outros, centenas, milhares, às ruas catar lixo. A horda de esfaimados rejeita o jornal que transporto sob o meu braço aséptico, protegido por saudáveis borrifadas de um desodorante qualquer.

Os desvalidos renegam o brilho do poder. Respiram outra dimensão enquanto me preocupo, quase às lágrimas, com o vestido roto da varredora. O salário mínimo lhe garante a dignidade? O seu caráter se alimenta da ansia tribal: sobrevivência.

Atravessamos vários mundos. O prazer também faz seus bastardos.

Cabeças legítimas contemplam o luar de Tambaú. Amor & sexo & drogas são os "tickets" do prazer, na João Pessoa acetinada. Garotões felizes respiram uma dimensão protegida por gerações de poderosos. Minhas divagações são geralmente atropeladas por motos velozes que lambem o chão com a fúria juvenil dos seus pilotos, senhores-donos do futuro de milhares.

Essa, a História. Do protozoário à Cibernética. De Trimegistos e Amenophis a Sadat; de Cabral e Astrojildo Pereira a Golbery.

Brasil das distonias, das infecções políticas, dos assassinatos, dos ladrões de sorrisos, dos ladrões. As congestões históricas atropelam minhas horas de leitura. Cultivo temores, cultivo rancores.

Cientistas reabilitaram Lamarck. Será que amanhecerei, num dia desses, com uma chaminé na barriga? Transmitirei, apesar de Darwin, essa angústia a meus filhos?

Exorcizo temores em crônicas nervosas para exilar do futuro esses desencanto que sufoca tanto. A realidade paraibana, microcosmo dos desencontros ocidentais. Miseráveis flagelados nordestinos. Carma, destino, chuva e seca. A batalha dos palestinos, o terrorismo mundial contra o Nordeste.

O misticismo de Asa Branca tempera a frieza racista dos franceses. No Quartier Latin, discute-se assassinatos em escolas, a loucura de Althusser. No Bar da xoxota, o dilúvio. No viaduto "Damásio Franca", as chantagens; é a vida.

Nunca entendi economia; pouco me interessavam varredoras municipais ou qualquer gatão sacolejante e máquinas envenenadas. Saio agora da toca irreal dos sonhos e assisto na tela panorâmica dos fatos concretos a irrealização de várias gerações.

O novo disco de Caetano, as evoluções técnicas de Bertolucci em La Luna, o poema quente de Carlos Najar, os passos decididos de Caixa D'água na rua Diogo Velho, a emoção de sentir-se querido, chuvarada na manhã de quarta-feira, os garotos miseráveis que pedem pão pelas esquinas são os sinais da necessidade de um encontro imediato de qualquer grau com o amor esquecido.

Nas noites de sexta-feira é um doce prazer beber o luar. Proposta de Gilberto Gil, "hobby" de feticípios que se lançaram ao mar primeiro, moonlight encantando a nós, lobos selvagens, que vivamos e lutamos pela anistia definitiva. Sem os "donos". Com pão, música e felicidade.

Quando Regina Cláudia, no domingo anterior a tragédia, ligou para sua mãe em Crato, no Ceará, não poderia imaginar que aquele seria seu último contacto com ela. Correndo o risco de não contar com uma vaga no pensionato, Regina estava eufórica no telefonema:

- Prá senhora ver como são as coisas, mamãe. Eu que estava ameaçada de não ficar, por falta de vaga, terminei sendo beneficiada: estou dormindo numa cama nova, com colchão ortopédico.

Verdade, Regina não iria ficar no pensionato, exatamente por não ter vaga prá ela. Somente sua insistência dobrou a resistência de minha mãe, que concordou em que ela ficasse numa espécie de rotatividade até que uma vaga real aparecesse. E na noite fatídica ela dormia no quarto novo recentemente adquirido por Socorro, funcionária da Telpa e gozando merecidas e oportunas férias em Ouro Branco, sua terra natal.

Não seria essa, finalmente, a última coincidência negativa para Regina Cláudia. Foi ela também das primeiras a cair dentro do buraco e finalmente era ela que caía de costas, era levada assim de galeria á fora, sem chances de defesa e sem condições de respiração. O laudo cadavérico, inclusive, acusa o afogamento com uma de suas causas mortis.

A alegria de seus dezenove anos acabava assim de maneira melancólica, como se estivesse sendo vítima de uma trama bem urdida do destino contra ela. E o sonho acalentada da universidade morria bestamente através de um acidente deplorável.

NOITE DE CÃO

Minha mãe residia naquela casa há pelo menos 13 anos. Nunca lhe passou pela cabeça, nem por sombra, que por baixo da casa pudesse correr, impávida, uma galeria pluvial. Aliás, muito antes pelo contrário, sua preocupação maior era com o teto, por entender que um madeiramento antigo daqueles não teria condições normais de resistir a uma intensidade maior de chuvas, como era o caso daquelas que vinham caindo desde o domingo anterior.

Tanto assim que, por coincidência, havia até contratado os serviços para retalhamento de alguns aposentos da casa, coisa que seria realizada no dia seguinte.

E seria exatamente a escada trazida pelo encarregado de fazer o serviço de retalhamento, que terminaria salvando a todos que, caindo dentro do buraco aberto pela galeria estourada e pelo piso desmoronado, não tinham como sair dali.

Foi, realmente, uma noite de cão.

SURPRESA TRÁGICA

A noite transcorria normalmente naquela data. Nas duas salas da casa, as moças se dividiam, em atividades diversificadas. Um grupo mais numeroso ocupava as poltronas da sala da frente, entretidas vendo televisão. Na outra, algumas delas se dedicavam aos estudos, ocupando a mesa grande.

22 horas - hora de recolher. Não por uma imposição rígida e sim até por um disciplinamento próprio e espontâneo delas, se prepararam para se recolher aos seus aposentos. Regina Cláudia, mais do que o comum, extravasava uma alegria incrível. Brincava com uma, brincava com outra, provocava uma, provocava outras, sempre num ritmo crescente de alegria.

Foi ela, inclusive, a última a se recolher, brincando sempre com o detalhe da cama nova e do colchão ortopédico. Ocupava a cama de baixo do beliche do lado direito. O primeiro por si, a cair tão logo o chão se abriu e o quarto foi tragado para dentro das águas.

Verônica, a que escapou, dormia no mesmo beliche, sendo na cama superior. Mas foi inexplicavelmente, e primeira a ser atraída para dentro da galeria. E por esse detalhe mesmo, ter conseguido escapar, já que se Regina cai na sua frente, fatalmente lhe obstará a passagem.

SEJA O QUE DEUS QUIZER

E a partir desse detalhe, há que se levar em consideração uma série de fatores. E um deles o mais importante: o que se formou de pormenores negativos para Regina Cláudia, há que se creditar positivamente para Verônica.

O jornalista Abmael Moraes, involuntária e circunstancialmente terminou se envolvendo muito diretamente com a chamada Tragédia da Galeria, quando em função das fortes chuvas caídas na cidade na noite da terça-feira da semana que passou, uma galeria pluvial terminou transbordando e provocou o desabamento de um quarto da residência nº 319, na 13 de maio.

Nele, cinco pessoas do sexo feminino dormiam. Acoraram já dentro das águas, revolvendo-se junto a guarda-roupas e beliches.

Uma noite de cão

ABMAEL MORAIS



A começar da própria afirmativa do tenente que comandava o pessoal dos bombeiros:

- Tecnicamente, ela (Verônica) não poderia sair por onde saiu.

Mas o fato é que ela saiu e está aí, viva, para contar a história. A história de um milagre, sem dúvidas.

E o depoimento de Verônica é patético:

- Só me lembro que acordei dentro d'água. A estas alturas, malas, guarda-roupas, beliches, uma parafernália incrível, coabitava o buraco. Ao meu redor, os outros lutavam contra as águas e contra as coisas que boiavam. Quando me dei conta, estava dentro da galeria. Tentei sair procurando o teto, mas não deu. Voltar seria impossível, principalmente pelo volume das águas. Ai, pensei comigo mesmo: "eu não vou, vão me levando. E seja o que Deus quiser".

Deus realmente quis. E Verônica se ajudando de alguma maneira, terminou saindo na Lagoa, aportando em terra firme, já que não chegou nem a ser despejada dentro d'água.

Ferida, muita ferida, mas viva. Era o que importava.

LUTA GLORIOSA

Enquanto Verônica se debatia na galeria, dentro do buraco, aquelas alturas, já com uns quatro metros de altura, a luta não era menor. As cinco pessoas caídas inicialmente - duas delas desaparecidas, no caso Regina e Verônica - outras também se juntavam. Minha mãe e meu irmão, na tentativa de salvar os que estavam dentro, terminaram por cair também e foram engrossar o bloco.

Depoimento de minha mãe:

- Eu não havia adormecido de todo ainda. Estava naquele interregno entre o sono leve e o pesado quando ouvi um estalido forte, seguido de um grande estrondo. Me levantei apavorada e quando sai à sala vi o buraco enorme aberto no assoalho.

Ela então voltou ao seu quarto e da janela passou a gritar pelo meu nome, eu que já dormia também. Segundo soube depois, deveria ser mais ou menos 23 horas e 30 minutos. Como eu não acordasse, logo ela voltou à sala e tentou fazer uma operação salvamento. Foi infeliz e terminou caindo também dentro do buraco, depois que a parte do piso onde ela se situava, também cedia.

Mais gritos, mais algazarra, pânico mesmo, terminou nos acordando a mim e a meu irmão que, coincidentemente, estava de passagem por aqui. E na correria agitava e pouco lúcida, mesmo porque nós não atinávamos nem mesmo com o que pudesse estar acontecendo, terminaram acontecendo mais quedas dentro do buraco.

- Pensamos, em princípio, que se tratasse de um ladrão.

HERÓIS & ANTI-HERÓIS

Verônica sai na Lagoa. Chuva forte, torrencial, e ela em terra firme. Sem acreditar, claro, que pudesse estar viva. Tocou com os pés no chão, num banco de areia, e tratou de se orientar. Olhando em torno viu o prédio da Mesbla:

- Estou viva, graças a Deus, e na Lagoa.

Pensamente, atravessou o estacionamento da Urban e chegou até Pietro's. O bar estava com o movimento praticamente encerrado. As mesas já recebiam as cadeiras e somente alguns retardatários ocupavam mesas no pavimento superior. Alguém varria a parte inferior e foi dessa pessoa que Verônica se valeu:

- Pelo amor de Deus, me leve até em casa.

■ O que foi que aconteceu?

Claro que procedia a curiosidade. Mais de meia noite, uma mulher toda ensanguentada e em trajes de dormir, debaixo de um toró daqueles, causava espécie. Ligeiras explicações e a ajuda garantida. Ele trouxe Verônica até em casa.

Do lado de cá, a luta não havia sido menor. Depois que todos caíram dentro do buraco e ficaram sem a mínima chance de socorro, terminaram contando com a solidariedade de um humilde contínuo da Saelpa que, ouvindo os gritos desesperados de "tragam uma escada", pulou o muro da casa, recolheu a escada no quintal e pacientemente deu condições a quem um a um deixassem o inferno do buraco.

Na euforia por se sentir fora do perigo iminente, ninguém havia notado ainda a ausência das duas. E foi a chegada de Verônica que alertou.

PREOCUPAÇÃO GERAL

Joana D'Arc, irmã de Verônica, foi a primeira a sair do buraco. Nem bem a escada desceu, ela subiu numa rapidez meteórica. Queria a irmã. Pacientemente, todos dentro do buraco, sentindo que a salvação estava próxima, consentiram numa ordem hierárquica para que se saísse: mulheres e mais velhos primeiro, homens depois.

Um anti-herói dentro do episódio: o vigia da Saelpa não moveu uma só palha para ajudar na situação. Cruzou os braços e limitou-se a jogar na posição de espectador. E somente depois que todos já haviam saído e bastante gente já chegava naquela de ajudar, deu o ar de sua graça. Mas, mesmo assim, muito discretamente. Admostei:

- Pode voltar prá o seu lugar. Lugar de supervisor só tinha um e eu já ocupei. A reação teria que ser essa, claro. E pela posição privilegiada, teria que ser primeiro a prestar socorro diante daquela iminência. Tinha telefone - que poderia acionar polícia, bombeiros, quem quisesse -, tinha revólver - na pior das hipóteses começaria a atirar para o alto, chamando a atenção, qualquer coisa - só que não fez nada.

Postura desumana, covarde, omissa, inconveniente, intempestiva, merecedora de reparos. E, da mesma maneira que tem que se louvar a coragem, a iniciativa e o despreendimento de seu colega de repartição (o contínuo), dele (o vigia) só se pode falar negativamente, exatamente pela negatividade do seu (mau) comportamento. E se um mereceu (justamente) os elogios e a promoção, esse outro, até por coerência, não tem como justificar sua postura pusilânime, sem necessitar uma represália.

FINAL MENOS INFELIZ

Bom mesmo seria concluir que "entre mortos e feridos escaparam todos". O sacrifício de Regina, porém, impede a afirmativa, mas pode-se dizer que diante do quadro vivido aconteceu um mal bem menor. O elemento surpresa, preponderantemente negativo no quadro, foi vencido pela tenacidade, pela vontade de viver e pela solidariedade dos que prestaram socorro às vítimas, praticamente em cima da hora.

Mas, do episódio ficam algumas indagações:

- Como é possível, por exemplo, se deixar construir uma casa em cima de uma galeria pluvial?

Como é possível a própria Prefeitura dela não ter conhecimento?

- Até onde vai a responsabilidade da Edilidade diante do episódio quando, inclusive, alguns dias antes da tragédia era alertada pelo proprietário da casa de que estariam havendo infiltrações d'água nas paredes?

- E, finalmente, será que somente com a afirmação de que "não podemos ser responsabilizados por uma obra construída há quarenta anos atrás" a Prefeitura se isenta de culpabilidade da consequente indenização?

Acho que não, mesmo porque contraria os mais elementares e mais conhecidos princípios do Direito.

Repórter vira notícia

Uma delas, porém, não teve a chance de acordar: foi encontrada no dia seguinte, atravessada em uma das galerias que desaguam na Lagoa. Regina Cláudia, 19 anos, estudante,

não teve a mesma sorte de sua colega Verônica que, milagrosamente, percorrendo o mesmo trajeto que ela, conseguiu desaguar no Parque Solon de Lucena.

E o por que do envolvimento direto do jornalista com o caso? Por um motivo muito simples: o pensionato localizado naquele endereço é de propriedade de sua mãe - Maria da Paz Correia de Moraes - e era lá também que ele residia, num apartamento fora da casa propriamente dita.

E ele que ao longo de seus quase vinte anos de jornalista profissional, esteve afeito às mais variadas coberturas, viveu naquela noite uma situação insólita: ele, o catador de notícias, passava a ser notícia, envolvido que esteve diretamente com o fato.